This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

**Usage guidelines**

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

**About Google Book Search**

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

**Diretrizes de uso**

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

**Sobre a Pesquisa de Livros do Google**

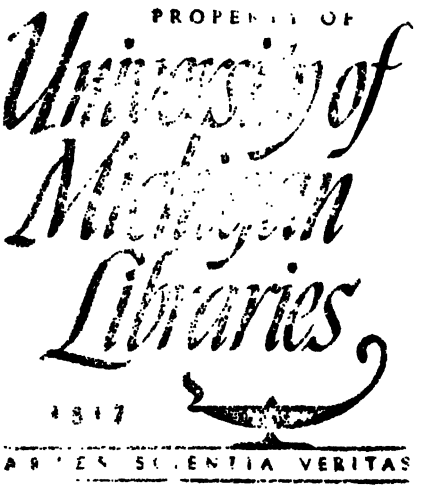
A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

869.8
C348hn
1869

A 469286

# UM HOMEM DE BRIOS

RESCE·A·LUZ
DÉMICA
SILVA
BERDADE, 12
E, 25988



# UM HOMEM DE BRIOS

UM

# HOMEM DE BRIOS

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

TERCEIRA EDIÇÃO

PORTO
EM CASA DE CRUZ COUTINHO—EDITOR
CALDEIREIROS, 18 E 20
1869

tradas que impediram fazerem-se conhecidas as MEMORIAS DE D. JOÃO, livro excellente de Mallefille, attribue este naufragio ás tempestades das ultimas revoluções francezas. No ardor das refregas sociaes, quando a liberdade, ebria de sangue, obedecia á inspiração vertiginosa do seu novo pacto social, quem leria as MEMORIAS DE D. JOÃO?

Os meus naufragios devem-se a causas menos calamitosas para a humanidade. É d'ella todo o proveito, se esquece na estante do editor arruinado um livro, que teve a imprevidencia de nascer quando a montanha mugia trabalhada nas dôres do seu parto.

Eu tenho visto ratos darem á luz montanhas; um grão d'areia encravar o eixo do globo; causas insignificantes produzirem effeitos estrondosos; mas d'esta vez não me maravilhou o silencio desanimador com que a critica recebeu o meu pobre volume.

A época era do meu amigo Faustino Xavier de Novaes. As ridicularias mais accessiveis ao ôlho do vulgo esperavam penna habil que as moldasse na quintilha salgada da musa popular. Essa aptidão é o raro dom dos que entram os ombraes da immortalidade a rir das coisas e das pessoas d'este mundo. É o dom indisputavel do senhor Novaes. É a maxima do cavalleiro d'Oliveira:

*Se um homem se pozer ao officio de viver sério, crearâ malvas á porta.*

Eu não posso calcular qual dos meus descendentes, do seculo XXIII em diante, fará a segunda edição do meu romance: o que posso affirmar é que o senhor Novaes está fazendo a segunda, e fará a oitava dos seus versos. Oxalá.

Ahi fica uma modesta confissão de que não são capa-

zes todos. Chama-se a isto sacrificar o amor proprio a bem definir a época em que vivemos, poetas, prosadores, e consumidores. Se alguem descobrir a vibora debaixo d'estas hervas, deixe-se morder, e morra, que defeca a sociedade d'um tôlo.

O certo é que d'esses poucos compradores do meu romance conheço dois que me fizeram o favor de o lêr até ao fim, com a louvavel intenção de me dizer que o romance não acaba bem, porque, além de... tendo em vista..., sendo certo que..., attendendo a..., o romance não acaba bem.

Das razões que os meus benevolos censores adduziram, colhi: 1.° que o romance acaba mal; 2.° que estava em pouco fazel-o acabar bem; 3.° que a baroneza d'Amares não devia ficar viva, ou pelo menos com juizo, visto que eu podia matal-a, ou, por grande favor, enlouquecel-a; 4.° Guilherme do Amaral não devia fazer o que faz muito boa 'gente—seduzir, esquecer, comer, beber, dormir, e acordar para seduzir, esquecer, comer, etc.; 5.° eu devia dizer o fim que tiveram a baroneza, o barão, o Amaral, o filho adoptivo da costureira, a prima do Amaral, e o poeta. Os assassinos queriam que tudo isto morresse desde 1849 até 1855, em que eu, a pedido d'um archivista de successos contemporaneos, escrevi o romance! Ha d'estes leitores sanguinarios, que compram um romance como quem aluga uma janella para vêr pernear um justiçado no triangulo!

Para estes o romance, que visar á exactidão dos costumes, é frio, e não póde acabar bem. Romance sem sarrabulho é coisa triste como o dezembro em casa do lavrador que não matou cevado.

O amor que leva á seducção, a seducção que leva ao fastio, o fastio que leva ao abandono, são alternativas de todos os tempos, nas quaes não se repara, nem o espirito se apraz de vêl-as escriptas em letra redonda, cujo officio deve ser arripiar os cabellos, e espremer lagrimas nos olhos rebeldes ás muitas dôres da realidade desapercebida.

O meu romance, nas scenas mais importantes, é verdadeiro: não podia deixar de ser natural; é natural: não podia deixar de ser frio, embora diga Ponsard: *ce qui est froid, c'est ce qui est faux.* As temperaturas e os temperamentos variam muito entre França e Portugal.

Muitos talentos benemeritos hão de passar ignorados antes que os quadros da vida, como ella é, substituam os garridos paineis vermelhos e amarellos que os belfurinheiros litterarios penduram no cordel da recommendação jornalistica, irrisoriamente chamada critica litteraria. Esses muitos terão admiradores sinceros, e eu serei um d'esses, o mais fraco de todos para coadjuval-os na sua menosprezada tarefa, mas o mais ardido para seguir-lhes contente os vestigios por onde se desencontraram do gosto das turbas.

É uma gloria não pequena agradar a dois que nos dizem: «o teu livro devia ser lido.» Esses dois são de certo os unicos que o entenderam: os outros lêram-o.

Eu desejo escrever o romance de modo que o meu leitor—se Deus me deparar um com experiencia do mundo, e alma capaz de crear, pela reminiscencia de illusões extinctas, novas illusões—possa dizer: «a vida é isto...»

Se posso espalhar alguma flôr sobre a chaga do vicio asqueroso, antes quero que os experimentados me taxem

de imperfeito nos traços, e que os innocentes vejam as imperfeições sem conhecel-as. Creio que me entenderam; e se não entenderam, eu não sei explicar-me melhor.

Desejo, outrosim, não crear visões de virtude exagerada, porque dou tanto pela immoralidade de Vautrin, como pela resignação da Angelica, como pela paixão suicida da Dama das Camelias. Na natureza não ha d'isto; e eu penso que a realidade é de si tão fertil, que não precisa pedir de emprestimo á imaginação.

E não vejo outro modo de desmentir esta judiciosa sentença de Boiste: *Les romans ne peuvent être que dangereux soit par les exhalaisons du vice et de la corruption, soit par les fantomes d'une perfection idéale.*

Por consequencia, verdade e mais verdade. Vivamos n'este mundo com os nossos heroes e os nossos leitores, para que o critico citado nos não venha dizer, que *quem tem a cabeça cheia de romances não vive n'este mundo.*

Antes de terminar, vou lembrar dois factos aos que se doem do desconceito em que são recebidos os seus escriptos, ingratos ao vulgo.

Seja o primeiro a historia de *Stendhal*, e seja elle o que a conte:

«...Eu tinha então, como sempre, muito pouca experiencia de coisas litterarias. O livreiro, a quem eu fizera presente do meu manuscripto, imprimiu-o em papel mau e ridiculo formato. Passado um mez, perguntando-lhe eu novas do livro, respondeu-me:—Póde dizer-se que é sagrado, porque ninguem lhe toca.—Eu nem sequer ousára pensar em pedir artigos aos jornaes: tal coisa parecia-me ignominia... O resultado da minha

ignorancia das condições do mais humilde acolhimento foi encontrar dezesete leitores desde 1822 a 1833.»

Este livro, leitores, era a PHYSIOLOGIA DO AMOR. Se não conheceis o livro, é preciso dizer-vos que eu li-o na decima-quarta edição.

O outro caso:

Um rapaz bateu á porta d'um livreiro e offereceu-lhe um manuscripto por pouco mais que o valor do papel. O livreiro acceita com cara de protector, imprime, annuncia, e, passados mezes, vende a obra a pêso, para desempachar os vãos das aguas furtadas. O unico exemplar sahido da estante estava em casa do author. O livro era SMARRA, que eu li na decima edição. O author era *Charles Nodier*. Este nome é um dos mais distinctos da litteratura d'este seculo.

Lembram-me agora mais dois... mais quatro casos, mais vinte, que sacrifico á minha preguiça. Os que aproveitam de similhantes exemplos, sabem-nos. Resignem-se com elles; e, se a paciencia lhes cansar, dêem dois piparotes na arte, e escrevam para esta gente.

É natural que me respondam com Desnoyers: *Le mauvais même a ses labeurs. Ne fait pas du mauvais qui veut.*

Disse.

Vai começar o romance.

# UM HOMEM DE BRIOS

## I

Guilherme do Amaral, sósinho no seu quarto...

«Quem é Guilherme do Amaral?»

Pergunta sensata que o leitor se digna fazer-me com uma careta não menos sensata que a pergunta.

Guilherme do Amaral, a paginas duzentas e noventa e quatro d'outro romance [1], ficára sósinho no seu quarto, depois que o poeta sahiu para entrar no baile da baroneza d'Amares.

Decorridos alguns minutos de pasmo, o nosso amigo accendeu o facho da sua razão illustrada, entrou em dialogo com a sua consciencia tranquilla, e perguntou-lhe se sériamente aquella baroneza de Amares era a costureira da rua dos Armenios.

A consciencia respondeu que sim, e emmudeceu envergonhada d'outras perguntas que o coração lhe fazia.

1 *Onde está a felicidade?*

*O coração!* pois é crivel a existencia de coração no peito d'este homem?!

É; eu creio que é. Desgraçadamente estudei quatro linhas de anatomia, outras tantas de physiologia, e não posso duvidar da existencia de um *musculo óco, orgão central da circulação, muito forte, de fórma conica em geral... situado na cavidade thoracica obliquamente de cima para baixo, e da direita para a esquerda, dentro do pericardio.* Esta entranha chama-se CORAÇÃO. [1]

O que não vi nos meus compendios foi uma prova convincente de que o coração entretem palestra com a consciencia, para poder àqui asseverar-vos que a consciencia de Guilherme do Amaral era susceptivel de vergonha. Não me arrisco aos percalços d'esta questão, porque não estou bem certo da distancia que vai do coração á consciencia, e menos ainda se é possivel envergonhar-se esta do que faz aquelle. Ao primeiro intuito, consciencia, coração e espirito afiguram-se-me entidades que operam unidas, elevam-se unidas, despenham-se unidas, e interessam-se nos jubilos da virtude, ou nas tristezas do remorso. Isto é o que me parece; e se disse heresia metaphysica ou theologica, desdigo-me de tudo, menos de que havia um coração no peito de Guilherme do Amaral.

E, de mais a mais, um coração que propunha os seguintes quesitos ao jury da consciencia:

1.° Este sentir saudoso, que me transporta aos felizes dias do Candal, será o amor que renasce em mim?

[1] *Elementos d'Anatomia* de Soares Franco, 2.° vol., pag. 251.

2.° Este abalo, que me sacode todas as fibras, será a minha rehabilitação para a virtude?

3.° A apparição de Augusta, alindada pelo prestigio da grandeza a que a elevou o acaso ou o destino, será o meu castigo?

Até aqui não tinha a consciencia de que velar o rosto pudibundo. Ao primeiro quesito responderia: É. Ao segundo: Não. Ao terceiro emmudeceria como a somnambula, quando a interrogam sobre segredos que pertencem á Providencia.

Mas agora:

4.° *quesito*. Haverá no coração de Augusta a saudade dos felizes tempos do Candal?

5.° A minha imagem virá colher-lhe as lagrimas d'essa saudade?

6.° Vendo-me, poderá repellir-me?

7.° Terá a cruel virtude da resistencia se eu cahir de joelhos a seus pés?

8.° Vencida, poderei ainda ter dias de contentamento?

A consciencia não podia tolerar este cynico interrogatorio: Veio a razão substituil-a. Amaral quiz fechar os olhos da alma a essa visão terrivel. Abriu-lh'os o espinho do remorso.

Devia assim fallar-lhe essa insubornavel mensageira de Deus:

«Deixaste Augusta no Candal, quando seguiste tua prima. Em vez do coração que lhe roubavas, deixaste-lhe para cada mez um punhado de ouro, que ella desprezou. Fizeste-lhe sentir que o dinheiro é a recompensa dos sacrificios de certas mulheres. Levaste-a pela mão

até á porta da sentina onde a sociedade despeja as suas fézes. Não voltaste nunca para o horisonte, onde a deixavas, os olhos humidos. Correste livre onde te chamava uma vingança providencial, contando as migalhas que lhe deixavas do teu sobejo ouro. Se o ouro te não sobrasse, deixal-a-ias sentada entre a fome e o abandono. Augusta não póde ter saudades do Candal. Se a lembrança lhe vem de lá, como ave nocturna, espancar a luz que lhe alumia o sanctuario das suas virtuosas affeições, deve ser bem negra essa lembrança!

«A tua imagem virá n'essa recordação, assim como o corisco vem no relampago, e o veneno na ponta do punhal ervado. Terás feito correr o pranto dos olhos d'ella; porém não será esse o pranto da saudade. Vêr-te-ha nos labios um sorriso despresador, e ella mesma, forte da sua virtude, rir-se-ha do teu sorriso.

«Se te visse, não saberia repellir-te, porque a tua presença lhe faria na alma a impressão da morte. Serias para ella a resurreição do odio, amortecido pelo tempo, e ser-te-ia inutil procural-a segunda vez.

«Se cahisses de joelhos a seus pés, essa mulher cahiria de joelhos tambem, pedindo a Deus virtude para perdoar-te.»

A razão condemnára, e Guilherme do Amaral appellou para o tribunal da vaidade. A vaidade, assoprada pelas inspirações do cynismo, affrontou a razão. A lucta prolongou-se durante a noite. Muitas vezes Amaral, fechando os olhos, quiz transigir com as eventualidades, protrahindo para occasião opportuna o plano reflectido que o seu orgulho, irritado pelos desprêsos da razão, lhe segredava.

Ás quatro horas da manhã uma carruagem parára no *Hotel de Italia*, e bateram á porta do quarto de Amaral. Era o poeta, voltando do baile.

—Vim perturbar-te o somno suavissimo da manhã? —disse o hospede risonho.

—Não pude ainda adormecer! Muito estimei a tua vinda... Imaginas que horas de inferno teem sido as minhas?

—Não sei como tu accendes esses infernos, Amaral! Eu imaginava-te um homem incombustivel... Cada vez conheço menos o coração humano! Pensava eu que um homem da tua vida não tinha sequer o calcanhar vulneravel, como o capitão de Homero. Essa tua insomnia deve-se ao cognac, emquanto a mim...

—É estupido o gracejo! Deixa-me só. Quero chamar-te sempre amigo... Não me dou voluntariamente aos teus estudos barbaros. É singular o bom humor com que vens atormentar-me!

—Queres dizer-me que entre em conversação grave e séria comtigo? De muito boa vontade.

«É, pois, certo que viste Augusta. Não duvidas que a costureira é a baroneza d'Amares...

—Não duvido... e d'ahi?

—D'aqui não cabe mal uma pergunta já feita: Que tencionas fazer?

—Não sei...

—Retiras hoje de Lisboa, não é verdade?

—Não firmei ainda as minhas resoluções... Não sei porque deva retirar-me de Lisboa. Creio que ninguem me persegue.

—A honra... obriga mais que uma perseguição.

—A honra! eu não me deshonro estando em Lisboa.

—Se não é a honra, seja a generosidade. Comprehendes-me?

—Perfeitamente... É generosidade respeitar Augusta. E quem te disse a ti que eu quero inquietal-a?

—Ninguem m'o disse; mas eu peço que te retires de Lisboa. Se te não pedem comigo a honra e a generosidade, seja o sentimento que eu julgo inextinguivel no coração mais estragado: seja a caridade.

—És sempre o mesmo homem das palavras solemnes.... Senta-te ahi, dá-me um charuto, conversemos, como ha cinco annos, na hospedaria da *Aguia d'Ouro,* sobre a minha cama. Eu então fallava-te d'uma pobre rapariga da rua dos Armenios, a quem dei uma esmola para enterrar a mãe: falla-me tu hoje da baroneza de Amares, que será capaz de dar um premio a quem me tire de Lisboa, pelo menos a alma; pouco importa que o corpo fique no cemiterio dos Prazeres...

—Vou-te reconhecendo no teu estylo. Estás entrando na plenitude do teu caracter. Assim, assim, meu Guilherme do Amaral... Que queres que eu te diga?

—Fallaste com ella no baile?

—Não.

—Não! porquê?

—Quando lá cheguei, a baroneza de Amares tinha sahido do baile.

—Sahido do baile! Ás dez horas da noite! Deu-se algum motivo?

—Queixou-se d'uma agonia, fez chamar uma carruagem de praça, e sahiu. Diz-me tu: trouxeste passaporte?

—Trouxe.

—Está em teu poder?

—Está: tomaram na barreira o meu nome, a minha naturalidade, etc., e entregaram-m'o.

—Está explicado o motivo. Deves hoje sahir de Lisboa.

—Mas não está explicado para mim. Augusta soube da minha chegada?

—É crivel que sim. A baroneza tem uma amiga intima. Conhece-lhe a vida, conhece-te, sabe tudo que eu sei e tu sabes. Esta mulher viu talvez o teu nome que entrou, primeiro que em outro qualquer, no gabinete de seu marido... Revelou-lh'o no baile, e seguiu-a, logo que ella sahiu. Mais uma razão... Conheces agora a necessidade de sahir de Lisboa? Caridade, Guilherme do Amaral! Dá-lhe essa indemnisação á pobre mulher por tudo que ella foi para ti. Se Augusta aqui estivesse, pedia-t'a de joelhos. Evita-lhe a humilhação dolorosa de t'a pedir. Em ella sabendo que sahiste de Lisboa, abençoa a tua resolução. Será esse o unico meio de lhe seres menos odioso...

Guilherme do Amaral pensava.

—Não duvido sahir de Lisboa—disse elle—mas dir-me-has para onde. Eu não quero sahir de Portugal, e, ainda que quizesse, ha uma privação respeitavel que me estorva. Só vendendo mais uma parte da minha casa é que posso viajar.

—Escusas sahir do paiz, vem comigo para o Porto, de lá iremos á provincia, tornaremos ao Porto, e viverás como vive muita gente boa.

—Devo ter muitos inimigos no Porto—redarguiu

Amaral sorrindo;—bem sabes que provoquei a moral portuense, mostrando-me n'um camarote com Augusta, por causa de quem cortei todas as minhas relações.

—Isso esquece, com tanto que tu proves á moral portuense que tens ainda doze mil cruzados de renda. Não caias na ingenuidade tôla de dizeres que voltas meio arruinado. Eu encarrego-me de fazer publicar nos jornaes esta local:

«Acha-se felizmente entre os seus numerosos ami-«gos portuenses o excellentissimo senhor Guilherme do «Amaral Tinoco d'Albuquerque e Frias, distincto cava-«lheiro da Beira Alta, e mancebo de estimaveis qualida-«des. Sua excellencia volta de uma viagem recreativa, e «em toda a parte deu da terra, que se gloria de o chamar «seu filho, uma alta ideia. O rico proprietario, depois «de demorar-se entre os seus amigos alguns mezes, vai á «provincia ensaiar systemas agricolas que estudou, com «a rara penetração que todos lhe conhecemos, na Belgica «e na Suissa. Podemos hoje rectificar uma noticia que «más informações propalaram a respeito de sua excellen-«cia. O senhor Guilherme do Amaral não casou em Lon-«dres, como se disse.»

«A redacção, como vês, não tem nada original; e vestil-a de novas fórmas seria matar-lhe o effeito. Sobre este rascunho farei dez variantes, e, ao mesmo tempo, o jornalismo portuense levará o teu nome, com o prestigio antigo, a todas as casas que respeitam os teus velhos doze mil cruzados.

«Seria duvidar da tua esperteza industriar-te no papel que deves representar no Porto. Já te lá vi desempenhar um mais difficil com a maestria d'um Talma. A co-

rôa comica, os applausos estrondosos, que te deram no jantar do barão da Carvalhosa, foram triumphos dos que seguem até á campa a reputação d'um artista da tua força. Está-me a parecer que queres dormir?!

—Não quero dormir. Estou a ouvir-te, e sinto-me bem. Transporto-me áquelles nossos «cavacos» da *Aguia d'Ouro*. Eram todos n'este estylo. Como eu era feliz! E no Candal? não te lembras dos sorrisos finos com que Augusta mostrava comprehender as tuas criticas apimentadas da sancta maledicencia dos rapazes, que fazem consistir toda a sua felicidade no dom de fazer rir á custa das ridicularias sérias? Que tempo, e que mudança! Então era tudo espontaneo em mim, excepto quando eu punha a mascara para caçoar com a humanidade. Hoje, a minha natureza é a melancolia e a desesperação. Se me quero rir, tenho de pedir ao cynismo sarcasmos, zombarias ultrajantes, e argucias torpes, que me vertem metade do seu fel no coração...

«E tu, meu caro poeta, és o mesmo homem que eu conheci! atravessaste cinco annos insensivelmente. Não desejaste vencer a distancia, que te separa do tumulo, durante essa longa caminhada da vida... Tens ainda as tuas doces illusões...

—As minhas doces illusões!—interrompeu o poeta —Onde vai isso, meu filho? Esqueceste que eu fui, faz hoje sete annos, o author das quarenta e oito poesias, a razão de poesia por semana? N'este tempo, onde estavam já as minhas illusões? Convertidas em experiencia, umas; outras, diluidas em lagrimas, que ninguem me viu chorar; e uma só d'entre todas, a primeira, espero encontral-a no céo. Conheceste-me um pouco inclinado a

sorrir do infortunio. Viste-me uma jovialidade parecida com a dos primeiros annos de preoccupações pueris; mas isso, que não eram illusões, perdi-o.

«Mudei muito, meu amigo, e tu tiveste grande influencia n'esta mudança. Habituaste-me a pensar com amargura. Com a tua ingratidão á costureira fizeste-me ser mais compassivo do que era. Mostraste-me a sociedade mais asquerosa do que ella realmente me parecera, e do que realmente será.

«Antes de te conhecer, fugia de estudar o mal, na certeza de que elle viria abrir-me os olhos com a violencia da dôr, sem procural-o eu. Depois que fui chamado para a cabeceira da pobre senhora, que eu me afiz a contemplar como um thesouro de felicidade, e chamado... para vêl-a tão desgraçada... olha, Amaral, não te culpei, não te condemnei... pareceste-me verme de mais para o pêso de tamanha responsabilidade; mas ergui o pensamento conspirado contra Deus, e perguntei-lhe se eras tu a obra perfeita da creação, e Augusta a mulher predestinada desde o paraizo para companheira do homem.

«Em mim fazem mais impressão as desventuras dos outros, do que as minhas. Fui sempre assim: as tristezas mysteriosas d'um rosto pallido de homem faziam-me imaginar romances dolorosos; e essa pallidez quasi sempre me sahia uma doença de figado ou de estomago. Quando me contavam a desgraça d'uma rapariga, como Augusta, enluctava-se-me o coração, e toda a minha arte de falsificar o semblante era pouca para esconder as lagrimas. Esconder, sim... bem sabes que entre certos homens de certa illustração a sensibilidade é uma vergo-

nha... Um successo d'estes impressionava-me ainda mais se eu não conhecia a victima. É porque a minha imaginação creava um anjo despenhado, um anjo perfeito sem as maculas da realidade que eu não conhecia. Se, porém, uma mulher, na condição de Augusta, me era mais ou menos conhecida, achava sempre n'ella alguma falta que arrefecia a minha compaixão. Mulheres abandonadas e resignadas não vira nenhuma. Levantarem-se com honra do abysmo onde as lançára o homem, e onde a sociedade não ousou cuspir-lhe, não conhecera uma só, até que recebi, obra de tuas mãos, Guilherme do Amaral, o meu perfeito modelo de amargura, a mulher que tantas vezes descera do mundo das chimeras a verter lagrimas nos meus romances. Era a costureira da rua dos Armenios...

—Sim: sei onde vaes...—atalhou Amaral—Não será possivel obter da tua generosidade alguma coisa mais do que essas reminiscencias impertinentes?

—Foste tu que as despertaste, Guilherme. Quem fallou no Candal, e nos finos risos de Augusta?

—Fui eu; deixa-me ser eu só... Basta que eu me castigue. Mas fallemos d'Augusta... é preciso fallar. É para mim uma mulher resuscitada com todo o prestigio que lhe deu uma morte gloriosa. Nunca foram interrompidas as tuas relações com ella?

—Nunca.

—A riqueza que um desgraçado acaso lhe deparou não a fez soberba?

—Não. Cada vez mais humilde. O marido engrandeceu-se, e ella seguiu-o nos exteriores d'essa magnificencia, de que ella se serve para chamar a attenção dos infelizes que lhe pedem consolações.

—Mas... é possivel que ella ame o artista que nós conhecemos?...

—Porque não ha de amar?! O artista foi a providencia d'aquella mulher. Ama-o como um emissario que Deus pôz a seu lado. Depois que a deixaste, o unico homem que podia protegel-a, sem exacerbar-lhe a deshonra, era elle. E demais, a baroneza de Amares, amando tudo que é infeliz, ama seu marido, que muitas vezes se lastima por não ter uma alma que entenda os enlevos da alma de Augusta. Ella consola-o, e convence-o de que é feliz.

—Mas não é...

—E se não é, que proveito tiras tu de que o não seja?! Parece que folgarias se ella fosse desgraçada!

—Folgar... não. É que não posso conciliar uma alma que eu formei, com os instinctos baixos d'aquelle Francisco que me desfechou um bacamarte no Candal!...

—Justamente, aquelle Francisco de *instinctos baixos* que respeitou a tua vida, preferiu matar-se, a vêr-te possuidor da mulher que lhe desarmou o braço com um gesto imperioso.

«Quantos heroismos conheces d'estes? A tua illustração e elevados instinctos aconselhar-te-iam a virtude do suicidio?

«Olha, Amaral, nós os homens, que nos julgamos intelligencias de gravata, somos ridiculamente arrogantes da nossa superioridade. Imaginamo-nos creaturas privilegiadas com dois sentidos mais que o homem simples, sincero como a natureza o produziu, e nu dos enfeites da arte, que formam uma segunda natureza, com a qual falseamos todas as propensões ingenuas da primeira. É bem

tôla a nossa soberba! O coração de Francisco valia mais que o teu. Tu fizeste da costureira uma rara mulher. Deram-se tres razões para isso. Primeiro o fastio dos prazeres communs a homens pretendidos da sociedade. Depois o dinheiro, que te facilitava a compra de todos os luxos da civilisação, e todas as riquezas do espirito. E ultimamente o capricho de artificio. Sem dinheiro, meu amigo, não terias feito nada. Augusta, logo que despisse o seu unico vestido de gala—innocencia e belleza,—não poderia enfeitar-se com outro diante de teus olhos saciados.

«Ora o amor do artista era o amor do pobre, sem caprichos, sem precisão de premunir-se com o prestigio para soccorrer-se no tedio da posse. Valia bem mais que o teu o amor do pobre; não valia, Amaral? Diz que sim. O teu sorriso é ainda uma falsificação do teu caracter. E se queres dizer que não, guarda para ti a resposta, e fallemos no que importa.

—Pois sim; fallemos no que importa. O que tu queres é provar-me que a baroneza é feliz? Deixal-a ser, estimo bem que o seja. Mas, se me concedes ao coração um resto das velhas virtudes que morrem no principio da vida, acredita que me penalisa a ideia de que sou um homem aborrecido a Augusta. A minha chegada a Lisboa, sem que ella me odiasse muito, não a faria sahir d'um baile onde entrava tão radiosa de contentamento.

«Que receia ella de mim? Eu nada perdi do meu antigo amor-proprio. Sou incapaz de entrar em partilhas d'amor com o tecelão de Lordello. Que esteja descansada. Poderia ser para mim um objecto de respeitoso culto, se a viesse encontrar na rua dos Armenios fazendo

suspensorios. Mover-me-ia a compaixão se a encontrasse mulher sem alma e sem memoria da sua quéda, á mercê do primeiro que passa. Na posição em que a encontro, engrandecida pelo dinheiro que o acaso lhe deparou, despreso-a, acho-a trivial, mulher que vai a bailes provocar os risos dos que lhe conhecem o nascimento. O mêdo que o meu nome lhe causou, que é senão o receio de ser conhecida a sua historia?

«E porque não ha de ser? Que privilegio é o d'ella sobre muitas outras miseraveis do seu jaez?

Estas injuriosas tiradas, que de certo indispoem a leitora contra o calumniador da baroneza, faziam rir o poeta.

O riso irritava o rancor de Amaral, e os ultrajes redobravam. Queria elle encobrir, sorrindo sarcasticamente, a cólera que lhe fuzilava nos olhos, quando o poeta o interrompeu:

—O ciume! O ciume!

—O ciume?!—atalhou mais enfurecido Guilherme.

—O ciume, sim. Tens dito infamias que d'aqui a pouco te custam remorsos; mas acredita, Amaral, não fazes mal com ellas á pobre senhora. O que póde affligil-a é a paixão que as produz: é o ciume.

—Estás brincando! Sou uma alma bem pequena e bem aviltada na tua imaginação!... Quero dar-te uma prova bem significativa da indifferença com que me retiro d'essa mulher. Hoje vou para o Porto.

—Pois iremos ambos.

—Como queiras. Se vens para me dispensar consolações, rejeito-as, não as preciso.

—Nem eu t'as offereço, meu amigo. Vou, porque

preciso ir, e prefiro a tua companhia á da minha sombra... São sete horas da manhã. Devemos sahir ás dez.

«Eu vou dar alguns passos, e, se não queres fatigar-te, trarei dois passaportes.

—Como queiras. A menos demora possivel.

—Até logo.

## II

O poeta, que continúa a ser innominado, não disse tudo o que sabia ao seu amigo Amaral.

É certo que, apenas entrára no salão do baile e soubera a repentina retirada da baroneza, seguiu-lhe os passos, entrou pouco depois que ella se recolhera ao quarto, e viu o barão consternado, sem poder explicar a razão por que sua mulher lhe pedira que a deixasse só.

—Pois não foi uma dôr que a fez sahir?—perguntou o poeta, affectando uma delicada ignorancia.

—Parece-me que não. Alli ha grande desgosto, que só o senhor poderá saber. Estava capaz de lhe dizer que o senhor está aqui...

—Se quer ter a bondade...

O barão voltou contente, dizendo que sua mulher mandára entrar «seu irmão» como ella denominava o seu velho amigo.

—Vá, meu amigo—accrescentou o barão—e se fôr coisa que eu possa saber, eu dou tudo quanto tenho para lhe dar remedio.

Como vêem, o barão era ainda o bom homem da rua dos Armenios, dizendo as coisas com a lhaneza rustica da sua alma ingenua. Amiga fortuna era a d'elle, que o enchera de favores, sem lhe esvasar do coração as riquezas naturaes, que tantas vezes sahem para entrarem os gôsos mascarados!

O poeta foi encontrar a baroneza sobre um diwan, com a face coberta de lagrimas, apertando com as mãos a fronte. Apenas ella o viu na ante-camara do seu quarto, caminhou para elle, apertou-lhe a mão, e balbuciou como em segredo:

—É sempre o meu anjo nas afflicções... Vejo que sabe tudo. *Elle* está cá de certo?

—Está... e que importa?

—Importa muito... é preciso que eu não o veja.

—Não verá, senhora baroneza, mas... o caso não vale a pena de tamanho sobresalto...

—Não vale a pena? Oh! meu Deus! pois acha que devo encontrar-me com elle?!

—Encontrar-se com elle era muito possivel sem que d'aqui se seguisse consequencia funesta. Se me pergunta o que deve fazer, respondo-lhe que faça o que até aqui tem feito: indifferença. Estar Amaral em Londres, em Paris, ou em Lisboa, que tem isso com a senhora baroneza? São duas pessoas que se conheceram, e com o tempo esqueceram-se reciprocamente as feições, de modo que se encontram, e não se reconhecem.

—Ó meu amigo, que maneira é essa de julgar-me! Eu não esqueci assim as feições d'esse homem. Todo o meu animo e todas as virtudes—deixe-me ter esta fraqueza—com que conto, para ser até ao fim da minha vida o que sou desde que me dei á vontade de meu marido... Não posso fallar... tenho o coração apertado por uma angustia horrivel...

—Vossa excellencia queria dizer que todas as suas virtudes não bastam para encarar Guilherme?

—Sim, sim...

—E que sentimento será o que a perturba tanto?

—Não sei...

—Recordações do amor que...

—Não sei... não tenho querido interrogar-me...

—Pois conversemos. Entre nós, minha querida amiga, um segredo é uma falta de lisura. Eu estou affeito a conhecer a sua alma melhor do que a minha. Deixe-me poupal-a a revelar-se; quero vêr se adivinho... Fallemos de Amaral...

—Não...

—E se eu lhe disser que elle...

—Fallou em mim?

—Fallou: era bem natural fallar. Chegou hontem...

—Sei que chegou hontem, e veio só... deixaria a...

—A mulher? é o que vossa excellencia quer perguntar-me. Guilherme do Amaral não casou.

—Não casou!—exclamou ella, estremecendo.

O poeta sorriu de modo imperceptivel.

—Está solteiro. Eu tambem me espantei quando o vi só, e o espanto converteu-se em riso, quando elle me recitou a comedia do seu noivado... É uma historia de rapazes...

A animação de Augusta arrefeceu de repente.

Vejamos como se explica o incendio e o arrefecimento.

Será custoso, mas tente-se. Em dois segundos passou-se tudo isto no coração da baroneza, mas em phrases rapidas que se traduzem em muitas palavras:

«Guilherme não casou; teve saudades de mim, e o remorso venceu a allucinação. Viria talvez chorar comigo, quando soube que eu casei. Ficou cinco annos para es-

quecer-se, e eu que nunca o esqueci... não ousarei chorar com elle? Se eu estivesse livre poderia ainda ser feliz?»

Esta intima pergunta coincidiu com as gelidas palavras do poeta: *quando elle me recitou a comedia do seu noivado... É uma historia de rapazes...*

O interlocutor conheceu a mudança. Se o coração fallasse no pulso, dir-se-ia que o poeta, ao tomar-lhe inesperadamente a mão, quizera surprender-lhe as pulsações que paravam arrefecidas pelas ultimas palavras ditas de proposito. Augusta sentiu que era adivinhada, e córou. Se era o córar do pejo, se da ira contra si, por ser tão flexivel ao toque d'uma illusão, não o saberia dizer ella, nem o poeta decifrar.

—Amaral—proseguiu elle—viajou quatro annos, e vem, ao que parece, infeliz.

—Pobre?

—Pobre não, se a pobreza mais amarga não é o tedio da vida, a desesperança, e o desconforto.

—Nunca me disse que elle lhe escrevera de lá...

—É que nunca me escreveu.

—E não sabe se eu vivo...

—Sabe que vive...

—Como?

—Como realmente vossa excellencia vive, querida de todos, respeitada pelas suas virtudes, e senhora de muitos haveres que a Providencia depositou em suas mãos para allivio dos infelizes.

—Oh meu amigo!—exclamou ella com energia subita—eu tenho tanta precisão de fazer-lhe perguntas... Não me crimine...

—Não crimino. Quer perguntar-me como elle ouviu a sua historia?

—Sim...—murmurou ella como n'um gemido convulso.

—Primeiro inventei uma historia em que vossa excellencia, depois da sua sahida do Candal, se mantivera honrada na desgraça, até que a fome venceu a resistencia da virtude, e a levou pelos cabellos, de lamaçal em lamaçal, á extrema degradação da alma e do corpo.

—Meu Deus!—exclamou ella—Que horrivel historia a sua! De que serviu essa invenção, que me faz arripiar os cabellos!?

—Serviu para lhe dizer por fim que a desgraçada Augusta, impellida ao abysmo pelo pé de Guilherme morrera sobre uma enxerga da caridade.

— Jesus! e depois?

—Estudava eu a physionomia de Amaral, e senti não sei que jubilo de vêr-lhe lagrimas. Seria este jubilo o de ter mentido? Era, de certo. Vaidade de encravar um espinho de remorso em coração de pedra, essa seria vã e sem proveito... Chorava, pois, e eu...

—Desmentiu-se, não é verdade?

—Desmenti, mas com solemnidade digna da mentira. Convidei Amaral para um baile...

—Que baile?!

—Espere, senhora baroneza. Convidei-o para um baile, como diversão ás ideias tristes que o preoccupavam. Resistiu, mas acceitou. O baile era aquelle onde vossa excellencia entrou ha pouco...

—Como! elle esteve lá?!

—Esteve no páteo... viu...

—Viu-me?!

—Viu entrar a baroneza d'Amares. Não sei dizer-lhe o que appareceu na physionomia d'elle. Foi-me preciso ameaçal-o, quando não bastava a resistencia para retel-o.

—Que queria elle?

—Nem elle o saberia. Talvez desvanecer a dúvida que o atormentava... Vossa excellencia subiu, e Amaral entrou comigo na sege. Contei-lhe então a historia verdadeira...

—E elle...

—Ouviu-a n'um spasmo estupido, a julgal-o pelas perguntas que me fazia.

—E agora?

—Não entendo bem a intenção da sua pergunta.

—Que devo eu fazer?

—O que vossa excellencia deve fazer, a sua consciencia lhe responda. Importa mais saber o que fará Guilherme. É natural que saia ámanhã de Lisboa. Se sahir, é de crêr que satisfaça a vontade de vossa excellencia.

—Se Deus o permittisse....

—Permittirá. Eu vou fallar-lhe.

—Agora?

—Sim, minha senhora.

—Dir-lhe-ha que fallou comigo?

—Não direi, se vossa excellencia convém que não tem nada a fazer-lhe saber.

—De certo, não tenho... mas, meu amigo, deixa-me abrir-lhe todo o meu coração?

—Que pergunta!

—Eu não tenho odio a Guilherme. Cinco annos da

minha vida, empregada em ser boa para os que soffrem, faz que eu perdôe offensas que, talvez, recebi por vontade superior á de Amaral. Estou habituada a querer bem a todos; não posso querer-lhe mal a elle. A offensa doe-me ainda... a ferida, depois de cinco annos, escorre sangue... não é o esquecimento que perdôa, é a resignação, é a caridade, é a prática da oração divina: *perdoai-nos, Senhor, as nossas dividas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores.*—É um grande favor que Deus me concede esta benevolencia. É para todo o mundo que m'a dá: pedir-lhe-hei sempre que as lembranças do passado me não sejam espinhos de rancor contra alguem... Meu irmão, chama-me fraca? eu não me offendo. Se me chamar mulher sem dignidade... e sem vergonha... magôa-me com a injustiça.

—A injustiça é vossa excellencia que m'a faz, julgando-me inferior á comprehensão da sua nobre alma.

—Pois perdôe-me... Eu queria dizer-lhe...

—Que não póde odiar Guilherme, e que, se o mundo fosse melhor do que é, talvez podésse encaral-o...

—Não, não! Eu não quero dizer tal!—interrompeu ella animosamente—É muito differente o meu pensamento. Vêl-o... Deus me livre! Deus me poupe a similhante experiencia! Queria dizer-lhe que se Guilherme é infeliz, e voltou a Portugal... por não ter meios...

—Já lhe disse, senhora baroneza, que Amaral é independente.

Dir-se-ia, sem receio de illusão, que a baroneza soffreu com esta sêcca resposta do poeta! Tudo enigmas em certas organisações de mulheres, estremadas do vulgar!

Augusta encontrava em si, sem descahir da sua virtude, um só acto com que provar a Amaral que lhe não era a ella no mundo um homem estranho. Manifestação unica do seu amor, não extincto, ao homem que a enriquecera de dons espirituaes, que tão amarga lhe fizeram a vida, essa vontade de ser-lhe util na desgraça, era um sentimento em que ella convertia todos os outros, reprovados pela consciencia.

O poeta viu o que o pejo escondia. Conheceu a mascara da generosidade com que o amor se denunciava, porque é elle um deus ou um demonio de tantas faces que nunca pôde esconder-as todas.

A mulher illude menos, quando quer illudir-se.

Na baroneza de Amares, este sentimento caritativo por Amaral poderia attribuir-se a duas causas: a religião como conselheira do perdão das injurias. A outra causa é um contraste da primeira: vontade de humilhar com uma generosidade soberba o homem, cujas esmolas repellira.

Não era alguma d'estas causas. Havia no rosto de Augusta um signal que indicava uma terceira: eram as lagrimas.

Nao lagrimas parecia dizer:

«Colloquei-me n'uma situação em que não posso perdoar, como se perdôa, quando se ama, ou quando se amou com toda a alma, e por toda a vida.

«Eu queria, sem me desvirtuar aos olhos de Amaral, fazer-lhe sentir que era eu a mulher da sua felicidade. Queria achal-o só, só e abandonado de todos n'este mundo, para lhe dar a minha mão invisivel, e trazel-o ao coração de modo que ninguem o visse, que nem elle mesmo se conhecesse existindo lá. Queria avivar-lhe todas as

saudades d'aquelle tempo, todas e tão ardentes que o matassem, não podendo eu sobreviver-lhe. Queria que elle dissesse:—Houve uma só mulher para mim: tirei-a da ignorancia, ensinei-a a sentir o amor, a gemer no abandono, a morrer com honra, e a condoer-se da desgraça... Creei-me um anjo para toda a vida...—Queria, meu Deus, dizer-lhe que nunca pude esquecel-o, e que todos os dias—vós o sabeis, Senhor!—vos pedia que me deixasseis soffrer a minha saudade sem macular os deveres de mulher casada...»

O mais que significavam as lagrimas da baroneza é enigma, que não póde ser averiguado á luz do coração do homem. Entre os dois corações ha duas linguagens extremamente diversas. Pertence á mulher d'alma e intelligencia, transfigurar-se uma hora, na condição da baroneza, e entendel-a. Se, todavia, a perfeita versão das lagrimas é qual eu a suspeito, bom é que as interpretes guardem para si o segredo, assim como eu o guardaria, se o decifrasse.

O confidente de Augusta ouvia os passos do barão d'Amares na sala immediata.

—Seu marido—disse elle, indeciso na resposta que daria ao barão—ha de perguntar-me, quando eu sahir, o que se passou entre nós.

Augusta, surprendida por uma advertencia que não tinha feito a si propria, ficou perplexa e silenciosa, como esperando um pretexto da invenção do seu amigo.

O poeta, não menos enleado que ella, ergueu-se, deu passos sobre passos na ante-camara, retorceu o bigode, e tornou a sentar-se desconsolado da sua esterilidade de imaginação.

—Que se ha de dizer a meu marido?—interrogou a baroneza.

—É preciso mentir?

—Se é preciso mentir!?

—Sim, minha senhora, pergunto eu se é preciso dissimular uma causa ao repentino desgosto que vossa excellencia escondeu de seu marido. Se a sua dôr fosse criminosa... mas eu julgo-a tão innocente, quanto é possivel ser. Seu marido escusa de ignorar o que não offende a sua honra. Quem, como elle, sabe o passado, não póde admirar-se, e, menos ainda, offender-se do presente. Aqui não ha vergonha que deva esconder-se. É muito simples a questão: vossa excellencia soube que estava em Lisboa um homem, que amou tanto, quanto seu marido sabe que esse homem foi amado. A presença de Guilherme não revive o fogo apagado pelas lagrimas, que seu marido viu chorar; mas remexe as cinzas, que ainda encerram uma faúla de saudade... É esta a questão.

—Meu marido não saberá comprehender o que eu sinto—atalhou a baroneza.

—É de crêr, porque vossa excellencia sente, e não sabe bem o que sente. Seja o que fôr, as intenções não poem nódoa, e seu marido se lhe disserem que sua mulher, depois de cinco annos, chorou, sabendo que está em Lisboa o homem que tanto a fizera soffrer...

—Soffre comigo, e não terá uma palavra offensiva que me dê.

—É inutil a mentira n'esse caso.

—Mas eu não tenho coragem de lhe dizer a verdade.

—Dir-lh'a-hei eu... verdade inteira, não... a verdade como eu queria que ella fosse...

—Explique-se, meu amigo. Que sinto eu que lhe desagrada?

—Vossa excellencia sente quanto basta sentir para perdoar a Amaral. A mulher offendida por ingratidão só perdôa quando quer esquecer a perfidia, recebendo, como recompensa do que soffreu, novas provas de affecto.

—É um engano, é uma calumnia. Isso quer dizer que eu perdôo a Guilherme para ser amada?

—Não é tanto... Eu penso que vossa excellencia quer ser amada, perdoando... amada não direi bem... admirada, adorada como se adora a virtude, d'aquella adoração que a caridade christã lhe permitte, ainda que o adorador tenha sido um amante perfido. Não é assim?

—Já lhe disse: não odeio Amaral.

—Entre o odio e o amor está o desprêso: de certo o não despresa.

—Não... já lhe disse quanto pude...

—E eu abuso das suas revelações, fazendo-lhe ainda uma pergunta: Deseja que Amaral se retire de Lisboa?

—Desejo-o... de todo o meu coração.

—Vou retirar-me, senhora baroneza: farei que a sua vontade seja cumprida. É natural que eu não possa despedir-me partindo para o Porto ámanhã.

—Já? pois nem adeus me vem dizer?

—Se sahir antes do meio dia, a hora é inconveniente para procural-a. Vossa excellencia precisa repouso.

—Não deixe de vir a qualquer hora, não?

—Virei, minha senhora.

O poeta encontrou, a seu pesar, o barão que, abstrahido nas suas conjecturas, passeava em uma vasta sala á luz unica de um castiçal, que se refrangia na scintillante

commenda. Se eu não temesse mesclar graçolas em assumptos graves, notaria que o apoquentado barão, apenas chegou, pôz-se em fórma de alphange a puxar pelas botas de verniz, que lhe tinham causticado as proeminencias calosas de tal modo, que não é facil decidir qual das dôres o excruciava mais, se a do joanete, se a da alma.

É certo que tirando as botas, não tirou a casaca, nem a gravata branca de tres baterias. A commenda brunida e luminosa não ousava, ainda assim, eclipsar o amarello dos chinelos, longos e confortaveis como convinha aos pés anfractuosos do bom Francisco, a quem aquella Anna do Mouro da rua dos Armenios chamava tôlo, pacovio, patacão e outras que taes lisonjarias de que ha de dar contas a Deus.

Tôlo ou esperto, o barão d'Amares era um pobre homem, com todas as virtudes innatas d'uma ignorancia inoffensiva.

Emquanto sua mulher e o poeta fallavam na meia voz das revelações, o barão foi tres vezes, pé ante pé, collar o ouvido na fechadura, mas não colheu duas palavras juntas. Era innocentissima a intenção d'esta espionagem. Para o barão sua mulher era impeccavel. Qualquer que fosse a causa extraordinaria da tristeza de Augusta, nem sombra de má suspeita entrou no espirito de seu marido. Bem longe estava elle de associar Guilherme do Amaral aos intervallos escuros de sua mulher! De tantas vezes que a viu refugiar-se na solidão do seu quarto, prohibindo a entrada a todos, nem uma só lhe fez conjecturar causas menos gratas ao seu pundonor e ao seu coração.

Incapaz de entendel-a e entretel-a, o barão conhecia

a insufficiencia do seu espirito, ideia que raras vezes visita a consciencia d'um barão. Lastimava-se de não poder, por adiantado em annos, aprender o que sua mulher aprendera em livros, unicos que elle imaginava seus rivaes. Tinha o bom siso de conhecer que Augusta escolhia palavras de facil intelligencia quando se queria fazer entender por elle; ao passo que nas salas, ou em conversação com damas e cavalheiros de elevada educação, exprimia-se em phrases que o barão não entendia. Outra qualidade tinha elle, que é quasi sempre negativa nos estupidos de ambos os sexos: não imaginava que podésse com o seu grande amor satisfazer necessidades d'um espirito sublime como o de Augusta. Adivinhava até que sua mulher vivia menos pelo coração que pela intelligencia.

O leitor quer que se lhe diga o que respondeu o poeta á anciosa pergunta do barão que o esperava. Eu tambem estou morto por lh'o dizer; mas darei, primeiro, uma prova do muito que o préso, dando-lhe conselhos, que me não pede, e que, por m'os não pedir, tem mais valor. E, receoso de que m'os não agradeça, declaro que os offereço ao sexo delicado por excellencia, de seu natural reconhecido, ás damas que tão incensadas são pela barata myrrha dos poetas, e tão mal servidas tem sido da sincera e esmerada attenção dos philosophos.

O que eu queria dizer-lhe vai em maximas para que as interessadas, que sabem lêr e entender, as archivem na memoria.

Homem que pensa, que estuda, que trabalha debaixo da influencia tenaz d'uma ideia, que scisma na immortalidade que póde dar-lhe a sciencia, ou no dinheiro que póde dar-lhe um livro—tal homem só serve para marido

depois que o rheumatismo lhe faz vêr o celibato á luz da hygiene.

Homem que se furta um ou dois mezes á canceira dos livros, para amaciar a aridez do espirito nas frivólidades da vida—embora se preoccupe imaginando bellezas no amor, unica frivolidade supportavel—tal homem o que faz é enojar-se um ou dois mezes para depois entrar na vida que deixou, abraçar a sciencia, esposa legitima que desdenhára, e recordar com tedio as vulgaridades em que se amesquinhou. Este homem não serve para mulher nenhuma.

E nenhuma mulher serve para este homem.

Por quanto:

A mulher de mediocre intelligencia (escrevo em Portugal) é entre nós o que, á mingua de sinceridade e não de palavra, se diz «mulher esperta.» A mulher esperta é o ente mais defeituoso que se conhece, aos olhos do homem que, n'outra altura de ideias, lhe vê em baixo a sua insignificancia. Esta mulher serve só para um homem extremamente ignorante, ou tolamente fatuo. Se ignorante, crê que é o marido da princeza Magalona; se tolamente fatuo, cuida que, por ser o osso do osso e a carne da carne, é tambem o espirito do espirito de sua mulher.

Não assim o homem que encaneceu a meio caminho da vida sobre os detestaveis *in-folios,* e as tiras eternas da composição litteraria.

Onde está a mulher que possa prender, fallando, a attenção do homem, perdida nos mundos ethereos da imaginação! Fóra das tres ou quatro phrases do amor, que se dizem com todos os commentarios e variantes em vinte minutos, onde irá ella cevar a ponta da lingua magne-

tica? Como suavisará a palestra conjugal de todos os dias, se o marido despegado das coisas terrenas não comprehende as vantagens do carvão de pedra sobre o de choça, nem se lhe dá do vestido da visinha, nem quer saber se João namora Joanna ha sete annos?

As mulheres falladoras, sancto Deus! Que zanga eu tenho ás mulheres falladoras, e mórmente ás que fazem ostentação do palavriado incansavel como d'uma veia de recursos nunca exhausta!

Porque é que certas mulheres fallam tanto? Acho que é porque não sabem nada. Eu já li... se me lembrasse aonde... Parece-me que sei onde foi... Cá está o livro... É justamente n'esta pagina. Ora vejam:

«Nota-se que a razão de tanto fallarem as mulheres é não saberem nada. Esta maxima, que ao primeiro intuito parece um paradoxo, é, não obstante, muito verdadeira. Não tendo ellas coisa alguma no espirito, tudo o que lhe toca os sentidos occupa-as, e converte-se em materia de seus entretenimentos. O que vêem, o que ouvem, o que as rodeia, prazeres, tristezas, coisas domesticas, cujo conhecimento a gente dispensa da melhor vontade, intrigas, desavenças, etc., são fontes inexgotaveis para ellas. Não lhes falta motivo de palavriado, com tanto que se falle em bagatellas. Pelo contrario, as pessoas que sabem muito, e tem a cabeça cheia de factos, de acontecimentos, de historias, e de mil coisas curiosas, não se aventuram a fallar tão facilmente: o que lhes vem de prompto á ideia não lhes parece coisa de valor para ser dita... antes querem calar-se, que palrar trivialidades. [1]»

[1] *Bellegard. Lettres curieuses de Littérature et de Morale.*

Ora, emquanto se trabalha na rehabilitação da mulher, a fim de que ella seja igual ao homem nos estudos, nas ideias e nas aspirações—será possivel remediar d'algum modo os inconvenientes d'esta geração falladora? Não é. Uma mulher não se cala nunca sem intervenção miraculosa do céo. Já Corneille sentiu esta necessidade, e sentiu-a no tempo da marqueza de Rambouillet, em que as mulheres eram philosophas, jurisconsultas, naturalistas (mais do que o necessario), e até astrologas!

Foi assim que elle disse:

*...Quand une femme a le don de se taire,*
*Elle a des qualités au-dessus du vulgaire:*
*C'est un effort du ciel, qu'on a peine à trouver;*
*Sans un petit miracle il ne peut l'achever.*

E para que chegue ao conhecimento de todas, vai uma versão desengraçada dos quatro versos:

Mulher que tem o dom de se calar,
Tem meritos acima do vulgar:
É um esforço do céo, que raro achaes,
E, sem milagre, não se fez jámais.

Nem fará. Depois do céo, quem mais pasmosos milagres faz é o amor. Pois nem o amor consegue estancar a fecundidade palavrosa da mulher que se ama... ou que se quiz amar: coisas muito differentes.

O homem pensador é necessariamente taciturno. A mulher falladora não consegue atordoar-lhe o espirito, mas faz-lhe nos ouvidos a traquinada intoleravel d'uma matraca. A matraca afugenta do coração todas as chimeras do amor.

Não vos caseis com homem pensador, mulheres que fallaes um momento antes de pensar o que direis. O amor —se vol-o póde inspirar tal homem—fará que não fecheis olhos, velando-lhe a doença; fará que lhe sacrifiqueis os haveres, a reputação e a vida; fará tudo que humanamente póde fazer um anjo de sacrificio, mas não vos fará calar.

O feudo mais pesado que uma tal mulher póde impôr a um homem é—a obrigação d'ouvil-a.

A offensa que tal mulher nunca perdôa é—a insolencia d'ouvil-a, sem escutal-a. Vejam n'um diccionario a differença das duas palavras. Escutar é querer ouvir.

Uma bella mulher, capaz de extremos, tentou a franqueza do amante que, em vesperas de matrimonio, lhe disse: «não falles tanto.» A noiva pesou estas palavras, reflectiu, calculou as suas forças, chorou, atormentou-se, e disse: «não me casarei: é impossivel calar-me.» Para que me não tomem isto como anecdota, é preciso dizer-lhes que esta mulher foi acerbamente ferida no seu orgulho. O orgulho da mulher falladora, uma vez ferido, é incuravel. O orgulho da mulher é a sybilla de todos os seus segredos.

Uma mulher bonita entretem, silenciosa.

Perguntei uma vez a um meu amigo:

—Aquella mulher sabe fallar?

—Com os olhos—respondeu elle.

Era verdade. A natureza, para a não fazer perfeita, déra-lhe a lingua. Conforme ia fallando, a magia dos olhos perdia-se. Por fim, dez erros de grammatica em doze phrases de murmuração sobre a visinha fronteira, fizeram-me cahir lá de cima da altura onde eu subira

procurando a fonte de luz que se lhe irradiava dos tão lindos olhos!

. . . . . .

O romance passou dos outros para mim! Se assim vou, começo a contar a minha vida... Haviam de rir-se e chorar muito.

Se rirem e chorarem, ha de ser á custa do barão de Amares, que está passeando na sala, á espera do poeta, com a sua commenda, com a sua gravata, e com os seus chinelos.

Tomára eu a alma d'elle no corpo da mulher bemfeitora que me ha de amparar estes derradeiros dias da decrepitude!...

## III

Estava eu agora scismando no capitulo anterior, sem atinar o porquê d'aquellas coisas, que eu tive o descôco de chamar maximas, e recommendar, com pedantesca importancia, á memoria das leitoras!

A que viriam alli as mulheres falladoras, e os homens de lettras gordas, como entes que as mulheres não podem trazer ao gremio da civilisação?

Parece-me que andou por lá travessura da musa tôla, a musa de muitos amigos meus, que se me fila ás vezes ás abas do casaco, e não ha remedio senão deixal-a funccionar meio capitulo.

Eu creio que disse absurdos superiores a todo o elogio. Ataquei o sexo fraco pelo orgão unico da sua fortaleza: a lingua. Com isso o que fiz foi atiçar a furia da eloquencia em muitas linguas que respeito. Querendo corrigir um erro, incitei-o, provocando murmurações que me hão de custar caras, se as benevolas leitoras retirarem a este livro a sua protecção.

Mas eu creio que não tenho uma leitora só das que fallam muito, porque as grandes falladoras não lêem nada.

A senhora, que está lendo este romance, é necessariamente um anjo. Além de todas as virtudes insignificantes, como juizo, honestidade, generosidade, amor do proximo, amor de seu marido (que ás vezes é o menos proximo), amor do genero humano em geral, da sua ca-

dellinha em particular, além de todas estas virtudes de segunda ordem, a leitora tem necessariamente a suprema, a virtude por excellencia de fallar pouco, não é verdade?

Para mim é caso averiguado que a minha leitora é das pessoas mais qualificadas e espirituosas que eu conheço. Está morta por me dizer em duzentas e cincoenta palavras que a mulher palreira é um ente insupportavel. É capaz de me asseverar que entendeu a philosophia das minhas maximas, e viu que ellas frizavam com o barão de Amares tão ao certo como o espirito do barão de Amares se ajustava com o de sua mulher.

Se isto fosse verdade, estava salvo o capitulo, e eu pedia a um amigo que me chamasse *La Bruyere,* ou *Stendhal* na primeira revista litteraria.

Nada: não vou para ahi. Estou ainda em que disse larga cópia de tolices, e melhor fizera eu se me mettesse, de luva branca e colleirinho-guilhotina, pelo «mundo-patarata» dentro. Este *mundo-patarata* é uma feliz concordancia d'um meu amigo zombeteiro, que me encarregou de tirar do cahos d'asneiras o mundo das bagatellas.

Declaro que não sei. Se eu soubesse, era um d'estes homens que vos inçam as salas, venerandos paes de familias, devassando os vestidos de vossas filhas para annunciarem ao paiz que as vossas filhas eram rosas e tulipas, lyrios e camelias, passando-vos assim diploma de excellentes jardineiros.

E o mais é que vos não desagrada a reputação. Se vos encarecem a mercadoria, imaginaes uma boa venda do genero, e a cada pantalão que descobris na rua, com o chapéo um pouco arreado para a nuca, collete branco,

cadeia grossa, e luvas de gemma d'ôvo, julgaes vêr um amador das vossas camelias, que vem refocillar-se, na brancura da flôr, do muito que lidou com negras.

É uma excellente coisa um jornal, e um tôlo á testa da secção destinada ao movimento das salas.

«Não se diz nada a respeito das senhoras no *Clamor Publico.*» Dizia não sei a quem uma enfadada candidatura que por ahi está á mercê do primeiro galeão de piratas.

Fallar a respeito das senhoras é embonecal-as no jornal.

Esta quer que lhe ponham perolas na bôca, aquella esperava pelo menos que lhe dêssem duas pinceladas de nakar nos beiços; aquell'outra desnudára o collo, esperando que a gazeta lh'o mudasse em alabastro.

Como conhecem os alarves para os quaes se enfeitam, julgam-se lettra desacreditada na praça dos leilões, se a imprensa periodica as não inscreve nos fundos de cotisação.

Estas são das taes que fallam muito, e com uma d'estas teria o barão d'Amares corrido em linha recta ao encontro do seu destino. Com a outra, bacureja-me—e mais ainda não vi todo o manuscripto, que me foi confiado—que a natureza das coisas faz grande desmancho na natureza contrafeita das pessoas.

Vamos indo com a logica dos acontecimentos.

Quando o poeta sahia da ante-camara de Augusta, o barão veio-lhe ao encontro, já da outra sala, e perguntou:

—Então que ha de novo? Disse-lhe o que tinha?

—Disse, sim, senhor. Se quer, passemos ao seu quarto, e fallaremos.

Entraram no quarto do barão, e tiveram um longo dialogo, que vai em resumo:

—Deve saber, senhor barão, que está em Lisboa uma pessoa nossa conhecida, cujo nome, só o nome fez o abalo que viu na senhora baroneza.

—A apostar que é Guilherme?!

—Justamente: é Guilherme do Amaral.

—E ella fallou com elle?

—Nem sequer o viu. E, se o visse, não lhe fallaria.

—Por isso estou eu; minha mulher sabe o que lhe convém, e não é capaz de me deshonrar.

—Faz-lhe inteira justiça.

—Então para que se afflige ella?

—Porque não tem a precisa desfaçatez para vêr diante de si o homem, que lhe recorda um mau passo no principio da vida.

—Isso já lá vai. O passado, passado. E o senhor que lhe disse?

—Eu, pouco mais ou menos, disse-lhe o que o senhor barão lhe diria.

—Mas... sabe o senhor que...

—Falle, senhor barão.

—Lembra-me se andará por ahi saudades d'elle!

—Nada... é incomprehensivel essa saudade...

—Eu sei cá! Minha mulher casou comigo assim como quem quer acabar uma obra que tem de acabar. Lá minha amiga, isso conheço que o é do coração; mas, por mais que eu diga e faça, não sahe d'aquella tristeza que o senhor tem visto...

—Isso é genio...

—Eu deixo-a fazer o que ella quer.

—E que tem ella feito que não mereça elogio?

—Eu não digo o contrario d'isso. Leva todo o tempo a lêr e a fazer esmolas.

—Feliz applicação de tempo!

—Ainda hontem me disse que, logo que eu tivesse dobrado a fortuna que encontramos na casa da rua dos Armenios, metade havia ser repartida por estabelecimentos pios, e dá como razão d'isto ter-se encontrado um dinheiro que nos não pertence. Eu a tudo digo que sim, e tudo se faz.

—E a senhora baroneza reconhece quanto lhe deve.

—Pois então que importa lá que viesse o tal homem?

—Nada importa, e nada importará, senhor barão. Foi um accidente passageiro. Amaral vai deixar Lisboa, penso eu...

—E se não quizer deixar, que não deixe. Se minha mulher tem medo que elle falle da sua honra, que esteja descansada. Eu é que devia offender-me ainda mais; e não me offendo... porque, vossa senhoria bem sabe que eu quiz mais a minha prima depois do seu erro.

—Sei perfeitamente.

—Fico contente por saber o que é. Não acho motivo para tanta bulha... O que eu lhe digo, senhor ***, é que o tal Amaral faria bem se sahisse quanto antes de Lisboa. O senhor bem sabe que eu quiz dar-lhe um tiro; não me envergonho d'isso. Tractou-me bem em sua casa; mas, em fim, as obrigações que lhe devo não são tantas, que me façam soffrer com as mãos nas algibeiras os seus ultrajes...

—Guilherme não ultraja ninguem, senhor barão.

—Pois, sim, isto é um modo de fallar... Elle lá sabe

as suas tenções, e eu sei as minhas. O que eu não quero é que elle incommode minha mulher; o mais póde ir e vir quantas vezes quizer.

Estive quasi a eliminar da historia este dialogo, que só tem a verdade como recommendação.

Ha a concluir d'aqui a bem organisada compleição d'este marido: a patriarchal innocencia dos seus juizos: a confiança que lhe merece sua mulher: e, finalmente, as tendencias um pouco sanguinarias, despertadas pela recordação do tiro que levava de mimo ao amante de sua prima.

O poeta sahiu, e d'alli foi, como já vimos, procurar Amaral.

A baroneza ficou no seu quarto, bem fechada por dentro.

O barão entrou no seu, passando revista a algumas lettras, que se venciam no dia seguinte.

Grande maravilha, que vai arriscar a reputação daquella martyr, que passou do Candal para a rua dos Armenios, envolta no velho capotinho com que sahira da rua dos Armenios para as magnificencias do Candal!

Grande maravilha, sim, e grande escandalo até! A baroneza d'Amares que faria sósinha no seu quarto?

Quarenta quadras a um perfido? Uma choradeira sobre a saudade d'outros tempos? Quatro paginas de prosa amargurada no seu livro intimo?

Não. A dôr, que escreve, deve ser uma dôr bem supportavel.

A d'ella era immensa, infinita, muda, sem desafogo.

Era uma dôr de cinco annos, reprimida nos soluços, afogada nas lagrimas, mascarada nas pompas, algemada ao poste da honra para o não ser ao da ignominia...

Era uma dôr que lhe sacudira, cinco annos, o peito, como os arrojos da cratera, e rebentava agora, inflammada pela faisca subita d'uma apparição imprevista.

A resposta que o poeta deu ao titulo do romance que precede este, é mentirosa. Não estava no dinheiro a felicidade de Augusta.

A baroneza d'Amares, que é aquella rapariga que chorava sobre o cadaver de sua mãe, e enxugára as lagrimas, acarinhada por Guilherme do Amaral, sua providencia na desgraça, seu mestre, seu Deus, o primeiro e unico homem que ella viu, que sentiu, que apertou ao seio, quando por mão d'elle lhe entrou na alma a luz creadora do seu alto espirito... essa mulher que faria para que mereça ser lapidada?

Tirou do fundo d'um gavetão o retrato de Guilherme do Amaral, e...

«Beijou-o?!»

Não, minhas senhoras, contemplou-o com os olhos rasos de lagrimas.

Quem lhe atirará a primeira pedra?...

## IV

Estudemos e expliquemos bem esta baroneza d'Amares. Nada de meias-revelações.

Partamos de principios. Ha um só amor para cada coração. Ama-se uma só vez; e essa vez unica vem aos dezeseis, vem aos vinte e cinco, vem aos quarenta, vem aos cincoenta annos. Não ha idade assignalada para essa emissão celeste, para esse sentimento que nos anticipa o amor divino. Fujamos da metaphysica, senão o leitor depõe o livro, e vai vêr SANCTO ANTONIO, o THAUMATURGO, ao nosso theatro eminentemente civilisador.

Amor ha só um. A repetição d'esse sentimento não é amor, é paixão. D'este áquella vai a differença da alma livre nos seus anhelos á alma prêsa nos sentidos.

Amar é sentir de dentro para fóra; apaixonar-se é sentir de fóra para dentro.

A coisa assim dita é clara como agua. E mais clara ainda: amar é uma operação da alma sem dependencia do corpo, apaixonar-se é uma operação do corpo sem dependencia da alma.

Os que acceitam como verdades os absurdos que não entendem, gloriem-se de imitar o sancto bispo de Hyppona, que dizia: *quod absurdum, credo*—creio porque é absurdo. Os outros mais exigentes vão entender-me.

Querem conseguil-o sem consultar o *Tractado das paixões?* Consultem-se.

Mas no saber-se consultar é que bate o ponto.

Já amaram a sua vez?

Recordem-se. Viram, um dia, vestir-se a natureza de galas nunca vistas; tingir-se o céo d'um colorido estranho; povoar-se o ar de visões transparentes?

Ouviram a harmonia das espheras, a nota vaga de canticos angelicos, as festas sonoras de mundos invisiveis, os murmurios magicos das auras, que descem á terra como um bafejo dos bemaventurados?

Sentiram um aroma inebriante, um perfume de não sei que narcotico, cerrar-lhes as palpebras, dilatar-lhes os pulmões, electrisar-lhes o sangue, espiritualisar-lhes a vida, rompendo-lhe os vinculos do corpo, arrebatando-lh'a de sonho em sonho, até parar com ella sobre um raio de luz, que desferem os olhos da mulher, do archanjo, do deus, que vos encerrou no seu sacrario?

Viram, ouviram, e sentiram isto?

Se me dizem que não, das duas uma: ou não me entendem, ou não amaram.

Se me não entendem, leiam os *preços correntes* de qualquer jornal.

Se não amaram, esperem, e sentirão.

Ora agora:

Suppomos de barato que sentiram tudo isso, e muito mais sensações maravilhosas que o meu estado de desmemoriada velhice já me não deixa recordar.

Essa mulher da visão, como estrella cadente, esvaiu-se n'uma exhalação lucida deixando um ponto escuro, lá em cima no céo, onde se engastára. Os vossos olhos mediram a extensão do firmamento; e nenhuma estrella fulgurava como aquella. Procuraram as galas esplendidas da

natureza, e viram-na apenas trajada d'esses adornos monotonos, que o pincel do homem retrata. As visões aereas, e o colorido magico das ondas luminosas converteram-se em fluido impalpavel, sujeito a uma decomposição chimica.

O sacrario estava fechado. O vosso primeiro amor, o unico, o irreparavel n'esta vida, fugira para o seio da saudade lagrimosa...

E depois?

Depois vieram as paixões.

A alma, perdida a sua omnipotencia creadora, fez-se creatura passiva. Expulsa da innocencia, como Eva do paraizo, entrou em commercio com as dôres, com os trabalhos, com os prazeres completados pela expiação, com as esperanças ludibriadas pelo sarcasmo dos desenganos.

Perdida a candura primitiva, desluzida do cirio mystico apagado ao sopro do anjo mau, a alma trocou pelas lentilhas do prazer ephemero a primazia sobre os sentidos, fez-se captiva da carne, assentou-se nas ruinas do seu mundo, e sustentou-se do alimento que lhe esmolava o corpo por intervenção dos olhos, do tacto, do ouvido... E nunca mais, desatando-se da materia, pôde cantar o seu hymno de resgate.

Como escravo que geme entre ferros, como a odalisca destituida de ser moral e rica das injuriosas pompas com que lhe enfeitam a machina..., a alma, nos momentos lucidos da saudade, relucta contra a oppressão, reage com desespêro, quer arrancar-se á tyrannia do corpo, e consegue, na allucinação do seu flagello, chamar a si um raio d'aquella estrella que lhe banhava de luz o espaço infinito dos seus desejos puros.

Mas os extasis da alma captiva são instantaneos; o vigor immenso dos seus transportes quebra no primeiro arrojo; a desgraçada cahe nos braços do seu verdugo, e o verdugo converte em seu serviço as forças da victima.

Ahi está a alma á mercê do corpo. O sensualismo como resultado d'uma aspiração para que a alma não tinha fôlego. O reinado das paixões.

Duvidar da clareza com que expuz a minha ideia, seria descrer do alphabeto, e mais ainda da comprehensão de tres pessoas para as quaes escrevo ha não sei quantas duzias d'annos.

Por consequencia de principios tão claramente postos, ha um só amor, e muitas paixões.

A baroneza d'Amares sentia o amor. As paixões não.

Uma illusão, que nos afaga tres dias, é uma grande esmola do céo. A que nos realisa todas as esperanças d'um anno, se nos fugir por fim, deixará de si saudade para florir, emquanto os olhos nos derem lagrimas.

Os olhos de Augusta nunca seccaram. A saudade do homem, que lhe despertára mais prazeres do que a sua alma ambiciosa podia sonhar, não podia fenecer. Era o cypreste dos tumulos, sempre verde.

Escutemos-lhe o coração.

Que ultrajes recebera ella de Guilherme?

A perfidia e o abandono.

A sua angustia foi horrivel de imaginar-se. A surpreza fôra-lhe um sonho dos que devem pesar no coração do impio, em trances de morte. Salvou-a da demencia o heroismo. Divertiu-a do suicidio a ideia da morte lenta—o suicidio heroico das almas grandes.

Vestiu os pobres trajos com que sahira da sua virtuosa

pobreza. Justificou-se perante Deus e a sua consciencia, como se elle e ella a accusassem de procurar o fausto na deshonra.

Mas Guilherme deixava-lhe esse fausto, como quem queria fechar-lhe as avenidas á tentação d'um segundo amante.

Não é verdade que essa previdencia de Guilherme era ciume?

E o ciume sem o amor será possivel?

Augusta fazia-se estas perguntas; porém, quando as fez ella? Quando olhou, pela primeira vez, o leito nupcial...

Que lagrimas!

A vertigem cedera o logar á razão... não digo bem, á saudade; e então Augusta viu-se vulgar, envilecida, indigna do amor de Guilherme, que a pozera tão alta, ensinando-lhe os vôos da intelligencia, para de tão alto se despenhar nos braços d'outro homem!

Entrou-lhe o arrependimento no coração.

Havia um só allivio para ella: Guilherme esposo de outra; perdido para sempre.

Não bastava este allivio. Augusta não casára por vingança. Uma só vingança lhe parecia digna da offensa: morrer com honra, morrer amando-o, morrer abençoando-o, beijar a mão que a ferira de morte, ir com o nome d'elle á presença de Deus, e pedir que as suas lagrimas lhe não pesassem na balança da justiça divina.

Casada com seu primo! E porquê?

Por gratidão, por sacrificio, por não poder pagar-lhe com a vida uma idolatria cega.

Mas a gratidão quem lh'a merecia mais do que outro

homem que renunciou por ella tudo, que lhe déra tanta alma para os jubilos e para as amarguras, que vivera só para ella, até que a fatalidade lh'o roubou?

A fatalidade!

Quando a mulher trahida attribue á fatalidade a sua desgraça, lava no coração do traidor a mancha do crime. Perdôa-lhe até, se a fatalidade lh'o restituir.

E o que é o perdão, se a alma o dá, sem obediencia ao preceito da caridade? É o amor purificado pela paciencia; é o triumpho penoso da saudade sobre o orgulho succumbido. É a humildade da verdadeira amante, que faz dos seus pesares um novo merecimento á compaixão do ingrato...

Leitora compassiva! é com vossa excellencia que eu me quero n'este aperto de escrupulos.

Responda-me lá na sua consciencia. A saudade de Augusta será das que fogem ao dente da sociedade, para se acolherem ao perdão de Deus?

Se me responde que esta questão pertence á theologia moral, eu dou comigo em quatro mestres de casos, que me fazem suppôr que Deus distribuiu um terço de coração por cada duzia de casuistas.

Simplifiquemos a pergunta... O melhor é não perguntar nada.

Com licença do summo-pontifice, atrevo-me a asseverar que a baroneza d'Amares era uma sancta, e é; porque, apesar dos cerzidores de necrologios de baronezas, ainda vive.

Ha alguma coisa miraculosa n'esta existencia. A dôr deve ser-lhe inoffensiva como o veneno de Methridates.

# V

Já o leitor sabe tudo o que se passou até á hora em que o poeta procurára, no hotel, Guilherme do Amaral. Viu a combinação que fizeram de partirem de Lisboa n'essa manhã, e a pressa com que o poeta sahiu a tirar os passaportes.

Um chronista, menos solícito, não faria o que eu fiz: devassar a consciencia da baroneza, furtar-lhe um a um os seus segredos, tudo para lisongear a curiosidade das pessoas, que gostam de vêr traves bem grandes nos olhos dos outros.

Muitas almas condoídas presentem que tem de compadecer-se de novos infortunios predestinados á baroneza pelo seu desgraçado amor a um homem indigno. Preparam-se para a verem cahir.

Senhoras de muita virtude começam a reprovar a saudade da mulher casada, e promettem rasgar a folha d'este romance, ré de leso-matrimonio, em que Amaral seja posto face a face com a esposa do snr. Francisco. São as da virtude intolerante: inquisidores de saia.

Outras—e essas são as que eu adoro, sem as conhecer—esperam que a baroneza não desdiga d'aquella Augusta, que entrou no Candal com uma saia de chita e voltou com a mesma saia para a rua dos Armenios. Esperam

que a imagem de Guilherme seja na alma da infeliz uma saudade incuravel. Esperam que essa saudade, angustiada no cinto de espinhos do dever, eleve, cada vez mais, ao mais alto grau de virtude, a sanctidade do sacrificio pela privação voluntaria, pela terrivel peleja da dualidade.

A qual das tres espectativas obedecerá a logica dos acontecimentos? Lá vamos.

O poeta, ás nove horas da manhã do dia vinte e sete de março de 1851 foi despedir-se da baroneza d'Amares.

Encontrou o barão no escriptorio.

—Minha mulher—disse elle—não fechou ôlho. Disse-me a criada do quarto que ella se encostára, mesmo vestida, á cama, já depois que é dia. Eu já lá quiz ir; mas, a fallar a verdade, falta-me o animo. Agora estava eu para lá tornar...

—Porque não ha de ir? Vamos ambos.

—Homem, eu conheço-me. O senhor sabe consolar, e eu não sei. Ella diz-lhe o que tem, e a mim... bem sabe o que ha na nossa vida... não se diz tudo. Augusta tem-me amizade, isso tem; mas... é por isso que eu não sou chamado para a vêr chorar. Sou seu marido... e oxalá que não fosse...

—Porquê, senhor barão?

—Porque não posso fazel-a feliz... Até aqui chega o meu raciocinio. Minha prima dá-se bem comigo; nunca tivemos um desmancho; ha cinco annos que eu lhe não disse uma palavra mais alta que a outra... que tem isso? Eu bem conheço que vai tanta distancia de mim a ella, como do dia á noite. Era mulher para mim ántes de conhecer esse mau homem: depois não. Os malditos livros... foram os livros... Emquanto ella mudava de natural com

os estudos, eu estava no meu tear. O que eu devia fazer era estudar para ella poder agora entender-se comigo. Foi uma loucura casarmo-nos.

—Pois vossa excellencia arrependeu-se?

—Sim, senhor, porque a não vi feliz, por mais que eu fizesse por lhe adivinhar os seus pensamentos.

—Mas eu creio que sua senhora nunca se queixou.

—Peior ainda. Quantas vezes a encontro eu a chorar, e ella, se eu vou de subito e não póde limpar as lagrimas, chora ainda mais. Pergunto-lhe o que tem, e ella diz: «Eras digno d'outra mulher, meu primo.» Uma vez disse-lhe que não sabia onde houvesse mulher que mais valesse do que ella; e minha prima respondeu-me «que em qualquer parte se encontrava uma mulher pura.» Tenho pensado n'isto muitas vezes, e não atino com o que ella queria dizer. Sabe o senhor o que é?

—Não comprehendo...—disse o jornalista sentindo o melindre da explicação.

—Emfim, somos desgraçados ambos!—tornou o barão—Já agora não ha remedio. Eu cuidei que o dinheiro podia tudo; enganei-me. Sabe o senhor que se eu podesse tornar a ser tecelão e fazer que minha prima fosse o que era na rua dos Armenios, palavra de honra, trocava tudo o que tenho pela minha vida d'esse tempo! Estou aqui a amontoar uma fortuna não sei para quê... Já me lembrou trazer para casa o pequeno que está no Porto, a vêr se minha mulher lhe ganha amor.

—É um bom pensamento. A senhora baroneza disse-me ha dias que o mandava buscar para um collegio. Se vossa excellencia concorda, eu envi-o directamente para aqui.

—Pois sim; mande-o... será nosso filho, já que Deus me não quer dar um. Oxalá que elle distraia a minha pobre mulher!... Vá lá acima, meu amigo, vá... Veja o que ella diz. Seja bom, como tem sido sempre, para esta casa. Eu sou grosseiro, mas tenho coração agradecido.

O poeta, sensibilisado com a sincera dôr d'este maravilhoso homem, subiu e encontrou a criada particular da baroneza, chorando na ante-camara.

—A senhora—disse ella—está muito mal. Chora como uma vide, e não me quer lá ao pé d'ella.

—Diga-lhe que estou aqui.

A criada demorou-se com a resposta. O poeta entrou ainda a tempo de vêr sobre uma cadeira a imagem d'um Christo em pau preto, salpicado de lagrimas.

—É exagerada a sua dôr, senhora baroneza—disse elle, tomando-lhe a mão com terna familiaridade.

—Exagerada!—balbuciou ella quanto os soluços compressores lh'o consentiam—Poderei eu emendar os excessos da minha dôr? Tomára eu! Culpem-me todos, menos o senhor, que sabe tanto o que se passa na minha alma, que m'a adivinha, e me tem feito persuadir que está no meu espirito como um anjo consolador.

—E nada posso...

—Póde, póde muito, não me abandone, diga-me tudo o que se diz a uma mulher escrava das más paixões; reprehenda-me, lembre-me os meus deveres, e obrigue-me a córar de vergonha...

—Eu não vejo na sua vida um acto reprehensivel, senhora baroneza.

—Pois estas lagrimas serão virtuosas?

—São. O receio da quéda não é que a faz chorar; é a

impossibilidade de cahir. Quando assim se soffre, não se quebra, fortalece-se o esteio da honra. Vossa excellencia lucta, e vence. Vencer, na sua situação, é trocar o martyrio d'uma falta pelo remorso d'um crime. A tranquillidade vem, senhora baroneza. A não podel-a esperar com olhos enxutos, deixe cahir as lagrimas: quando tiverem cahido, alguma paixão nobre virá substituir a outra...

—*Vil*... diga: a outra *paixão vil*.

—Vil, não: impropria da sua vida, desde 1845, desde que começou o seu heroismo por um lance extraordinario.

—Diz bem... mas eu não penso no que fiz... não sei o que fiz... Chego a duvidar se pratiquei um heroismo, ou uma loucura... abandonando... Meu Deus! eu estou douda...

—Abandonando o Candal: é o que vossa excellencia diria, se fosse mais indulgente com o seu coração. Diga, diga. A coacção, diante d'um amigo verdadeiro e experimentado, é falta de confiança. Se vossa excellencia ficasse no Candal, recebendo a subsistencia da generosidade de Guilherme, era trivial, e chegaria á desgraça pelo caminho trivial de todas as desgraçadas.

—Como?! explique-se...

—Facilmente. Guilherme do Amaral, depois de um anno d'ausencia, sentiria o pêso do seu encargo. Vossa excellencia, depois d'um anno de abandono, sentiria o vexame da sua humilhação. Para elle, a generosidade tornar-se-ia, com o tempo, gravame; e para vossa excellencia esmola. Uma alma grande vai direita ao crime, quando lhe apontam como refugio a estrada do aviltamento. Augusta buscaria o remedio do suicidio, quando

visse que a caridade d'um amante, que fôra, lhe dava o pão que lhe não daria, se lhe faltasse a elle.

—Antes o suicidio!—exclamou a baroneza com ardor.

—E a não ser o suicidio, havia ainda um recurso e só um—passar d'um abysmo a outro abysmo—amar... amar!... não—entregar-se a um segundo homem.

—Cale-se, cale-se, por quem é!

—Pois bem, senhora baroneza... Se vossa excellencia ficasse no Candal, tinha um dos dois recursos a abraçar.

«A Providencia inspirou-lhe um terceiro. Se lh'o não agradecer, se o não acceitar como vindo de Deus, embora lhe custe amarguras até á morte, desbonra-se, sem remediar os seus padecimentos... Agora, perdão! Disse tudo que tinha na alma.

—Fez-me um grande bem...—acudiu ella apertando-lhe fervorosamente a mão—Começo a respirar. Se choro ainda, d'aqui em diante as minhas lagrimas serão supplicas de perdão a Deus.

E depois d'uma silenciosa concentração, proseguiu como em colloquio comsigo mesma:

—É verdade! o que seria de mim, durante cinco annos? Elle voltaria hoje para escarnecer a minha dedicação até ao suicidio. E a minha alma teria ido d'este mundo amaldiçoada, e amaldiçoada se daria a Deus... Deu-me um allivio immenso, meu querido irmão! Vá contente da sua obra... fez muito! muito!...

—Agora, senhora baroneza, adeus! Vou impôr-lhe um dever. Ha de escrever-me de dois em dois dias uma carta. Bons e maus pensamentos, tudo que a sua alma lhe dér, ha de encontrar-se com a minha, sim?

—Prometto, e preciso que me dê esse desafogo.

—Eu voltarei brevemente; virá comigo o Joãosinho: é seu marido que m'o pede.

—Para aqui?

—Sim; para a sua companhia. O barão espera que o pequeno tenha um coração mais intelligente que o d'elle. Chama-lhe seu filho.

—É um anjo este homem!... Pois sim, traga o menino.

Abraçaram-se.

É escusado dizer que o barão esperava o poeta. Riam-se-lhe os olhos, quando este lhe disse:

—Sua senhora soffre menos. A sezão vai passando, e a felicidade virá, quanto é possivel vir ás pessoas que a buscam debalde n'este mundo.

D'alli passou ao governo civil, onde tirou os passaportes, e apresentou-se no hotel d'Italia com todos os aprestes de jornada.

Guilherme do Amaral dormia profundamente. Á primeira sacudidela regougou uma praga. Á sexta ou setima —não sei bem a qual foi—ergueu-se estremunhado, perguntando se o wagon de Vienna partia tão cedo.

Bem certo de que estava em Lisboa, e tinha de partir para o Porto, vestiu-se ronceiramente, pediu para o almoço chá e ovos estrellados, almoçou emquanto o poeta lhe arranjava os bahús, accendeu o cachimbo turco, bifurcou-se n'um cavallo de sella, e partiu.

# VI

Temos assumpto de mais para dez volumes, sem recorrermos a minuciosidades enfadonhas.

As estiradas palestras dos dois viajantes, posto que mui curiosas para os averiguadores do coração humano, enfastiariam muita gente boa que arrenega as dissertações para que eu tenho um geito que me veio com os cabellos brancos. O fardo dos annos pesa na espinha dorsal, os olhos difficilmente se levantam da terra, e as preoccupações da alma são todas impressões terrenas. D'ahi, o gosto das theses sobre a coisa mais terra, mais barro, mais rasa que se topa com a ponta do pé: o homem.

Em cata, pois, do homem, vamos encontrar, no Porto, Guilherme do Amaral, e o seu velho amigo, adquirido ahi sete annos antes.

O fidalgo da Beira Alta hospedou-se na *Aguia d'Ouro*, justamente no quarto onde se hospedára a «candida pombinha» de sua prima Leonor. O poeta, especie de bohemio, que não tinha casa em parte alguma do mundo conhecido, lá fez tambem a sua aposentadoria, visto que, na volta de Lisboa, encontrára extincta a *Hospedaria Franceza*, sua antiga residencia. [1]

[1] Uma nota impertinente: O chefe d'esta hospedaria era Mr. Ayresmen, ou um nome assim parecido. Tinha elle duas filhas, uma das quaes déra muito que fazer aos lograd os amadores das boas caras. Chamava-se Mll.e Pauline. Uma bella ma-

No dia immediato ao da chegada, cumpriu-se a promessa do poeta: todos os jornaes annunciaram a boa vinda do excellentissimo senhor Guilherme do Amaral Tinoco de Albuquerque e Frias.

A mocidade illustre do Porto visitou-o; algumas senhoras enviaram-lhe os seus escudeiros com bilhetes; os maridos d'estas senhoras foram pessoalmente abraçar o ingrato, como elles diziam, que não tivera lá fóra uma folha de papel em que désse aos bons amigos do Porto novas suas.

Não faltou o visconde da Carvalhosa, que Amaral deixára barão. Nem o marido de Cecilia, que déra o jantar da despedida. Nem o conselheiro, que fizera o celebre discurso no jantar. Nem o commendador, que bebera a agua morna da taça.

—Como está a senhora D. Margarida?—perguntava Guilherme ao visconde da Carvalhosa.

—Está gorda e féra: não ha mal que lhe chegue.

—Solteira ainda?!

—Pois então! a rapariga tem lá seus ferros, e diz que não quer casar.

—É lamentavel que uma menina, ornada de tão boas qualidades, se negue a fazer ditoso um marido!

—É como é. Nem pelo diabo! Pois não é por lhe faltarem casamentos...

—De certo: isso é natural. É sua senhora como

nhã, o proprietario da casa penhorou tudo por divida. O chefe morreu, mendigando. Uma filha morreu de fome. A outra, Mll.ª Paulina, suicidou-se. Eis aqui meia duzia de linhas que revelam a saudade com que me recordo d'essa infeliz familia com a qual vivi um anno. Não devem rir-se d'isto

está?—perguntou Amaral ao marido de D. Cecilia—ainda soffre?

—Dos nervos? cada vez mais, senhor Amaral.

O visconde piscou o ôlho esquerdo a Guilherme.

—É pena!—tornou elle—Se me não engano, a senhora D. Cecilia é uma d'essas raras organisações que se nutrem do veneno ideal.

—Parece-me que sim...—disse o marido bastante enfiado.

O visconde piscou o ôlho direito.

—É um dever nosso, visto que não podemos seguil-as nos seus vôos—tornou Guilherme—deixal-as voar livremente.

—De certo—tartamudeou o marido, um pouco açafroado.

O visconde piscou ambos os olhos.

E Amaral proseguiu:

—Eu conheci aquella senhora com uma tendencia infeliz para crear chimeras impossiveis. Era uma sêde de coração, que não podia mitigar-se nas fontes da vida. Com effeito, não me enganei. Vejo que vossa excellencia lamenta comigo os padecimentos moraes de sua senhora.

O marido começava a desconfiar das «lamentações» de Amaral. O poeta, para cobrir o riso, fazia do espêsso bigode uma sanefa sobre os beiços. O visconde para variar a visagem, tendo já piscado ambos os olhos, franziu o nariz, dilatando em direcção obliqua ambas as ventas.

Amaral—é preciso saber-se—soube do poeta aquelle celebre dialogo que tiveram, elle e D. Cecilia, nas praias de S. João da Foz, a respeito d'Augusta. Promettera des-

encarregar a sua consciencia da divida, e principiava a fazer quinhoeiro no credito o atrapalhado marido.

Voltando a attenção para o conselheiro orador, disse:

—Tem ido ás camaras, senhor conselheiro?

—Oh! pois não! constantemente. Tenho recusado candidaturas por varios circulos; mas os meus amigos e a patria...

—Urgiam a sua presença, e vossa excellencia sacrifica-se á patria e aos amigos... Com muita razão se empenham os amigos, e a patria o solicita. Vossa excellencia é um orador consummado.

—Vontade... vontade de ser util aos meus, tanto quanto posso e devo, á patria que me viu nascer. A barra do Porto tem sido o meu constante, laborioso, e pertinacissimo pensamento.

—E tem conseguido...

—Tenho chamado a attenção das camaras, e dizem-me que Sua Magestade, conscia das minhas humanitarias reclamações, vai reunir o conselho de estado para deliberar sobre objecto tão momentoso.

Amaral mordeu o labio inferior. O poeta rufou uma marcha nas vidraças; e o visconde, admirador nato do conselheiro, tomou a palavra, e prodigalisou uma sementeira de sandices que forçou o poeta a desalojar do quarto.

O marido de Cecilia, o commendador, e o conselheiro sahiram. Ficou o visconde.

—Que queria vossa excellencia dizer, piscando o ôlho, ha pouco?—perguntou Amaral.

—Então o senhor não sabe nada! A D. Cecilia tem dado cabeçadas de todo o tamanho! Lá em minha casa já

ella não entra. A minha Margarida tem-me contado coisas que fazem arripiar os cabellos. O marido é um pobre lôrpa, que anda vendido.

—Então que ha? alguma infidelidadesita...

—Qual infidelidadesita! A coisa acho que é séria. Diz lá minha filha que ella namora a todo o panno, e lá, quando lhe parece, dão-lhe fanicos, e vai tudo c'os diabos.

—Isso então é muito serio...

O marido de D. Cecilia, pediu licença para entrar, quando o visconde ia entrar no fino das suas revelações.

—Esqueceu-me a bengala—disse o recem-vindo— e esqueceu-me tambem o objecto secundario da minha vinda.

—Se querem fallar em segredo, eu retiro-me—disse o visconde. O silencio do marido de Cecilia approveu a offerta do titular, que sahiu, descontente.

—Não era segredo o que eu tinha a dizer-lhe—disse o successor de Amaral no coração insaciavel de Cecilia— mas aposto que o meu amigo desejava a ausencia do visconde...

—Com a presença de vossa excellencia, troco-a de muito boa vontade.

—Este homem é um asno admiravelmente perfeito; não lhe parece?

—Vou um pouco para ahi...

—Ouviu como elle fallava da filha Margarida?

—Sim,..

—Se o senhor soubesse o que por cá tem ido!...

—Pois quê? algum namorosito...

—Qual namorosito!? Tropeçadas de reputação, que

a tornam indigna da convivencia de minha mulher. Tem sido encontrada nas *Aguas-ferreas* a passear com um peralvilho da provincia, e dizem-me que na Foz tem dado escandalo... O senhor sabe por experiencia que ella é d'uma estupidez incalculavel... não é verdade?

—Pareceu-me um bocadito tapada...

—Tapadissima; porêm, desde que vossa excellencia lhe fez uma côrte desfructadora, a mulher entendeu que era indispensavel ser menos estupida, e deu-se á leitura. Desde que lê, meu caro senhor, mette Alexandre Dumas e Eugenio Sue a respeito de qualquer tolice original d'ella. Troca os *bb* pelos *vv* escandalosamente, e faz consistir todo o seu espirito em dar grandes gargalhadas no theatro, e comer confeitos de chocolate, assim como a mãe, que muita gente conheceu tecedeira na Cordoaria, comia batatas.

O infamador soltou uma risada apologetica ao seu discurso, e Amaral, aborrecido, apenas desfranzira um ligeiro sorriso, que não lisonjeou muito o outro.

O poeta, na ausencia do visconde, tinha vindo assistir ás informações do vingativo detractor de Margarida; e na ausencia d'ambos, a sós com Guilherme, collocou na devida posição as victimas da maledicencia.

Segundo elle, Cecilia era calumniada, por isso que desde 1846, anno do seu casamento, apenas tivera cinco admiradores do seu espirito que só passavam do espirito á admiração do involucro, logo que a moral se désse as mãos com a hypocrisia... Não havia escandalo; por consequencia não havia crime.

A respeito de D. Margarida, os passeios ás *Aguas-ferreas*, por manhãs de estio, justificavam-se com as pre-

scripções da medicina, applicadas ao estomago da calumniada, estragado por continuadas indigestões de peixe cosido, comido á noite. O sugeito que lá passeava com ella era um cavalheiro prestantissimo, amigo da casa, incapaz de tirar outro proveito de seus serviços que não fosse o almoço, o jantar, o chá, o cantinho no camarote, e a reputação de primeiro borlador do Porto, e districtos administrativos circumvisinhos.

Pobre homem!

Restituidas á sã moral as suas prerogativas, o poeta atirou-se á cama de Guilherme, inçou as pernas parede-acima, e tocou tambor com os calcanhares. Eram os calcanhares que diziam o resto, e eu não desço a ser interprete de calcanhares.

N'esta postura, veio encontral-o Joãosinho, o filho adoptivo da baroneza d'Amares, acompanhado da senhora Joaquina.

Guilherme tomou nos braços o pequeno, beijou-o, e parecia commovido.

O episodio não dá ansa para menção especial.

O poeta disse que Joãosinho ia brevemente para Lisboa; e com o fim de alliviar as afflicções da ama, prometteu-lhe a ella acompanhal-o.

# VII

O poeta afastava quanto podia a baroneza da imaginação do seu amigo. Instigava-o a espairecer na pequena sociedade do Porto as melancolias que o levavam para longe d'ella.

Amaral evitava o companheiro, quando sahia, porque no dia immediato ao da sua chegada, quiz leval-o á rua dos Armenios, e o poeta, conhecendo as perigosas incoherencias do coração humano, divertiu-o d'esse projecto.

No dia seguinte, Amaral foi só á rua dos Armenios.

Ao entrar n'aquella soturna viella, encheu-se-lhe o espirito de amargura; todas as scenas de seis annos, vistas pela sua face negra, tumultuaram-lhe na imaginação; uma dôr como a do remorso, outra como a da saudade, e a terceira mais pungente ainda, como a desesperança, sentiu-as todas durante os momentos em que, parado em frente da porta de Augusta, cravava os olhos immoveis nas visões que perpassavam.

«Estive aqui. D'este sitio escutei os gemidos da costureira, abraçada ao corpo frio de sua mãe. Aquella porta abriu-se ao toque da piedade, que se converteu em crime, em crueldade, em infamia. D'alli sahiu uma boa alma, cega d'amor. Alli entrou essa alma, rica de dotes que o talento fecundára, para lhe tornar mais feia a sua desgraça. Que terriveis angustias se passaram alli dentro! Os gritos ninguem os ouviria como eu ouvi os da orphã; porque a mulher abandonada, se grita, chama testemu-

nhas á sua deshonra... Quem dirá os tormentos de cada minuto da infeliz que eu elevára tanto, para n'um momento a despojar de tudo! Eu sou um malvado! Soffro grandes ultrajes ha cinco annos, e acho a expiação inferior á culpa. Qual será a qualidade boa da minha alma? Nenhuma! Este mesmo pesar que me tortura agora seria uma aurora de virtude, se eu ámanhã podésse ainda sentil-o. Não... não sentirei. Quando o vicio me mostrar uma nova face, voltarei as costas ao remorso. Mas o castigo reconheço-o, sinto-o, está sempre comigo... É este tedio de mim proprio... Os meus pensamentos, fóra dos que a dôr me aguilhôa, são todos baixos, vis, e miseraveis. Não sou capaz de conceber uma esperança nobre; e em cada virtude alheia, que se me depara, vejo uma accusação, um insulto, um juiz que me brada: Vai, infame, no teu rastilho de lama... O teu fim ha de ser desgraçado, ainda que o ouro te prodigalise recursos.

«A desgraçada não és tu, Augusta. Fizeste da desgraça um conforto, uma virtude, um merecimento aos olhos do mundo. Desgraçado sou eu... Aqui estou á porta de tua casa, arrastado pela mão violenta do remorso. Eu, homem do grande mundo, capaz ainda de fazer das minhas infamias um direito á admiração, visto que ainda sou rico, ou pareço sêl-o... eis-me aqui pobre de recursos com que possa comprar uma alegria que me faça esquecer-te... Ó Providencia, tu existes!»

Estas e outras ideias passaram atribuladas no espirito de Guilherme. A da *Providencia* tirára-lhe uma lagrima. Se n'esse coração árido houvessem muitas, a regeneração seria possivel. Estes terriveis abalos são a entrada do anjo bom na consciencia do homem.

Guilherme do Amaral levou machinalmente os olhos para a casa onde morava a Anna do Mouro. Sentiu a necessidade de vêr aquella mulher. No seu estado tudo que tivesse relação com Augusta era uma parte d'ella; uma recordação que o chamava a esse passado feliz, que lhe parecia ter fugido muitos annos antes. Nem sequer lhe veio á memoria a denuncia que a filha do barqueiro fizera do infanticidio d'Augusta, como o poeta lh'a contára.

Pareceu-lhe até consolador o encontro d'essa mulher.

Bateu á porta primeira e segunda vez.

Fallou-lhe uma mulher, que não era a Anna do Mouro.

—Não mora aqui—disse elle—a senhora... não me lembra o nome...

—Eu já o conheci a vossa senhoria. Procura minha mãesinha? Essa já está com Deus ha um anno. Deu-lhe uma parlezia do meio corpo para baixo faz agora quatro annos, e ficou entrevadinha. Então o senhor ainda é vivo?

—Parece que sim.

—Então já sabe onde está aquella pessoa? Ora se não ha de saber... Quer o senhor entrar? A casa é pobre, mas, graças a Deus, está limpinha. Não tinhamos um farrapinho se não fosse ella.

—Ella quem?—disse Amaral, sentando-se n'uma caixa de pinho da neta do Mouro.

—Pois quem havia de ser? a fidalga...

—Qual fidalga?

—A senhora baroneza... pois vossa senhoria não sabe que aquella certa pessoa é baroneza e está em Lisboa?

—Sei.

—Pois foi ella que mandou dar a minha mãe doze vintens por dia emquanto ella esteve entrevada. Aquillo é

uma sancta! Dizia minha mãe, Deus tenha a sua alma em bom logar, que Nosso Senhor lhe déra muita riqueza em paga dos maleficios que o senhor lhe fez. Era a alminha sancta da mãe que estava lá a pedir por ella. Com que sim. Então vossa senhoria não morreu?

—Ora diga-me, viu a senhora baroneza depois que ella tornou para cá?

—Pois não vi! Eu ia lá, e vinha para casa a chorar. Aquillo era uma dôr de coração vêl-a a gente a penar, a penar como as almas do purgatorio. Vai uma vez depois que... em fim, ahi correram uns boatos, que o senhor ha de saber melhor que eu... depois que, Deus me perdôe se pecco, ella teve o seu successo, foi para Lisboa, e lá sahiu baroneza e fidalga, e mais o fidalgo, que tambem pelos modos é barão, e está rico como um porco.

As revelações da mulher enjoavam Amaral. Com mais algumas palavras e uma esmola, disse-lhe adeus, arrependido de ter sahido de si para dar ouvidos á exposição nauseenta da regateira.

Já na rua, perguntou ainda:

—Não vive alguem n'aquella casa?

—Não, senhor; a casa nunca mais se abriu senão uma vez que ahi veio um senhor de bigode e charuto, que por ahi vinha depois que ella tornou lá do Candal, esteve lá dentro muito tempo, e sahiu de noite com outro homem.

—Isso foi ha muito?

—Ora se foi! Foi logo depois que ella foi para Lisboa.

—Era elle—murmurou Guilherme, afastando-se da interlocutora.

Este *elle* era de certo o poeta, e o leitor tambem não

sabia que o poeta viera á rua dos Armenios. Vai sabel-o, porque Amaral, apenas encontrou o poeta, sem dar-lhe tempo a arredondar o periodo final de uma philippica contra a celebrada *lei das rolhas*, interrogou-o:

—Que foste tu fazer á casa de Augusta depois que ella sahiu do Porto?

—Respondo logo.

—Porque não ha de ser já?

—Porque só póde ser logo, e não póde ser aqui.

—É celebre o impossivel!

—Não é celebre; é romanesco.

—Não percebo.

—Queres tu dar um passeio, e respondo-te lá fóra?

—Vamos. Isto parece-me puerilidade.

—Uma verdadeira *puerilidade*...Creancice de homem velho.

—Vamos lá.

Sahiram, e atravessaram desde a *Batalha* até ao *Prado do Repouso*. Ao transporem o portão do cemiterio, Guilherme exclamou:

—Já sei o que é.

—Melhor. Queres recuar?!

—Não... vamos.

—Verás um bonito jazigo, onde estão os ossos de teu filho. Foi feito por um modelo da mãe. Fui eu que o tirei da terra; e, se me crês, beijei-lhe a face ainda inteirinha, e baptisei-o com lagrimas. Estas sensações, Amaral, são as que me fizeram este homem compassivo que desconheces. A alma melhora-se muito em contacto com a desventura. É preciso vêr soffrer para saber sentir... Aqui está a sepultura.

Guilherme encostou-se á grade que fechava um pequeno recinto, onde se levanta uma pedra-marmore oblonga, perpendicular a uma campa singela, e coroada por um anjo em attitude de bater o vôo na direcção do céo. Tem apenas uma data: 1846.

—Está aqui o meu filho...—murmurou Guilherme.

—Deve-te o céo, se os anjos são do céo.

—Eu não penso no céo! penso no inferno.

—Bem sei... O inferno temol-o em nós. Não quero exacerbar-te as lavaredas. Vamos. Isto está visto.

—Espera... É impossivel!

—Impossivel o quê?

—Fazer chorar comigo Augusta sobre esta campa.

—A ideia é bella para um quadro: mas é inexequivel na realidade de Augusta e na tua.

—Tu sentes muito... dizes que sentes muito; mas não comprehendes a minha dôr.

—Comprehendo; mas receio que ella não seja tão nobre como tu a imaginas.

—Porquê?!

—É preciso convenceres-te que morreu Augusta. Não associes essa mulher a algum plano. Se a queres indemnisar do que a fizeste soffrer—repito o que te disse em Lisboa—esquece-a.

—Não posso.

—Has de esquecel-a. Eu conheço-te, Amaral. És o homem das primeiras impressões. A cornucopia das segundas, das terceiras, e das vigesimas ainda não está esgotada para ti. Tu és um ente extraordinario! O teu mundo moral é maior que o de Alexandre.

# VIII

Guilherme do Amaral esteve no ultimo baile do barão de Bouças. É a primeira vez que se falla n'este barão de Bouças, e esta falta é imperdoavel a um chronista, figadal admirador dos barões.

Se vier a pêllo, no decurso d'esta chronica, fallar dos barões de Cucujães, de Ranhados, de Terras de Bouro e d'Affife, tudo gente fina e séria, hão de dizer-se coisas bonitas, e o que mais é, importantes para a historia physiologica do Porto: physiologica, sim, porque *fusis*, em grego, é *natureza*, e o Porto tem uma natureza propriamente sua, cujo caracteristico mais proeminente é o barão. E, entre todos os barões, o de Bouças é o menos boçal da sua especie, e póde até dizer-se o menos barão de todos elles.

A historia d'este homem é uma historia de que não se sabe nada, ou de que tudo se sabe. É o segredo de todos os homens que hontem chapinhavam nos chafurdos sociaes, e hoje apparecem endinheirados, sacudindo á cara da gente resquicios de lama, que nunca se despega d'elles, por mais que enverguem casaca atraz de casaca.

Os adivinhos mais inspirados na cabalistica d'estas riquezas conhecem não sei quantas artes magicas, por virtude das quaes se dão estes pulos do nada para o pinaculo da fortuna.

A respeito do barão de Bouças, se interrogasseis os taes, um dir-vos-ia: Escravatura branca e negra;

Outro: Contrabando;

Outro: Moeda falsa;

Outro: Moeda falsa, contrabando, escravatura.

Tres variantes para explicar as carruagens, as librés, os palacios, as quintas, os marmores, os brilhantes, os titulos, os bailes, as generosidades, os arrojos, os desperdicios do barão de Bouças.

Entre tantos interpretes da sua vida privada, não acharieis um só que vos dissesse: «a riqueza d'este homem foi adquirida com honra, e com felicidade.» Todos attribuiam a felicidade á deshonra, e nenhum, por espirito ao menos de contradicção, impugnava os detractores do ricasso.

Achaes que a reprovação pública devia chagar, com todo o pungir da sua injustiça, a consciencia, e, se não a consciencia, ao menos a epiderme d'este homem? Ora essa!

Nada de biôcos! O seculo tem uma ulcera, cujos herpes não enojam alguem. A podridão só offende o nariz da opinião pública, se o leproso d'alma, depois que se atufou no atoleiro, não póde saltar de lá para uma carruagem, e das portinholas atirar dinheiro ás rebatinhas sobre a gentalha de colleirinhos engommados.

O barão de Bouças, bastante intelligente para conhecer os invejosos da sua fortuna, dizia com graça inimitavel, que os castigava, obrigando-os com a sua presença a fazerem-lhe a mais espontanea e humilde das cortezias.

—Sei que tenho muitos infamadores—dizia elle a Guilherme do Amaral na vespera do seu terceiro baile.—

Sei que ha ahi miseravel que calcula o ultimo pataco que eu devia ter na minha gaveta, se o meu negocio tivesse sido licito. Vá ámanhã a minha casa, e se os quizer conhecer, conte-os á entrada, ou vá depois conhecel-os nos bilhetes de visita.

«Pois senhor, de todos esses que mordem a minha reputação, e se doem dos meus crimes em nome da fazenda pública ou da humanidade ultrajada, não ha um só que me dê um pão, de tres ao vintem, no dia em que eu disser: vou converter nos hospitaes do Carmo, do Terço, da Trindade, nos Asylos, nas Misericordias tudo que tenho mal adquirido, para que Deus m'o receba em desencargo da minha consciencia opprimida. Fico pobre; e, emquanto não morro honrado, e abençoado pela vossa admiração, amparai-me a vida com um quinhão dos vossos haveres licitamente adquiridos.

«Meu amigo, o mais generoso d'elles chamava-me pedaço d'asno.

«N'esta terra tudo que se destaca do vulgar é apedrejado.

«Sabe o senhor? eu sou do seu amigo poeta desde que elle disse n'um folhetim «A DISTINCÇÃO NO PORTO É UMA DESGRAÇA.» Estas palavras ficaram-me para sempre. Um homem que diz isto, é pena que não trafique em escravaria branca para ter cá, entre escravos pretos (bem pretos na alma!...) grandes admiradores do seu talento.

«Olhe, senhor Amaral, eu sou completamente feliz, apesar dos homens que me vituperam. Palavra de honra, que me não apoquentam. Se a minha vida tivesse crimes, creia que a virtude d'elles inhabilitou-me para poder conhecel-os, e reproval-os.

«Ahi vai uma historia. Eu soube que o meu maior infamador era um negociante meio arruinado, que todas as manhãs prégava aos credores a sua probidade como causa da sua ruina. O meu nome vinha sempre embrulhado nos seus discursos, dando-me a honra de me citar como modelo de infamia commercial. Isto veio-me aos ouvidos, e eu diligenciei haver algumas lettras, dez vezes reformadas, d'este virtuoso varão. Na vespera do vencimento d'ellas vi-o ajoelhado a meus pés, pedindo-me reforma das lettras. Disse-lhe que sim. Levantei da vil posição este virtuoso soberbo, fallei-lhe a meia-voz n'uma especulação um pouco illicita: todo elle era ouvidos e enthusiasmo. Prometti-lhe coadjuval-o com a influencia do meu nome; abraçou-me outra vez os joelhos; chamou-me o seu pae, o seu bemfeitor, e o seu Deus; e... para encurtar a massada... pagou-me as lettras um anno depois.

«Ha tres mezes que o meu pobre afilhado falliu. Os seus livros appareceram puros de macula como a propria virtude... encadernada: com a differença que houve grande difficuldade em encontral-os, porque andavam por casa de certo purificador de consciencias commerciaes... em papel. Note o senhor que o meu honrado amigo deixou protestar todas as lettras e inclusivé as minhas; mas contou-me ahi sobre essa mesa o dinheiro, e deixou correr o processo. Comigo sabia elle que era mau ser bréjeiro duas vezes. Hoje está retirado; mas para entreter o tempo negoceia em azeite, em nome de sua mulher, e continua a espantar-se de como é possivel ser-se negociante honrado sem quebrar! O homem tem razão para espantar-se. O senhor está aborrecido da estopada mercantil que lhe dei, não é verdade?

—Gosto de ouvir tudo que é bem exposto—disse Guilherme.—Vossa excellencia parece-me que se distingue por mais alguma coisa que o dinheiro. Já é muito conhecer a sociedade em que está!...

—Se conheço!...

—Mas vive no meio d'ella, abre-lhe com frequencia as suas portas...

—Se lh'as fechasse, meu amigo, não tinha occasião de vingar-me. Hoje são elles que se perguntam d'onde me vem o fausto. Ámanhã sou eu que me vingo escancarando-lhes a bôca espantadiça diante de qualquer pedra que vale seis mil cruzados, e que de certo dá mais honra ao artista do que elles ao Creador...

«Fallemos n'outra coisa, menos chata, como dizem os espiritos bicudos. Que noticias tem do meu collega barão d'Amares? conhece-o perfeitissimamente.

—Conheço...

—A minha pergunta foi parva. Como explica o senhor a fortuna do tal tecelão?

—Não sei, nem averiguarei sabel-o. Respeito muito essa familia, e tal conceito faço das suas virtudes, que dou como pura a fonte da sua fortuna, seja ella qual fôr.

—Então, meu caro senhor, não ha fontes impuras. Um homem que ninguem conhece, sahe d'aqui, ninguem sabe quando, nem para onde; apparece em Lisboa casado com uma rapariga... que me dizem ter sido coisa do senhor Amaral; faz emprestimos importantes ao governo, compra a melhor quinta do Minho para não ser barão do seu nome... Como se faz isto?! Milagre, aqui ha milagre de cima, porque nem tempo houve para se fazerem os milagres de baixo. Os milagres de baixo são a moeda falsa que

os faz; mas o fabricante de Lordello, dizem os informadores, sahiu do tear para entrar em todas as companhias com bom metal, e até bom de mais.

«Da sua burra sahiu papel-moeda muito antigo, e dobrões de cinco moedas com verdete. Tenho fallado n'isto algumas vezes ao nosso amigo poeta...

—E que diz elle?

—O que vossa excellencia diz: quer-me fazer acreditar que a riqueza cahiu lá de cima sobre o meu milagroso collega, e não tem nada com as sujidades d'este globo.

—Vejo que vossa excellencia está contaminado do contagio dos seus espiões. Quer por força calcular quantos patacos o barão d'Amares deveria ter n'um pé de meia, se fosse tecelão...

—Isso é uma injustiça—tornou o barão de Bouças, sem mostras de offendido.—Eu trabalhei desde os dez annos até aos trinta e oito. Vinte e oito annos de trabalho, de sustos, de perigos, de conflictos terriveis entre a salvação e a morte, entre a opulencia e a pobreza, meu amigo, tantos annos e tantos trabalhos produzem tantos contos. Mas...

—Não póde explicar os tantos contos do barão de Amares? nem eu, nem me canso n'esse calculo. Variemos de assumpto, meu caro senhor barão. Vou brevemente sahir do Porto.

—Vai á provincia?

—Vou vêr a minha casa. Não sei em que desordem aquillo está.

—O senhor deve casar-se.

—Casar-me!

—Sim, casar-se, que dúvida? Um bom dote com uma

mulher de qualquer fórma... Entre amigos: eu sei que o senhor tem vendido uma boa parte da sua casa.

—Mas posso viver independente com o que tenho.

—Está enganado. Na sua idade e com o seu genio, a independencia custa muito dinheiro. Vossa excellencia póde ter dois cavallos, e quereria ter quatro. Póde ter uma sege, e quereria abater a vaidade do seu amigo que o convida a experimentar as molas inglezas d'um caleche. Quando é preciso invocar a razão para aquietar os impetos da vaidade, a palavra *independencia* faz lembrar as uvas verdes da rapoza. A sua casa é pequena, senhor Amaral; tolere-me a rudeza franca. O senhor tem prestigio desde que rejeitou a filha do visconde, e tanto prestigio que ninguem se lembra de mandar saber á sua terra quantas pipas de azeite e alqueires de pão recolhem os seus feitores. Case-se. Ámanhã concorra ao grande mercado para que eu empresto o meu salão. Lá lhe darei informações que não possa dar-lhe o nosso amigo poeta.

# IX

Previno o leitor de que este capitulo e o que vem são a revista do baile do barão de Bouças. Vão mettidos á força na contextura do romance, e o leitor, desde já prevenido, se o enfadam episodios, não leia. O capitulo XI ha de dizer bonitas coisas, e é lá que eu espero triumphar da sua attenção rebelde.

### REVISTA D'UM BAILE

Antes de principiar convém saber que este modo de *revistar* não é novo, nem original. Ha em todos os bailes um folhetinista, que diz ao ouvido d'um seu amigo um folhetim cheio de sal, de pimenta, de cravo, de cominhos, de todas as especiarias que não podem adubar os fricassés requentados e insossos do folhetim escripto.

O respeito, o medo, a tolerancia, a civilidade, o bom tom, a caridade, e outras muitas coisas abafam a originalidade de um folhetinista. Escrever como se pensa, fazer que a ideia, qual a impressão a deu, escorregue dos bicos da penna sobre o papel, é um perigo que eu não cessarei nunca de apontar aos incautos, na estreia da sua profissão de folhetinistas.

Cuidado por vós, espiritos sinceros, que obedeceis, como Juvenal, á indignação que faz os... folhetins!

Esta sociedade, que vos manda sentar no seu banque-

te, retira-vos o talher no dia em que disserdes que vos deram gato por lebre. Comei o gato em público; e se o estomago o não digere, lançai-o bem a occultas, de modo que vos não ouçam o soluço nauseado do vomito.

Gato por lebre, meus amigos folhetinistas encarregados de provar que não ha gato, seja aquelle o vosso mote, o timbre do vosso joel, se a sorte mofina vos fadar para este fadario em que me vejo.

Considerai, irmãos carissimos, que este mundo não póde ser reformado, emquanto as cataratas do céo não despejarem sobre nós um segundo diluvio. Quando as aguas subirem trinta e nove braças sobre a superficie do globo, andará ainda muita ridicularia a boiar á tona da agua. A cura radical só póde dal-a a quadragesima, a ultima braça. Se isto se dér em nossos dias, quem povoará a arca? Eu sei cá! Até duvido de que sejas tu, leitor honrado!

Considerai pois, amantissimos irmãos em folhetins, que a maxima prova de juizo que podeis dar n'este valle de lagrimas e de risos, é conformar-vos com o mundo patarata em que viveis. Ides a um baile? Sentis a musa das bagatellas insufflar-vos a inspiração parvoinha? Podeis apertar com a tenaz das conveniencias o espirito zombeteiro?

Escrevei um folhetim; expurgai-o de siso, quanto ser possa; embrincai-o de amenidades tolas; vesti-me a dona da casa com as melhores louçanias que tiverdes no vosso armazem de sandices; embonecai-lhe bem aquelle corpo, agaitando-o com arte á provocação dos appetites; corrigi a natureza sovina que lhe fez de gréda o collo que vós fazeis de marfim; cobri de perolas aquelle braço que a na-

tureza fez ossudo e espadelado; alindai com esmero o corpo da mulher, visto que lhe dispensamos a alma, e ella mesma dispensa que lh'a mencioneis. O corpo, o corpo! E para o corpo, se um arco lhe não afasta bem os quadris da linha vertical, que a natureza incorrecta estatuiu, tendes o assôpro do estylo, as bochechas tumidas da phrase. Assoprai-m'as bem, de modo que leveis a palma á natureza, á costureira, ao algodão em pasta, á barba de baleia, ao aço, ao arame, ao *cat-chouc*, a tudo que não é corpo, nem alma na confeição da mulher!

*O mundo patarata!* Que magnifica ideia! Quando poderei eu, refugiado sob um tecto de colmo, com um prato de batatas para cada dia, e o meu cão enroscado aos pés, escrever O MUNDO PATARATA!

. . . . . .

Vai agora começar a REVISTA D'UM BAILE.

Ás dez horas e meia da noite apearam no páteo do barão de Bouças, Guilherme do Amaral e o litterato.

Ao mesmo tempo apeavam D. Cecilia e seu marido. Amaral deu o braço á dama, o poeta recebeu a capa de marthas e o regalo. Os hombros nus de Cecilia eram mais brancos que os das estatuas de jaspe que decoravam os pilares da escadaria. A sineta déra as solemnes badaladas, e um familiar do barão, feito em arco, interrompera as primeiras perguntas de Guilherme, conduzindo a dama.

O litterato, de braço dado com Amaral, entrou na primeira sala, e bebeu o primeiro trago de aborrecimento. Uma mulher, por quem mezes antes se suicidára um seu amigo, estava alli vestida de branco, com a cabeça enfloreada como uma boceta de morcellas, sorrindo ao par dançante, e meneando-se em requebros de cintura e arquejos

de peito. Aproximou-se o poeta, quasi arrastando o amigo. Escutou. Não sei o que ouviu; mas sei o que disse a Amaral:

—São estas mulheres as que te justificam, Guilherme. Se esta é absolvida, como serás tu condemnado?!

Ao pé d'esta estava uma figura d'anjo, transparente como ágatha, vaporosa como uma nuvem das que o sol poente coloriu de purpura e ouro. Sorria o bello riso de creança em sonhos. Murmurava com adoravel preguiça as raras expressões. Quem possuirá o coração que faz ondear-lhe o seio? Bella deve ser a existencia escravisada áquella mulher!

—Quem é?—perguntou Amaral—não conheço aquella mulher...

—Teria doze annos quando sahiste do Porto. É filha de * * *.

—Sim? É perfeita. Brevemente estará perdida...

—Perdida!? está aproveitadissima.

—É casada?!

—Sim, é.

—Com quem?

—Com um homem que ahi deve estar. Não sei quem é.

«Olha-me bem aquelle anjo! Queres tu vêr o que os anjos fazem por cá? Aquella menina deu muito que soffrer á sua familia, amando um rapaz que valia o que vale a virtude, a honradez, e a dedicação extremosa: não valia nada. E comtudo ella, cega do seu amor, quiz dar-lhe a unica riqueza que podia dar-lhe. Acceitou com amorosa ancia a offerta de marido, mas o pae negou o seu consentimento. O rapaz tirou-a judicialmente, e depositou-a. O deposito

foi violado pelo pae; as conferencias com a filha foram repetidas emquanto o processo seguia os tramites da lei favoravel aos noivos. Um bella manhã aquelle serafim torna á casa paterna, e dias depois deixa-se casar com um homem gordo, vindo da Bahia, com o producto liquido da venda de não sei quantos centos de pretos. Ella alli está pura como as estrellas! Benza-a Deus, que é um anjinho! É mais uma que te absolve, Amaral!

—Ahi vem outra... Esta conheces tu.

—Pois não! Está como a deixei; ainda interessa.

—Sabes muitas anecdotas d'esta mulher?

—De solteira, de casada, ou de viuva?

—De viuva. Quando ella casou ainda eu não tinha nascido. Eu só sei as biographias contemporaneas minhas. Duas paginas d'aquelle livro foram escriptas depois de 1844.

—Diz lá.

—Era por uma d'essas noites tetricas de janeiro, em que a nortada sacode as melenas dos arvoredos, e as catadupas dos rios caudalosos rugem um bramido soturno.

—Apre! que estylo de tormenta! Faltou-te dizer que piavam os mochos, e miavam os gatos nos telhados! E depois?

—Um nosso amigo provinciano, D. J. d'A., corpo sem alma, ou alma maior que o corpo, n'essa noite borrascosa pediu gasalhado em casa d'esta mulher, que vive alguns mezes do anno n'uma quinta que tem em...

—Bem sei.

—Não me consta que ella lavasse os pés ao forasteiro, como no oriente; mas acolheu-o com todo o carinho hospitaleiro.

—Recordo-me de elle me ter dito que amava doudamente esta mulher. Contou-me elle que, depois de muitas tentativas infelizes, conseguira invocar a sua piedade sem testemunhas. Quando se viu só na presença da mulher que o arrastára pelos cabellos dois annos, julgou colher um triumpho que tinha custado menos amarguras a vinte e quatro amantes seus antecessores. Ella chorava, soluçava, e balbuciava o nome do seu ultimo amante, quando D. J. lhe recitava, n'aquella sua linguagem ardente, um programma de perpetua felicidade. «Eu não posso amar outro homem senão aquelle—murmurava ella.—Sou incapaz de trahir o meu algoz. Amada ou despresada, hei de ser-lhe leal até á morte.» D. J., grande conhecedor do coração, n'este conflicto brutifica-se. Julga-se offendido pela saudade d'um rival, e foge para escrever no *Sceptico* a pagina mais sarcastica do prologo.

—Eu sabia isso: deu-me muito que pensar esse phenomeno, e escrevi uma maxima na minha carteira; foi esta, pouco mais ou menos: *A mulher que chora o amante que teve, na presença do amante que se lhe offerece, quer persuadir o segundo de que é arrastada ao crime pela ingratidão do primeiro.* Visto que sabes essa passagem, melhor comprehenderás a da noite tempestuosa. D. J., ferido ainda no seu amor proprio por essa punhalada, mostrava-se menos de urbano aos desvelos d'esta mulher em sua propria casa. As pessoas da familia, como sabes, são muitas, e foi preciso que todas adormecessem depressa, para que á meia noite se abrisse a porta do quarto de D. J., e esta fada vestida de branco...

Eu não pude ouvir a continuação do conto. O litterato descen uma oitava o som da voz. Amaral subiu uma oita-

va o som da gargalhada. Apurei o ouvido e apanhei ainda estas palavras por entre o ruido de todo aquelle redemoinho de vozes e musica:

—Dias depois—continuou o litterato—D. J. encontra esta mulher no Porto, busca-a n'um salão, onde brilhava mais bella do que nunca, e diz-lhe furtivamente, vendo-a séria: «Não é crivel que me abrisses as portas do paraizo para me expulsares de lá no dia seguinte!»—Não o entendo! (respondeu ella). «Não me entendes!?»—Não! o que noto, com grande espanto meu, é uma liberdade de tractamento...—«Isto é incrivel! (exclamou elle) Pois ser-me-ha necessario lembrar-te...»—O quê?—«Lembrar-te que fez hontem doze dias que, depois de dois annos de desprêso, coroaste as minhas apaixonadas instancias...» —Isso é infame! o senhor D. J. está doido! eu nunca lhe dei liberdade para similhantes expressões.

«Levantou-se, desenrugando as quebras das anquinhas e foi dançar.

«D. J. d'A. apparece-me na casa do fumo, passeia silencioso ao meu lado, e ao accender o quarto cigarro solta uma risada, trava-me do braço, e exclama: «Messalina era uma sancta! Sancta Messalina, rogai por nós!» Contou-me o caso, e recitei-lhe esta maxima de la Bruyère: *Une femme oublie d'un homme qu'elle n'aime plus jusqu'aux faveurs qu'il a reçues d'elle.*

«Ahi vai a outra historia:

«Estava ella em Lisboa, e amava o *Tres-estrellas*. Encontrei-a em casa da baroneza d'Amares, rodeada de mulheres da sua reputação.

—Augusta conhecia o viver d'esta mulher?

—Não: eu nunca lh'o disse, porque era inutil preve-

nil-a. A baroneza destinguia-se no meio d'estas mulheres, e não se manchava com o seu contacto.

«Estava ella pois rodeada de mulheres que riam muito d'um infortunio que ella contava, acontecido ao *Tres-estrellas*, seu antigo amante. Era uma vingança que ella exercia, escarnecendo-o. Fôra este o caso. *Tres-estrellas* declarou-se amante d'uma alta personagem da aristocracia de sangue e de dinheiro. Esta rejeitára a offerta, e voltára as suas attenções para um pintor de talento e modestia. O pintor foi ameaçado por *Tres-estrellas*. Ella soube-o, e deu ares de acceitar a côrte do orgulhoso perseguidor. Estabeleceu-se uma correspondencia. *Tres-estrellas* reputava-se o leão primeiro. Encontra a alta personagem no Passeio-publico, falla-lhe do seu amor feliz, e da ultima carta que recebera... «Minha!?» exclamou ella.

—Sim, sua; pois de quem?—«Minha! é engano! é uma traição! vou informar-me!»

«Horas depois, *Tres-estrellas* recebia um bilhete pouco mais ou menos assim: *Advirto-o de que as cartas, recebidas da minha janella á meia noite, são da minha cosinheira. Se o fim com que V... a namora é honesto, eu não duvido, e até tenho grande prazer se me escolherem para madrinha de casamento.=Fulana.*

«Aqui tens a anecdota com que a sarcastica narradora fazia rir as suas amigas. *Tres-estrellas* entrou na sala, e as attenções convergiram para elle mal disfarçadas. O silencio repentino excitou-lhe a desconfiança. Informou-se, e teve, das mais intimas amigas da narradora, uma que logo alli lhe fez saber a ridicula historia que lhe attribuiam. O homem aproximou-se galhardamente d'esta

mulher, offereceu-lhe o braço, e não sei o que lhe disse que a fez da côr da malagueta.

«É certo que tornou com ella a um grupo das mesmas senhoras, que tinham applaudido a historia bem contada, e disse: «Acabo de fazer as pazes com a excellentissima senhora D. F...»—Pois estavam indispostos?! perguntou uma—«Sim, minha senhora—replicou elle—eu tenho despresado o quarto d'esta espirituosa narradora de anecdotas comicas. Prometti-lhe ouvil-a ámanhã á noite... Estão feitas as pazes...»

«Ella cahiu sobre uma cadeira com um frenesi de nervos. *Tres-estrellas* estava rehabilitado perante as mulheres.

## X

Continua a revista do baile.

O dono da casa, *com a sua acostumada affabilidade* (isto não é meu) andava *pinhorando os seus hospedes com as suas attenciosas maneiras* (tambem não é meu: são phrases novas inventadas n'esse baile, ao mesmo tempo, por oito jornalistas fecundos), e encontrou Amaral e o litterato n'aquella intima prática em que os deixamos.

—Eu vinha procural-os—disse o barão de Bouças.

—Nós é que procuravamos vossa excellencia para felicitarmos o dono d'este Eden...—atalhou o litterato.

—Onde quasi todas as Evas...—accrescentou Amaral—são posteriores á culpa.

O barão sorriu-se, apertou a mão com força a Guilherme, e disse-lhe ao ouvido:

— O senhor é muito satyrico, mas diz a verdade... Divirta-se de qualquer modo, seja como fôr, com tanto que se divirta, e logo fallaremos. Quando tiver visto as mulheres, vá á sala da ceia delinear o seu plano de ataque.

Sua excellencia com o sorriso de fraternal benevolencia impresso nos labios, foi repartindo por cada dama uma amabilidade, e por cada cavalheiro um dito agudo, em relação á chateza do cavalheiro. Os dois amigos passaram á sala immediata.

—Quem é a rainha do baile?—perguntou o litterato a um grupo de jornalistas.

—É a mais rica—respondeu um.—Por emquanto a mais rica é a D. Maria Carvalhosa; espera-se outra que a desthrone.

—Quem é?—tornou o poeta.

—É uma orphã brazileira.

—Já sei.

E, voltando-se para Amaral de modo que o ouvissem, o litterato continuou:

—Quando chegar a chamada orphã brazileira hei de apresentar-te: queres?

—É indifferente. D'onde a conheces?

—Depois t'o direi.

Guilherme apertou o braço do poeta. Queria indicar-lhe uma senhora que passava com os olhos cravados n'elle.

—Já vi—murmurou o litterato, sem vêl-a.

—Tem-me esquecido perguntar-te se esta mulher respira ainda o nardo do teu thuribulo. Já a não amas?

—Amo... A saudade é amor. Tenho saudades do tempo em que a amava; e, como é impossivel separar d'esse tempo esta mulher, amo a mulher por amor da saudade. E' um amor bem amargo! A saudade do gôso é mais dolorosa que a desgraça presente. Mau! Cá estou com a intermittente! Tomára eu um copo de vinho!

—Alli tens um rico charão carregado de Gerez e Bucellas.

—Felizmente! Bebamos na fonte pura... Agora—proseguiu elle, enxugando o bigode—vejamos aquella mulher pelo prisma da saudade. Nem antes, nem depois d'ella houve outra para mim. O meu coração foi serio uma só vez na vida. A seriedade no amor é um grande infor-

tunio. Amar, a mais não poder, é acordar na alma todas as paixões nobres. E quando este amor é um crime? quando é casada a mulher que o inspira? então é preciso purificar o crime com o sacrificio, adoral-a nos braços do seu dono sem profanal-a, converter a paixão em desejos tão puros que nem ella possa envergonhar-se d'elles, nem a Providencia culpal-a por acceital-os. Olha, Amaral, o mundo chama desditoso o marido atraiçoado. E' muitas vezes uma compaixão injusta. O menos desditoso dos tres... é o marido.

«Esta mulher amei-a assim: procurei-a no mundo do espirito, julgando-a perdida lá nos extasis do seu soffrimento. Cuidei que ella tinha da terra só o élo que a prendia á sepultura. Cuidei que amal-a era começar cá em baixo a bemaventurança dos espiritos. O que póde a imaginação fanatisada pelo amor! E admiram-se que o amor de Deus produza tantos visionarios!

«Uma vez disse-me ella: *Contenta-te com o que posso dar-te. Dou-te na terra o amor que os anjos dão a Deus no céo.*

«Pois eu que mais queria? Achava um anjo que me acceitasse o espirito depois que a materia cahira pedaço a pedaço nos atoleiros das paixões brutaes. Dava louvores a Deus por ser um homem gasto com o coração novo. Que rejuvenescencia! que vida! que jubilos tão infantis os meus n'aquelles dias! Que mais queria eu?

«E' um disparate recordar emoções tão sérias n'um baile. Não digo mais nada, Amaral.

—Que dirás tu melhor? falla... Se fallares alto, ella póde ouvir-nos. Está sentada n'uma cadeira aqui perto. Queres contar-me uma historia parecida com a de minha prima Leonor?

—Péor. Tua prima Leonor mentiu para vencer uma tyrannia, e ser do homem que amava: era uma amante leal e esperta; se não mentisse, praticaria uma traição ao homem que a seguia; dar-se-te-ia deshonrada, e seria indispensavelmente tua victima, quando a reacção da vergonha te vencesse. Mas... esta!... Eu não te conto as intrigas, as invejas, as infamias, os mil infortunios que me separam d'esta mulher. Na separação pude dizer-lhe: eu deixo-te pura, porque o teu amor era o dos anjos; deixo-te sem mancha na consciencia, embora o mundo te cuspa no rosto; deixo-te debaixo da mão de Deus como te encontrei, e os raios da calumnia dos homens não tocarão a tua cabeça.

«Depois... acabemos isto... Eu soube em Lisboa que esta mulher morria de consumpção moral. Que lagrimas! que desesperação me tomou! Esperava com uma pistola inclinada a um ouvido a noticia da sua morte. Isto era atroz, sem confidente, sem um amigo, porque eu não queria proferir o seu nome mais alto do que era preciso para o meu coração o ouvir! Corri ao Porto.

O poeta soltou um frouxo de riso nervoso, e deu alguns passos, fazendo rodas no ar com a fita da luneta.

—Acaba a historia—disse Amaral.

—Está acabada. A mulher está alli morta d'aquelle modo que vês, com a mais robusta das saudes, e uma animação de pelle capaz de desesperar o pincel d'um retratista de Flora.

—Isso o mais que prova é que os anjos não morrem d'amor dos anjos. Estas creaturas são immortaes. Porque estás tu vivo!? E' egoismo!

—Eu estou vivo para vêr aquelle homem ao pé d'ella. Alli tens o anjo que me substituiu.

Amaral viu um homem que não conhecia.

—Quem é?—perguntou elle.

E' ahi um tendeiro, que veio para aqui descalço ha dez annos, que tomou chá pela primeira vez, aos vinte e cinco, n'um baile de costureiras, e fallou pela primeira vez com uma senhora, domingo gordo, com uma mascara na cara. Alli tens o homem que eu devia ter sido para que aquella mulher me não dissesse: *Dou-te na terra o amor que os anjos dão a Deus no céo.*

«Acabou-se a historia... mas, a proposito d'anjo, quero contar-te outra. Vês aqui esta mulher com um typo arabe, e olhos de gazella? Está aqui, porque o barão de Bouças entende que qualquer mulher póde sentar-se em qualquer cadeira, com tanto que esmague um bom córte de seda. Não tem elle imagens nuas no seu quarto? E a estatua de Venus de quadris roliços, ou *Callipygia*, como lhe chamavam os gregos, não a tem elle bem á vista no jardim? Aqui ao menos, n'esta, ha alma e movimento.

«Vamos ao conto. Um nosso amigo quiz esta mulher.

«A todas as cartas d'elle respondia ella: «Ha um anjo que amo sobre todas as coisas.»

«Ainda assim, o nosso amigo teimava, e ella sempre: «Ha um anjo que eu amo sobre todas as coisas: não teime.»

«Uma vez é procurado o teimoso por um homem que pezaria dez arrobas, com dois covados d'hombro a hombro, uma papeira debaixo do queixo, uma proeminencia abdominal que ameaçava um diluvio de intestinos: em fim, um mostrengo pavoroso.

«O nosso amigo pergunta-lhe o que quer. «Eu sou...» diz elle.—Quem é o senhor?—«Eu sou...» tartamudeia o incognito.—Diga quem é d'uma vez!—«Sou o amante de certa senhora... que...»—Que!? faz favor de concluir...—«Que V... tem querido namorar...»—Ah! pois o senhor é que é o anjo! (exclamou o nosso amigo) Estimo muito conhecel-o!

«Ora vês tu como são os anjos d'estas mulheres? Anjos que tenham pelo menos dez arrobas de homem!

«Aqui vem D. Margarida e a prima. Ainda lhes não fallaste desde que estás no Porto. Vê se ella te cita o Dumas e o Eugenio Sue.

Guilherme largou o braço do seu amigo, e foi cumprimentar a filha do visconde da Carvalhosa. D. Margarida recebeu-o com frieza, e sua prima que já apresentamos n'outra parte, empregada n'aquella diplomacia que produziu uma solemne descompostura entre as duas rivaes, respondia mais do que ella ás perguntas do ironico Amaral.

A orphã brazileira, que devia desthronar Margarida, entrára ás onze horas, porque o cabelleireiro só a essa hora lhe fizera o penteado. Entrou na sala conduzida pelo barão de Bouças, seu tutor. O litterato foi o primeiro, entre todos os do cortejo, a saudal-a. Guilherme do Amaral attrahido pelas attenções dos outros, foi contemplar cento e cincoenta contos liquidos, symbolisados n'uma mulher de meã estatura, mal feita, mal sentada, mal adornada de ricas bagatellas, como se quizesse neutralisar com os brilhantes a impressão da physionomia, o desaire do corpo, e a rudeza do espirito.

Amaral pensou em tudo isto e fez muitas outras ob-

servações que o poeta interrompeu, convidando-o a conhecer a rainha do baile.

—Para que, se eu não estou disposto a reconhecel-a rainha!?—disse Guilherme.

—Pois em que has de tu gastar o tempo? A unica novidade do baile é a africana.

—Africana, ou brazileira?

—Logo tractaremos do nascimento. Não vês como os Colombos de mulheres ricas lhe vão na esteira? Olha! lá está o conselheiro * * * preparando os colleirinhos, e alinhando o bigode, para lhe dar o oitavo assalto. Já lhe fallou em jurisprudencia, nos Estados-Unidos, em physiologia, e na derrota de Waterloo. Vai-lhe pedir tres contradanças, e quatro polkas. É um infeliz na puericia dos seus quarenta annos, e espera morrer n'um cottillon partindo a cabeça no batente d'uma porta. Rasga os folhos dos vestidos ás mulheres, piza-as na parte mais sensivel das suas mimosas plantas, e cáe por fim com ellas na vertigem da febre. Tem só tres paixões conhecidas: dançar, casar rico, e ir ao ministerio. Das tres mordeduras, a da tarantula é a unica incicatrisavel.

«Não t'o descrevo como rival; mas, se te deixasses guiar por mim, fazias a côrte áquella mulher, para eu poder estudar estas caras. O Porto tem sete homens que baterão a setenta portas onde houver dinheiro, pedindo um dote, embora elle venha appenso á cosinheira da casa. [1] Estes sete homens estão diante de nós, suspeitosos

[1] Exprimo as ideias como ellas sáem da bôca de rapazes ao sabor da inspiração do momento. Se me désse a escrever maximas correctas, ninguem me acreditava.

uns dos outros, observando-se de través, com o diabo do ciume mercantil a devoral-os.

«N'um momento dado, quando alguem se aproxima d'aquella mulher, os quatorze olhos dos sete oppositores convergem sobre ella. Repara... lá vai um dos sete.

«Conheces perfeitamente aquella velha creança. É o typo da ambição sordida. N'aquelle pequeno corpo está a alma mais grandemente tola que eu conheço. Veio lá de cima, não sei de que aldeia, estereotypando nos labios, debaixo d'um bigode de galucho, um sorriso parvo, creou-se uma reputação de elegante, tanto quanto lh'o permitte a tesura dos colleirinhos, e a variedade dos camafeus da gravata. Senta-se direitinho n'uma cadeira como donzellinha sahida do collegio. Espreme nos beiços a phrase alambicada n'um tom de falsete que fere o ouvido e a alma. Sacode com uma chibatinha, artisticamente entalada entre dois dedos de luva irreprehensivel, a aresta que lhe macula o verniz da bota. Espirra umas risadinhas rispidas que affectam mangação das coisas d'este mundo... Em fim, é um dos sete, que tem a felicidade de possuir um cavallo muito grande, só diametralmente opposto ao volume material do seu dono. Sem cavallo, este homem teria passado entre nós, e chegado aos quarenta annos, que lhe enrugam as palpebras, sem darmos fé de que está alli uma notabilidade, modelo de todos, que, sem typo proprio, sem merecimento espontaneo, vulgarmente descaracterisados, se adaptam todas as variedades dos moldes.

«Vem cá, hei de apresentar-te... Não resistas a darme occasião de enfileirar um dia, n'um romance, esta galeria.

# XI

O homem do corpo pequeno apenas descobriu uma vacatura de cadeira ao pé de D. Eulalia, arqueou os braços, metteu o hombro ao obstaculo d'um grupo de concorrentes timidos á cadeira, e mais parvo e mais afoito ferrou a prêsa, e sentou-se, executando tres mesuras com muita graça.

Principiava elle discorrendo sobre o calor da casa, quando o litterato e Amaral chamaram a attenção de Eulalia, aproximando-se.

—É este o meu amigo—disse o poeta—a quem eu prometti a honra de cumprimental-a, minha senhora. Guilherme do Amaral...

—Ah!—interrompeu ella—é o senhor Guilherme do Amaral?

—A maneira como vossa excellencia interroga—disse o apresentado—faz suppôr que o meu nome lhe não é inteiramente desconhecido.

—De certo não: meu tutor tem-me fallado de vossa excellencia.

—O senhor barão de Bouças? já sei que é elle o seu tutor. Esperava-se ha muito tempo, minha senhora.

—Sim? e eu estive quasi a não vir. O cabelleireiro só ás dez horas é que me penteou.

—(Ingenuidade ou estupidez — pensou Guilherme).

—Não devia ser isso um obstaculo á sua vinda, se-

nhora D. Eulalia — disse o litterato. — Os seus cabellos são naturalmente bellos sem o artificio do ferro.

O candidato, vendo-se de mais no colloquio em que não achava brecha a um galanteio insipido e gordo como ella costuma disparal-os, ergueu-se, sacudiu a perna direita como ferida de convulsões spasmodicas, bambeou a cabeça entre os colleirinhos percucientes, e desppareceu.

Amaral sentou-se, e o poeta compromettido na quadrilha, que ia dançar-se, com D. Eulalia, renunciou a favor do amigo.

Era delicioso ouvir o conselheiro * * * e o homem pequeno, emquanto Eulalia, nos intervallos da quadrilha, innocente ou boçal, não desviava os olhos dos de Guilherme, que pareciam dizer-lhe mais que os labios.

—Ahi está o homem fazendo-se importante! — disse o conselheiro — As viagens entraram-lhe muito nos fundos, e não lhe desconvém um dote.

—Até me dizem que está arruinado... Alli não pegam as bichas. O barão ha de saber que extravagante elle é... e se o não souber...

—Faz-se-lhe saber... Mas havemos de confessar que é um homem perigoso. Sabe-se apresentar soffrivelmente, e tem uma cara das que as mulheres gostam.

—Estás enganado. Aquellas caras passaram de moda. Has de reparar que elle é muito *gauche*. Ha pouco encontrei-o deitado litteralmente estendido sobre um sophá, na casa do fumo, a torcer o bigode. Aquelle ar pretencioso! Nunca se ri, e tem um modo de cumprimentar como quem quer desfazer-se d'um importuno. E quer passar como talento...

—Ora! qual talento? é um ignorante completo. Tem

lido quatro romances, e copia todas as asneiras que lá vir. Ha annos foi elle ridiculisado em Lisboa.

—E bem póde ser que o seja no Porto...

—Estás enganado. O homem aqui só perderá a consideração, se fizermos correr que elle deu cabo do seu patrimonio. Bem sabemos o que é o Porto. Aqui ridiculo é só o homem sem dinheiro; não se escarnece lôrpa nenhum, com tanto que elle entre na boa roda, e sustente ahi a sua independencia... Fallemos francos... Tu namoras a brazileira. Passas todos os dias na rua do Rozario...

—Não ha duvida... e tu, se quizeres ser franco, confessa que vaes todos os dias...

—Á rua do Rozario? é verdade; mas espero acreditres que não é o dinheiro da mulher que me chama.

—Nem a mim... Bem sabes que eu não preciso casar-me para viver com certa *aisance* e independencia. Até detesto estes especuladores de casamento...

—Tambem eu: mas, já agora sejamos francos, tu fallaste ao barão no casamento.

—Fallei; e elle disse-me que tu, entre outros, tinhas pretendido...

—É verdade; porém... não fallei em dote; porque não lhe amo o dote.

—Nem eu, bem sabes que estou n'uma excellente carreira, e tenho um grande horisonte politico.

—De certo; mas talvez saibas que... *(fulanos e fulanos:* o leitor conhece-os) perguntaram se o dote d'esta senhora estava livre de impecilhos, e quizeram vêr o inventario antes de saberem se lhe davam a inventariada.

—São uns sordidos! fazem uma ridicula figura...

—Realmente fazem! Eu não se me dava de casar

com esta mulher, porque sinceramente sympathiso com ella...

—Ora vamos lá, confessemos que é feia... e tu tens por ahi caras tão regulares...

—São sympathias; e tu não achas essas caras regulares?

—Eu sempre te disse que o meu typo era aquelle. Gosto muito de mulheres trigueiras e magras.

—E intelligentes... já m'o disseste.

—É verdade; mas... ella tem espirito, e póde d'alli fazer-se uma mulher esperta.

—Bem sei... são os cento e cincoenta contos...

—Faz-me justiça. Eu sou superior ao dinheiro. Não era capaz de escravisar-me aos milhões d'uma mulher antipathica... Olha... elle lá vai com ella... Queres vêr que o parvalheira impressiona a mulher?

O barão de Bouças roçava, n'este momento, pelos interlocutores.

O conselheiro, tomando-lhe o braço, perguntou:

—Diz-me cá, meu caro barão, a tua pupilla conhece o homem com quem passeia?

—Se passeia com um homem, é natural que o conheça. Quem é elle?

—É o Guilherme do Amaral.

—Deve conhecer; alguem lh'o apresentou.

—Foi o inseparavel d'elle...

—Quem?

—O * * *, esse extravagante da sua intimidade...

—Eu estimo muito que ella o conheça...—redarguiu o barão—Guilherme é um perfeito cavalheiro.

—Sim!? mas cuidado com elle...

—Porquê?

—Não sei se sabes que essa grande casa que lhe faziam está quasi consumida.

—Sim? pois seria esta uma excellente occasião de a rehabilitar.

—Tu consentias o casamento?

—Tenho eu algum direito de me interpôr? Queira ella, que eu tambem quero.

—Mas uma pupilla não se dá assim ao primeiro que a seduz... ou que a pede...

—De certo, não; e a prova que ella se não deixa seduzir, nem levar, se a pedem, é que... está solteira...

O conselheiro comprehendeu o sorriso que vai aqui rubricado com reticencia.

D. Eulalia fôra polkar. Amaral procurava o litterato, que trocava com a filha do visconde da Carvalhosa um dialogo, que deve esclarecer o leitor sobre a missão d'este homem. Quando lhe disserem que o poeta emprega todos os recursos da diplomacia casamenteira para fechar um abysmo, que receia, á baroneza d'Amares, o leitor esperto não será surprendido.

—Vossa excellencia tractou friamente o meu amigo, segundo creio.

—Poderá tractal-o com muito carinho! Eu devo realmente muitas finezas ao seu amigo! A gente perdôa, mas não esquece.

—Esquecer é perdoar, minha senhora.

—Isso sim! sacrificar-me, primeiro, á pateta da Cecilia; depois a uma mulherinha de pouco mais ou menos...

—*De pouco mais ou menos*... não percebo bem.

—Percebe, percebe. Ser hoje baroneza, quem foi

costureira, isso não tira de ter estado... bem sabemos aonde...

—Não toquemos no que já lá vai...

—Eu bem sei que o senhor é grande amigo d'essa pessoa; mas eu digo sempre o que penso.

—Não é prudente esse systema, minha senhora. É melhor pensar para não dizer, que dizer para pensar depois. Sabe que tenho um palpite? Guilherme do Amaral casa-se no Porto.

—Com quem? todos o conhecem.

—Quer vêl-o pelo braço d'uma mulher que o não conhece? Se elle tivesse namoros, aquella...

—Quem é?

—Pois não vê, minha senhora? é a pupilla do barão... é um diamante fusco que vale cento e cincoenta contos... é uma rival terrivel, não acha?

—Minha... não... Eu sou indifferentissima... Pois elle gosta d'aquella cara?

—É uma cara, minha senhora. Póde ser que alli esteja um grande coração...

—Bem sei... um grande coração... Bem se lhe dá elle do coração... O dinheiro... o dinheiro...

—Não é assim, perdôe-me vossa excellencia; Guilherme, se fosse ambicioso, seria em extremo amante d'alguem, que eu muito respeito, desde o dia que lhe fez saber por carta, qual era a sua legitima da parte materna.

—Isso era então... hoje...

—Talvez não acontecesse o mesmo se vossa excellencia lhe restituisse o seu amor, é o que quer dizer? Concordo... talvez não acontecesse o mesmo. O que posso afiançar-lhe, minha senhora, é que um primeiro amor

nunca se esquece, e vossa excellencia foi a primeira impressão de Guilherme.

—Ora! está a brincar comigo!...

—Não se brinca em assumptos de tamanha seriedade. Eu não estou no coração do meu amigo; porém, tanto quanto posso conhecel-o, afoito-me a dizer-lhe que ha de vossa excellencia uma imagem bem profundamente gravada no espirito de Amaral. E, se eu lhe merecesse confidencia por confidencia, desejava merecer-lhe o segredo dos seus sentimentos por elle.

—Queria rir-se de mim?

—Não seja injusta. Faça-me a justiça que tanta gente me nega. Eu queria vêl-a feliz, e vêl-o feliz a elle, que o não é.

—Quer que eu me capacite? Como!... se elle até foge de mim?!

—Minha senhora, a mulher de que se foge, é a mulher que se procura.

—Fallaremos...—disse D. Margarida, acceitando o braço do par que viera interromper o dialogo tão esperançoso.

É crivel?

No seio de D. Margarida nasceram de repente dois abutres: o amor, e o ciume.

É crivel? É, e prova-se com duas maximas:

1.ª *Espirito tolo, coração frivolo.*

2.ª *Entre duas mulheres ricas o ciume não parte do coração: é a porfia de dois tendeiros, que moram um em frente do outro, e vem á porta chamar os freguezes.*

Aqui não ha La Bruyère, nem Paschal, nem La Rochefaucauld, nem Houdetôt. São maximas que eu escrevo em mortalhas de cigarros, quando vale a pena inutilisar um cigarro para archivar uma experiencia.

## XII

Amaral e o litterato encontraram-se no magnifico salão da ceia, depois de se desencontrarem nas molles compactas dos innumeraveis amigos do barão de Bouças.

—Com effeito! — exclamou o poeta — encontrei-te! Sem a attracção do estomago, creio que só nos tornariamos a vêr no dia do juizo!... A orphã despertou-te o appetite?

—De não tornar a fallar com ella — respondeu Guilherme sorrindo.

—Essa é boa! porquê?

—É quadradamente estupida.

—Isso é impossivel! Uma mulher com cento e cincoenta contos, tem pelo menos tres Staels na cabeça.

—Vejo que ainda me não conheces... — redarguiu Amaral, tomando de sobre a mesa um pombo assado.

—Faltava-me saber que és um grande gastronomo.

—Aconselho-te que faças provisão de victualhas e que venhas alli para ao pé da frasqueira, onde mana a veia limpida do champagne. Foge de ao pé das mulheres, que devoram diante dos namoros com a sem-ceremonia de Penelope... Repara-me na Margarida Carvalhosa, que tomou á sua conta a destruição d'um pato! Apre! que mobilidade de queixos! Ora idealisem lá estas Julietas, coroadas de flôres brancas, comendo á meia noite um substancial carolo de boi assado! Muita tolice se tem dito em

verso! Vossês, os collectores de rimas, sempre com o coração na forja, querem convencer-nos de que a mulher é um sylpho que bebe a brisa da tarde e o aroma da rosa. Venham aqui vêr com que limpeza se faz a dissecação de um frango e se enchem as garrafas de ar atmospherico!

—Gosto de te vêr assim, Amaral! Estou reconhecendo a lingua de prata fina do meu velho amigo. Aposto que farias hoje um *speeche* igual ao do teu jantar de despedida?

—Hoje... insultava toda esta gente; e d'aqui a pouco, auxiliado pelo vigesimo copo de champagne, perguntaria a todas estas mulheres qual d'ellas é a que póde levantar o rosto diante de Augusta costureira.

—Falla baixo!

—Que me importa a mim que me ouçam! A velha hypocrisia recordo-me hoje d'ella com vergonha. Não vale a pena afivelar uma mascara diante d'esta gente...

—Olha que nos escutam... — atalhou o poeta, adivinhando a intenção de dois commendadores gordos, que devoravam irmãmente um pastellão de ostras, fazendo-se notaveis por ter cada qual sobraçados tres pães.

—Se me escutam—tornou Amaral—eu sinto muito não conhecer os curiosos para lhe dizer quatro amabilidades gordas como elles.

—Tu dás escandalo, Amaral!

—Quem falla ahi em escandalo!? Escandalo é tudo isto: são estas serpentinas de prata, estes crystaes da Bohemia, esta argentaria dos armarios, estes tapetes de matiz, estas mulheres que estendem um braço nu a um copo de vinho, estes convivas que comem e perguntam d'onde vem a fortuna que os farta... Escandalo?! Onde está ahi

um homem que possa dizer «gastei vinte, trinta, quarenta contos de reis, desperdiçados do meu patrimonio, e grangeados por meus avós; e consumidos ao mesmo tempo que o coração superior a todas as perdas desfallece na desesperação de reviver no amor do genero humano?...»

O poeta conheceu na physionomia e nas phrases desconcertadas do seu amigo a electrisação do champagne. Deu-lhe o braço para o desviar de outros curiosos menos tolerantes que os commendadores, e não pôde.

D. Margarida viera, de braço dado com sua prima, collocar-se disfarçadamente atraz do grupo observador. D. Eulalia entrára n'esse instante na ruidosa sala, e conheceu a voz de Guilherme entre o alarido dos falsetes feminis, e o estoirar do gaz, e o tilintar dos crystaes. Avisinhou-se tambem. O poeta estava verdadeiramente vexado e opprimido. Amaral, indifferente aos reparos, continuava fallando, bebendo, e gesticulando com transporte.

—É necessario viver!—exclamava elle—Visto que a vida é assim, atiremos á cara do infortunio com a taça do fel, e morramos como o celebre lord no tonel do malvasia. O crime do primeiro homem gerou a desgraça do genero humano: houve um outro que inventou o champagne, e sophismou a sentença do Creador. Que dizes tu, bardo, que estás tão longe de ser *Byron!* Nem sequer o imitas bebendo! Mais um copo, uma saude intima, uma expansão da alma nova que se reconhece no corpo antigo... Sabes de quem se tracta? Quero uma saudação sentida, enthusiasta, comprehendes-me?

—Comprehendo!—murmurou o poéta—E seja a ultima.

—Sabes que nome os meus labios não ousam proferir n'este festim?

—Sei... bebamos!... e depois... ou me segues, ou eu me retiro.

—Porquê?! Exijo uma resposta categorica!

—Ao ouvido.

—Sim! ao ouvido.

—Fazes, pela primeira vez na tua vida, uma figura lastimavel.

—Quem ousa dizer tal?—bradou elle, lançando uma vista provocante a todas as pessoas, que voltaram o rosto.

O litterato tirou-o com violencia d'alli. Conduziu-o a uma varanda. O ar frio da noite não bastou a refrigerar-lhe os preludios da embriaguez. Era preciso sahir do baile, antes que Amaral confirmasse as suspeitas do numeroso auditorio que simuladamente o observára.

—Não vou por ora!—dizia elle—Estou bem... Gosto d'esta obscuridade. Tenho no coração muitas imagens luminosas. Vou povoar estas trevas... Estou vendo Augusta, o anjo da minha mocidade, a pomba que me trouxe a boa nova, quando eu vagava levado d'abysmo em abysmo n'este mar de corrupção! Como era linda, chorando, naquella noite de supplicio, em que eu, algoz sem alma, devia ter na fronte o stigma satanico do amaldiçoado! Amaldiçoado, sim, que hei de dar contas das lagrimas d'aquella mulher, se existe Deus! Vês-me chorando, amigo? Estas lagrimas dizem que eu nunca poderei esquecer-me d'ella, porque o espinho da expiação ha de recordar-m'a sempre!

Guilherme ia machinalmente levado pelo jornalista, que lhe dizia:

Se queres pensar e fallar em Augusta, vamos para casa. Esta gente poderia rir-se da tua dôr, se a suspeitasse.

—Rir-se da minha dôr!... Eu esmago debaixo do pé o infame que ousar rir-se! Se fôr mulher, pergunto-lhe quantas lagrimas lhe custou a sua deshonra!

—Dizes bem: mas não sacrifiques Augusta a vituperios d'esta gente. Fazel-a esquecer é honral-a.

O poeta não empregaria melhores recursos se fallasse á razão de Amaral. Nunca assim o vira. Afigurava-se-lhe extremo aviltamento o do seu amigo, se, na sociedade, o discutissem, lamentando-o ebrio. A cada encontro que tiveram, desde a varanda até o pateo, o jornalista chamava a attenção do seu amigo, de modo que lhe não vissem o semblante. O rubor, o brilho meio embaciado dos olhos, o desalinho do penteado, denuncial-o-iam.

Faltava um vehiculo. O poeta chamou uma cadeirinha, e Amaral entrou n'ella sem a vêr, porque a illuminação do pateo lhe causára uma vertigem.

Á porta da *Aguia d'Ouro* os conductores pararam, e Amaral bradava de dentro:

—Que diabo de parelha é essa, que não anda nada? Quero entrar de dia em Londres.

Os gallegos pouco lisongeados com o titulo, resmungaram algumas palavras que punham em grande duvida o perfeito juizo do freguez. O poeta, apesar de tudo, riase da susceptibilidade melindrosa dos gallegos.

Amaral sahiu fazendo um *s*, que a *parelha* aproveitou para gloriar-se do acertado juizo que fizera. O pouco que disseram, porém, feriu o ouvido de Guilherme, que, na volta d'um segundo *s*, imprimiu um valente murro na

cabeça incauta d'este cadeirinha. O jornalista transigiu com o offendido, commutando a pena do aggressor em multa pecuniaria.

O episodio terminou aqui. A impertinencia de contal-o justifica-se com a minuciosa fidelidade de quem narra successos não inventados, e folga de escrevel-os como a recordação lh'os suggere.

A essa hora Guilherme era procurado no baile pelos olhos inquietos de Eulalia, e pelas indiscretas perguntas de Margarida.

O barão era assim informado por um dos commendadores:

«Esse homem esteve ahi a dizer desconchavo bravio! Dizia palavrões, pelo modo, atacantes a vossa excellencia, e olhava para nós assim como quem quer desafiar. Bebeu champagne como uma esponja, e era impossivel que lhe lá coubesse no bucho.»

O commendador dissera a verdade em estylo claro.

Margarida scismava nas confidencias do litterato. Os habituados ao seu genio galhofeiro notaram a extraordinaria seriedade da sua posição em uma cadeira, entre senhoras idosas, esquivando-se ás mazurkas, e ás finezas que teimavam em tiral-a do seu sério.

Eulalia tambem parecia inquieta e melancolica. Procurava alguem com anciedade, deixava sem resposta as perguntas frivolas, ia e vinha de sala para sala quasi arrastando o cavalheiro vaidoso de conduzil-a, sentava-se fatigada e triste, erguia-se outra vez, buscava de novo, e parecia não vêr nunca o que buscava.

Alguem viera dizer á filha do visconde da Carvalhosa que a pupilla do barão de Bouças estava sendo outra mui-

to diversa d'aquella indolente que parecia somnambula nos bailes: notava-se-lhe geralmente uma agilidade de meneios, uma viveza de olhares sobresaltados, um não sei que revelador d'uma impressão estranha. Accrescentavam as informações, que o facto de Guilherme do Amaral ter dançado e passeado com ella longo tempo, poderia, á falta de melhor causa, explicar a inquietação de Eulalia. Margarida ouviu agitada a desconfiança do conselheiro * * *, corroborada pela do homem pequeno, e, pouco depois, pediu ao primo seu ajudante de campo em estrategias de sala, que a conduzisse aonde estava Eulalia.

A aproximação de Margarida fez erguer com má vontade o pequeno homem, que, desde muito, pairava sobre uma vacatura de cadeira ao pé da orphã. Margarida sentou-se, e tentou d'este modo devassar os segredos da sua apenas conhecida:

—Apenas pude cumprimental-a de passagem, Eulaliasinha. Tem gosado?

—Tenho gosado muito—disse a orphã, sinceramente agradavel por dever a Margarida a deslocação do homem pequeno, o mais faccioso dos seus perseguidores.

—Disseram-me que estava triste!...

—Porquê?!

—O porquê não m'o disseram, menina...

—Quem lh'o disse?

—Esses rapazes que mais parecem reparar nas suas acções...

—Quem são?!

—Pois a menina não os conhece?! Ainda agora sahiu um d'aqui, e eu não sei se fui importuna tirando-lhe a occasião de dizerem coisas muito agradaveis...

—A mim?! Jesus me valha! Até lhe fico muito obrigada pelo favor de me tirar aquelle caustico dos ouvidos.

—Sim? então tive eu uma lembrança muito feliz; mas estou-lhe lendo nos olhos...

—O quê? ora diga...

—Se em logar d'elle, estivesse outro... antes quereria que eu não viesse.

—Outro!... não sei quem... Para mim os que aqui estão são todos os mesmos...

—Os que aqui estão?... talvez! mas já estiveram outros... ou outro... que não está agora.

—Não me recordo...

—E para dizer isso é necessario córar, reservada? Que tem lá que seja assim? A menina tem coração, e eu acho que o não quer para pregadeira de alfinetes. Se o ama, é porque elle é digno de ser amado...

—Mas eu não disse que amava alguem.

—O que se diz com a lingua é só metade do que se diz com os olhos. Estas palavras disse-m'as elle a mim uma vez, ha muito tempo, e não me esqueceram.

—Elle quem?

—Ora! quem ha de ser? Guilherme do Amaral.

Eulalia baixou os olhos sobre os rendilhados em marfim do leque, e ficou no silencio mais eloquente possivel. Margarida proseguiu:

—Dou-lhe os parabens, Eulaliasinha, pela escolha que fez; sou sua amiga, e mais é a primeira vez que lh'o digo. E então? não quer a minha amizade?

—Estimo-a muito, muito.

—Pois se a estima, havemos de tractar-nos como se tractam as pessoas muito amigas, sim?

—Pois sim...

—Por *tu?* Entre meninas... é o tractamento mais proprio. Queres?

—Quero... e tenho muito prazer em merecer uma boa amiga como tu serás.

—Vamos passear ambas? Estes importunos parece que estão a estudar as nossas palavras no movimento dos beiços.

—Pois vamos.

E, passeando na sala menos concorrida, continuaram assim o dialogo, que eu, no uso dos meus direitos, repito, e o leitor no uso dos seus, póde não lêr, se quizer.

—Que palavras—tornou Eulalia—foram as que elle te disse?

—*O que se diz com a lingua é só metade do que se diz com os olhos.*

—Disse-lh'o... *disse-t'o...* ia-me esquecendo.... disse-t'o hoje?

—Hoje? não, menina. Elle hoje foi todo teu.

—Estás a brincar! Andou comigo um instante.

—Pareceu-te um instante? Pois olha que foi mais d'uma hora!

—Ai que mentira! Dançamos uma quadrilha...

—Só? e depois não passeastes ambos?

—Passeamos emquanto se não dançava.

—Mentirosa! tu deixaste de dançar a setima quadrilha, e a segunda mazurka.

—Sim?! pois não dei fé...

—Olha o que faz o amor! Depressa te fascinou...

—Fascinar-me! ora essa! eu não estou fascinada. Sympathisar parece-me que não é amar.

—Tu ainda não amaste, Eulalia?

—Pois tu não sabes a minha vida? Logo que meu pae veio de Loanda, ha tres annos, entrei n'um collegio de Lisboa para completar a minha educação. Tinha eu quinze annos. Depois, quando meu pae veio para o Porto, e chamou minha tia para a sua companhia, vim eu para o Porto. Ha anno e meio que meu pae morreu, e é esta a oitava vez que saio de casa. A minha casa não vai ninguem senão o meu tutor, e algumas vezes um amigo de Guilherme, que é da terra de meu pae, e ficou sendo muito amigo de minha tia.

—E foi esse o que te apresentou a Guilherme?

—Foi; mas já meu tutor me tinha dito que m'o queria apresentar.

—Mas não te disse com que fim?

—Nem acho que tenha outro fim senão dar-me o conhecimento d'elle.

—Quem sabe! talvez te queira casar com elle...

Eulalia fez-se purpurina, e fingiu uma visagem risonha, que não disfarçava nada a surpreza da emoção. Margarida, com os seus trinta e tantos annos, lia n'aquella alma como em lettra de cartaz.

—Nada mais natural!—continuou a rival, sofreando mal os impetos da zanga, e as grosserias proprias da sua indole inflexivel—Tu és rica, elle precisa de ser rico...

—Ora! não fallemos n'isso, menina! Tambem tu vens com riqueza á baila! Não nos fica bem fallarmos em riqueza.

Eulalia soffreu um assalto de arrependimento por se vêr tão longe do caracter da sua amiga. Fez quanto pôde por variar de assumpto; mas a filha do visconde convertia todos os episodios da conversa á questão essencial.

—Dizes bem, Eulalia, ainda estás nova para te casares; mas, na nossa idade (a differença era de quinze annos) é difficultoso fazer obedecer o coração aos projectos da cabeça. Aconselho-te, como tua amiga verdadeira, que trates primeiro de indagar se Guilherme é digno da tua estima. Confia-te a uma pessoa de confiança...

—Se elle não fosse digno da minha estima, meu tutor quereria apresentar-m'o?!

—Isso não sei. Isso de homens occultam os defeitos uns dos outros...

—Então quaes são os defeitos d'elle? tu parece que os sabes...

—Não sei, e ainda que os soubesse...

—Não m'os dizias? É o mesmo; a mim que m'importa? Foi um homem que eu vi, e que... É verdade... vê tu que namoro eu tenho!... foi-se embora primeiro do que todos os outros.

—N'isso reparei eu; mas quem sabe o que foi? Eu vi-o lá em cima na sala da ceia a fallar tão alto, com um ar de escarneo...

—Tambem eu...

—E depois sahiu com o amigo...

—Pois ahi tens... estava aborrecido, e foi-se deitar... Deixal-o ir...

Eulalia proferira a ultima syllaba, quando Guilherme do Amaral e o poeta appareceram na sala, onde ellas passeavam.

O leitor suppunha que o fidalgo da Beira-Alta estava na cama refrigerando os ardores do champagne com o chá de Pekin, e pannos de vinagre nas fontes. Não, senhores, Amaral, como elle teve a ingenuidade de confes-

sar no hotel d'Italia, desde que a perfidia da sua prima o deixára só com a sua vergonha, appellou para a embriaguez, visto que só ella podia dar-lhe, algumas horas em cada dia, um mundo, uma consciencia, um coração, tudo novo.

O habito de embriagar-se fortaleceu-lhe o estomago, a ponto de, nos ultimos esforços para uma vida phantastica, sentir apenas um abalo passageiro. Muitas vezes, sem erguer-se da mesa estrepitosa d'uma orgia, fizera duas digestões do liquido remanescente. Duas vezes, portanto, a espirituosa loquacidade o visitava, emquanto os seus companheiros do mundo ideal acabavam por descer á realidade triste de resonarem debaixo da mesa.

Estes precedentes davam pouco ou nenhum receio á demora d'esses vinte calices de champagne no tubo digestivo do Mithridates de cognac.

Amaral deitára-se alguns minutos sobre o leito, fazendo abrir as janellas. O litterato fôra á cosinha solicitar uma chavena de chá. Quando, porém, voltou, Guilherme do Amaral, com um charuto ao canto da bôca, recompunha o penteado para tornar ao baile.

—Tornar ao baile!—disse o poeta, não podendo soster o riso.

—Que duvida! São tres horas menos um quarto. Ha mais d'uma razão para que eu lá torne. Diz-me cá: eu fiz uma triste figura?

—Quasi triste figura; mas creio que não se conheceu que tu...

—Estavas bebado... acaba a phrase! Eu não renego as minhas convicções, nem sou ingrato aos favores que devo ao vinho e a todos os seus derivados. É natural que eu dissesse tremendas verdades! não disse?

—Disseste muita coisa interessante, e fizeste outras.

—Que fiz eu? se bem me recordo, dei alli fóra um murro n'um gallego.

—Que não queria ser inscripto na distincção categorica de parelha...

—Lembro-me que dei um murro, porque me dóe o pulso... mas que foi o que eu disse?

—Vi-te em perigo de perturbares a beatitude com que dois inoffensivos commendadores assimilavam á substancia propria um homerico pastelão de ostras...

—Mas não insultei mulher nenhuma?

—Não.

—Nem fallei a alguma na linguagem inspirada do champagne?

—Não. Fallaste com umas visões das quaes povoaste a escuridão do jardim.

—Que diabo disse eu?

—Eu sei cá! Fizeste um monologo de drama a Victor Hugo.

—Então asseveras-me que posso entrar no baile com a certeza de que me não encaram como um homem honesto que digere facilmente o seu vinho?... Vamos lá; o passeio a pé deve ser-me util.

Para que não fique explicação alguma no tinteiro, está dada a conta exacta de palavras, syllabas, e virgulas, que precederam a entrada dos dois amigos no baile, ás tres horas e um quarto.

# XIII

—Não sei o que vim aqui fazer!—dizia Guilherme do Amaral, sinceramente aborrecido, ao seu amigo—Esta gentinha de gravata está-me provocando a zanga com uns olhares estupidos... Estou capaz de perguntar-lhes o que me querem!

—Teria muita graça; mas eu creio que tu não quererás fazer de histrião colerico. Deixa-os olhar. Se queres que elles te olhem com mais acrimonia, vai tu procurar Eulalia, e finge com ella uma conversação bem mysteriosa.

—Ora, pelo amor de Deus! eu não a tolero. É muito ignorante, ou muito acanhada... Para lhe arrancar doze palavras juntas, foi-me preciso fallar-lhe em collegios. Contou-me os seus brinquedos com as suas amigas, e disse-me que tinha grande raiva ao mestre de francez! Realmente, uma mulher assim é uma excellente mostarda para um homem do meu paladar!

—Quem sabe se esse acanhamento é uma prova de a teres impressionado fortemente!

—E que me importa a mim tel-a impressionado?! Eu rejeito um triumpho que não solicitei.

—Que lhe disseste?

—O que se diz a uma mulher, n'um baile, quando se não sabem dizer frioleiras. Fallei-lhe nas formosas visões da mocidade, nos bellos festões de flôres que escondem abysmos á entrada da vida, na difficuldade em que

se acha a innocencia de escolher um destino feliz para os annos da prosa, no falso brilho das homenagens que lhe tributam muitos vassallos, não d'ella, mas da avidez torpe do dinheiro. Nota, porém, meu caro poeta, que eu não terminei o meu aranzel por lhe dizer que as minhas homenagens eram mais sinceras que as dos outros. Pelo contrario, aconselhei-lhe a prevenção contra os homens de trinta annos, se elles entraram na vida aos quinze. Ouvia-me com respeitoso silencio; e eu, já farto de ser pedagogo d'uma menina de collegio que parecia não entender-me, conduzi-a á primeira cadeira que um prospero acaso me deparou, e fui passear no jardim para coordenar nas trevas os traços da unica mulher que póde dar-me a vida da imaginação... Eu não posso esquecer Augusta.

—Esqueces, esqueces. O tempo é uma panacea universal para todas as chagas do coração e da vaidade. Ora tu, meu caro, tens uma excellente carnadura, uma natureza forte que resiste á destruição. D'um momento para o outro estarás esquecido sem atinar com a causa do esquecimento... Ha aqui duas mulheres que te disputam, e uma duzia de homens a disputar-te essas mulheres. A Margarida Carvalhosa não te perde de vista. A Eulalia desarticula o pescoço procurando-te por entre os grupos. Querem recrear-te, e tu és ingrato ao Mephistophles amigo que te quer dar o senhorio de duas situações invejadas! Deves ser, aos teus proprios olhos, um homem bem superior! Se indagares a biographia de cada satellite d'essas duas mulheres, verás que são rapazes d'uma vida exemplar, excellentes cidadãos que nunca prejudicaram a mulher do seu proximo, que nunca ultrapassaram em casa do seu amigo os limites d'uma honesta familiaridade, que

consomem o fogo da sua mocidade no altar da Venus facil, ou nos amores inoffensivos de alguma collareja teúda e manteúda. Qual tem sido a tua vida, confrontada com a d'elles? O uso de todos os meios de libertinagem, e o abuso de todas as liberdades da confiança. Antes de conheceres Augusta, em menos de um anno aterraste a moral publica, e ensinaste a muitas mulheres o direito da revolta contra os preceitos da fidelidade conjugal. Raras pessoas da tua roda ignoram o que foste, e poucos serão os homens d'este baile que, esta noite, não tenham commemorado algumas das tuas façanhas. Vê tu o que são as coisas! Vão lá dizer a qualquer d'essas duas mulheres, que homem és tu, e que homens são aquelles! Os crimes a ti dão-te um ar de distincção, de magestade deslumbrante. As virtudes áquelles confundem-nos na troixa das vulgaridades, sem relevo, sem grandeza, sem direito algum á consideração das mulheres unicas capazes de avaliarem o merecimento real d'um homem. Já vês que ha um demonio propicio a proteger-te! A protecção de Lucifer aos homens distinctos não é coisa nova. S. Gil de Santarem, o Fausto, e o estudante de Le-Sage, foram os paladins de excellentes mulheres, e devem á diplomacia satanica os grandes triumphos que alcançaram...

— Estás immensamente fallador!... — interrompeu Guilherme — Terás dito bellas coisas; mas eu estava abstrahido... Dize-me cá... Eu seria capaz de tirar do coração de Eulalia a faisca de intelligencia que accendi no coração de Augusta?

— Que milagres não farás tu com a protecção do teu demonio omnipotente!? Eu acho que tu és até capaz de

ferir o lume da intelligencia no coração-pedreira de Margarida Carvalhosa...

—Não me falles d'essa mulher... É-me impossivel fixal-a sem desprêso. Por vingança talvez que os meus brios me levassem a seduzil-a, para ultrajal-a. Teve a audacia de me encarar hoje com um olhar de soberania torva, que me fez rir. Alli não ha innocencia, nem dignidade, nem modestia na estupidez, nem humildade d'um nascimento obscuro. Eulalia é uma mulher que começa hoje, um marmore bruto á espera do artista, um coração por fazer...

—E, se me deixas descobrir-lhe uma outra qualidade que, pela sua insignificancia, foge á tua analyse...

—Qual?

—Cento e cincoenta contos de inscripções em varios bancos de credito muito solidos...

—Qual de nós será o mais corrompido?—interrompeu Amaral com emphase dramatico.

—O mais corrompido... sou eu!—disse o poeta, abaixando a cabeça com humildade comica.

Chegára o barão de Bouças, abraçando Guilherme com brutal ternura.

—Onde se sumiu o senhor?

—Sahi a tomar ar, senhor barão. O seu champagne é um gazometro, e pela sua excellencia compromette os juizos mais prudentes. Nada de hypocrisias, visto que eu não armo á popularidade. O seu vinho deu-me uma alma que não cabia nos seus vastos salões. Fui dar-lhe horisonte largo e voltei quando me vi outra vez reduzido á estreita área da vida positiva. Ora, se algum dos seus hospedes lhe disser que me viu extasiado diante da sua frasqueira, póde vossa excellencia dizer-lhe, que eu quiz deixar-lhe

livres os extasis diante das mulheres millionarias que eu descubro entre os ricos moveis d'estas salas.

—Sempre espirituoso e sarcastico!...—redarguiu o barão, sacudindo-o com segundo abraço—Ora diga-me, que lhe pareceu a minha pupilla?

—Uma innocente educanda.

—Com bastantes aspirantes ao magisterio para lhe completarem a educação...—atalhou o barão.

—Isso é natural—tornou, com desconfiança, Guilherme—creia porém vossa excellencia, que eu se lhe mostrei ares de mestre, reduzi a uma lição todas as minhas ambições de magisterio. Digne-se aspar o meu nome de entre os aspirantes.

—Vossa excellencia parece formalisado...—redarguiu o barão—Parece que traduziu das minhas palavras uma intenção epigrammatica...

—Não, senhor... É uma susceptibilidade que me faz grosseiro na phrase, mas as intenções são as mais delicadas. Se algum azedume transpira das minhas palavras, creia vossa excellencia, é o tedio que me fazem esses miseraveis exploradores d'um dote. Apenas encontro casualmente os olhos da sua rica pupilla, somos, eu e ella, motivo de curiosidade. Quem disputa a estes parvos o seu direito de conquista? Eu sou o primeiro a não querer porfias com a estupidez; vexo-me da emulação, sinto-me injuriado nos meus brios quando um d'esses homens me julga vérme de mais para me oppôr á sua sahida do charco onde a natureza o creou...

—O senhor Amaral está em guerra com o genero humano!...—atalhou o barão.

—Mas em muito sancta paz com vossa excellencia...

—Se assim vai, receio-lhe muitos successos desagradaveis. O mundo não se reforma, e vossa excellencia seria um continuado ludibrio do mundo, quando pensa que o domina da altura dos seus sarcasmos. Viva como é costume viver-se... Vá dar um passeio com a minha orphã, que está triste, e já me disse tres vezes que queria retirar-se.

—É uma honra obedecer-lhe, senhor barão.

Deixemos Eulalia e Guilherme. Os espiões observaram que ella mudou de côr, acceitando o braço do nosso brioso amigo. E quem mais depressa descobriu essa cambiante de luz foi D. Margarida. Deparou-se-lhe felizmente o litterato a geito de acenar-lhe.

—Vão-se realisando as suas suspeitas...—disse ella.

—Quaes, minha querida senhora?

—O namoro da brazileira com o seu amigo.

—Simples preludios, emquanto a mim, senhora D. Margarida.

—E é assim que o senhor Amaral costuma fazer quando quer capacitar que ama uma outra pessoa.

—Não comprehendi... Se tem a bondade de repetir...

—Eu é que não comprehendo o senhor... Que me disse esta noite?

—Varias coisas, minha senhora. Entre outras, creio ter-lhe dito que vossa excellencia não podia ser indifferente ao meu amigo.

—Disse muito mais... tem razão de esquecer-se. Quando se mente, esquece-se depressa a mentira.

D. Margarida, com uma perna lançada sobre a outra, batia freneticamente o calcanhar, e agitava o leque, abrindo-o e fechando-o com vertiginoso coquetismo, se póde dizer-se «coquetismo» a expressão da raiva que sua mãe,

antiga tecedeira, manifestaria pondo as mãos na cintura, e afastando a perna em attitude athletica.

O poeta, disfarçando a impressão grosseira das palavras e dos gestos, replicou, zombando delicadamente, dando-se um ar de gravidade na gargalhada:

—Então vossa excellencia quer fazer-me responsavel pelo coração de Guilherme do Amaral? Impõe-me a obrigação de lhe dizer que se renda aos seus attractivos? quer que eu o vá buscar por uma orelha e lhe dobre os joelhos aos seus pés?

—Tenha a bondade de não me desfructar... O senhor é... muito grosseiro!

N'este conflicto, Guilherme do Amaral com Eulalia pelo braço, quasi compellindo-a a seguil-o, parou diante de Margarida, e curvou um pouco a cabeça. No franzido da testa e no olhar penetrante o poeta presentiu uma scena desagradavel.

—Senhora D. Margarida...—disse Guilherme.

A filha do visconde parece que tambem presentira como o poeta. Ergueu vagarosamente os olhos para Guilherme.

—Senhora D. Margarida—tornou elle em mavioso som—eu venho confessar-me do meu principal defeito diante d'esta senhora, que me não conhece, e diante de vossa excellencia que me ha de absolver, para que eu possa achar graça no coração d'uma outra. O meu principal defeito foi despresal-a, minha senhora. O que vossa excellencia chama defeito é a unica virtude que eu posso recordar na minha vida...

E voltando-se para Eulalia:

—Agora estou confessado. O silencio da senhora D.

Margarida é a minha absolvição. Absolvido, a minha consciencia fica tranquilla. Continuemos o nosso passeio.

Eulalia estava livida. Margarida côr de açafrão. O poeta... não mudou de côr; mas pediu mentalmente ao Senhor que o livrasse de gente mais doida do que elle, e particularmente dos doidos com muitos brios.

D. Margarida, apenas desopprimida da presença de Amaral, procurou o pae, disse em raivosos tregeitos que se retirava, e, com effeito, o pobre visconde, obrigado a descer tão ligeiro como ella as escadas, foi á bolina, regougando uma pergunta a que a filha não respondeu.

D. Eulalia, e sua tia, veneranda senhora que tinha dormido sempre, sahiram pouco depois. Amaral e o litterato, invadidos pelo ultimo e invencivel ataque de tedio, deram-se o braço, e, em logar de entrarem na sege, atravessaram a pé algumas ruas até pararem no *Passeio das Virtudes.*

Rompia a manhã, se não formosa dos susurros matinaes do estio, radiava serena, clara, prenuncia d'um bello dia de primavera.

Defronte das *Virtudes,* além-Douro, no dorso da serra, alvoreciam com os primeiros fulgores as casas do Candal. O rôlo da nevoa pousada no rio subia em nuvemsinhas dispersas, espalhava-se ao sopé da aldeia, erguia-se sobre os telhados um momento, e descondensava-se aqui e alli em flocos que pareciam levadas pelo bafejo da viração crepuscular.

Amaral fitava além os olhos, e o poeta, compenetrado da mesma sensação do seu amigo, seguia-o, voando talvez mais alto, para descer sobre a mesma pousada. Augusta estava n'esse phantastico horisonte que ambos viam. Qual

dos dois, porém, seria então o mais poeta? Eu de mim, certo de que no coração mais scelerado desponta sempre uma flôr, não duvido crêr que n'aquelle olhar immovel de Guilherme havia a expressão d'uma grande saudade. Ora a saudade o que é senão a mais dolorosa poesia? E, além d'isso, se os instantes bons do homem, habitualmente mau, devem reunir em si toda a sensibilidade generosa que nega, passados esses instantes lucidos, porque não havemos crêr na insondavel amargura de Guilherme?

Eu creio.

—Eis aqui o que é soffrer...—disse elle.

Houve um longo silencio: o poeta ouvira-o, acreditára-o, e respeitára-o.

—A bravura do cynismo—tornou elle—é uma fatuidade de miseraveis criminosos. A consciencia é um juiz terrivel.

—E o remorso a virtude dos maus...—atalhou o poeta —É remorso o que sentes?

—Peor que o remorso. A minha contrição seria inutil. O que eu sinto é o terrivel *nunca mais!* Nunca mais acordarei com uma esperança carinhosa no coração! Nunca mais farei renascer a alegria que me extravasava do peito... além!—E apontava para o Candal.

—O que sentes é uma saudade da mulher ou do tempo?

—Saudade do tempo em que amava aquella mulher... Se eu recuasse seis annos na minha existencia, perdida Augusta, acharia outra. Hoje ha na minha alma um quietismo horrivel... um lethargo... uma afflicção similhante á do homem vivo, que sáe d'um desmaio, e se vê n'um esquife com as mãos atadas.

—Virá alguem restituir-te á liberdade, Guilherme. Soffre saudades do passado, mas espera, e vir-te-ha a rehabilitação. A sociedade é um banquete com uma iguaria para cada paladar. Ninguem morre de fome, nem de fastio. O teu absintho existe: onde? é o que nós não sabemos. Quando tocares a extrema do aborrecimento, do desconsolo e da soledade, acharás uma mulher que procuras machinalmente, e será essa a tua companheira dos tres dias que terás de viver. A desesperação é a mãe das resoluções arrojadas. Talvez que a tua felicidade esteja n'um desatino. O infortunio tem uma demarcação. Quando lá se chega, ou se morre, ou sentem-se quebrar as pontas dos espinhos. Se se vive, deve-se então tentar a fortuna sob qualquer aspecto. Mais infeliz não se póde ser, e nada se aventura contra a desgraça.

—E d'ahi? Fazes maximas, não é verdade?

—Não pretendo que sejam maximas; mas alguma coisa diria grave e aproveitavel.

—Promettes-me a felicidade no casamento...

—E porque não hei de prometter? Eu tenho immensa confiança nas mulheres que conheço, e nas que não conheço. Seria ultrajar ridiculamente os milhares d'ellas, que povoam o globo, imaginando que não ha ahi uma, cem, mil, que te satisfaçam as ambições do coração...

—Qual coração?

—O coração novo que se sente nascer de improviso, ao simples *faça-se* do olhar divino d'uma.

—Ora adeus! isso é uma zombaria! Deves suppôr bem vulgar Augusta...

—Quem é que fallou aqui em Augusta? Isso parece-me um disparate sem graça!

—Pois que quer dizer a esperança que me dás de encontrar outra...

—Que leves acolá para o Candal, e renuncies ao primeiro amador de mulheres rejeitadas... Meu amigo, o teu sentimento cheira-me a capricho de poesia sobre posse...

—Parece um escarneo esse tom galhofeiro...

—Franqueza, meu amigo! Eu estou aborrecido d'esta missão de pedagogo, que faria rir uma terceira pessoa. Tenho-te dito, como quem falla a um homem de honra, que é necessario esquecer Augusta. Conheço todas as incoherencias do coração humano; mas não posso, ainda assim, capacitar-me de que te domina uma paixão invencivel, depois de seis annos de esquecimento. Se é preciso dizer-te que a baroneza d'Amares recusará, primeiro com a brandura, depois com as lagrimas, e por fim com o desprêso, as tuas offensivas solicitações, dir-t'o-hei com lisura.

—É temeridade affirmar tanto...

—Não é temeridade, é crença na virtude, é confiança na mulher que sahiu d'além, e eu vi alli em baixo n'aquelle bêco; é tudo, menos os seus contos de reis, o seu prestigio, a sua reputação, e o desejo de sustental-a. Se a baroneza d'Amares fosse a Augusta costureira, e estivesse alli em baixo a fazer suspensorios, não seria menos difficil ás tuas diligencias. Já vês que não é a posição que a defende.

— Veremos... — murmurou Guilherme do Amara., ferido no orgulho.

—Que quer dizer *veremos?!*

—E que quer dizer essa interrogação emphatica Se te não crêsse um homem de bastante talento theorico,

e muita boa fé na prática, julgava-te um amante mal disfarçado da baroneza.

—E a mim resta-me a desforra de te julgar um infame.

—Ora vamos... não nos irritemos. Bem vês que me estou a rir, e eu vejo-te em apuros de paciencia, que podem levar-te á força de me propores um duello...

—Oh! não, meu caro! Podemo-nos affrontar rijamente, que nos não bateremos. Estamos ambos sufficientemente relaxados para nos não resentirmos d'ultrajes sem testemunhas. A honra dos duellos é o publico que a dá, não é a consciencia. Fechemos o dialogo, visto que a materia é desagradavel, e eu tenho frio. Vamos tomar chocolate, não achas?

—É uma feliz lembrança... Mas abra-se outra secção de palestra... Que effeito—dizia Guilherme, de caminho para a *Aguia d'Ouro*—que effeito fariam as minhas *amabilidades* em Margarida?

—Um effeito consolador... O que vai seguir-se posso eu prophetisar-t'o, com quanto o meu forte sejam as theorias. Dentro de tres dias, Eulalia tem uma carta anonyma, em que o teu passado, o presente, e o futuro vai ser historiado em estylo de regateira. D. Margarida pertence a uma escóla de mulheres sem dignidade, sem pundonor, que, no momento em que se julgam desvalidas da graça d'um amante, vestem o seu amante de farrapos, condecoram-no com todas as ignominias, e apresentam-no assim á rival, como se tal homem, com tantas infamias, não devesse pertencer senão a ellas...

—E uma carta d'essas que effeito fará em Eulalia?

—Conscienciosamente te digo que nenhum. Ainda não vi vingar uma só carta anonyma.

«Vem a proposito contar-te uma passagem acontecida comigo, durante as tuas viagens.

«Appareceu aqui uma mulher de provincia, n'uma posição melindrosa, ligada sacramentalmente a um homem, que reputava o sacramento um duplo direito de despresar a mulher que elle chamava sua. A ella, porém, faltava-lhe a consciencia de escrava; e, por isso, energica, formosa e opprimida declarou-se em revolução permanente. Relacionei-me com esta familia, entrei nas confidencias amigas de Ermelinda, depois achei facil a entrada no coração, e confessarei, se os teus ouvidos pudibundos m'o consentirem, que desejei entregar ao marido a direcção do meu jornal, a propriedade de todas as minhas obras, a dos cincoenta volumes que tenciono escrever, com tanto que elle me transferisse o direito e acção sobre a bella mulher, que o estupido capricho da fortuna lhe déra. Isto não é muito moral, mas é verdade.

«N'este delicioso sonhar de venturas impossiveis, cahiu um raio em casa de Ermelinda. O raio era uma carta anonyma d'uma creatura angelica extremamente empenhada em me dirigir no caminho da virtude e da lealdade.

«Visitei Ermelinda n'essa occasião. Seu marido recebeu-me com a costumada indifferença, e deixou-me tranquillamente sentado ao fogão, ao pé de sua mulher, mais amavel e risonha, que de ordinario, n'esse dia. Depois de uma risada inconnexa, sem motivo nem applicação, disse-me ella que ia mostrar-me uma carta, se eu promettesse lêl-a com animo frio. Conheci que se tractava d'uma carta anonyma. Mudei de côr, senti não sei que tremor no co-

ração, e balbuciei instinctivamente duas palavras, apertando a mão de Ermelinda: «não creias!»

«Riu-se ainda mais, reanimou-me, deu-me a carta, e eu li os seguintes, entre outros artigos do libello:

«Fulano namorou D. Fulgencia, e recebeu d'esta mulher tres mil cruzados:

«Namorou D. Polidóra e recebeu d'esta mulher quatro mil cruzados.

«Namorou D. Athanasia, e recebeu seis mil cruzados.

«Namorou finalmente uma virtuosa senhora *(que era a redactora da carta)* e recebeu d'esta senhora virtuosa oito mil cruzados.»

«Imagina de quantas côres se me fez a cara, até á somma total de oito contos e quatrocentos mil reis!

—E tu que disseste?

—Que disse? deixei cahir a carta da mão tremula, e perguntei a mim mesmo se as vergoadas d'um chicote na cara d'uma mulher não seriam ás vezes um grande merecimento perante Deus e a sociedade! Eis aqui uma ideia bem grosseira e villan que eu nunca ousaria escrever...

«Ermelinda ria-se, ria-se, e, vendo a impressão dolorosa que a sua intempestiva hilaridade não desvanecia, assumiu um tom meio serio, lançou-me o braço sobre o pescoço, e disse o seguinte: «Meu amigo, esta carta é o mais evidente testemunho, que eu podia receber do teu merecimento. Tu és um homem a quem as mulheres dão tres, quatro, seis, oito mil cruzados. Ha muitos homens que dão menos, e dão mais, a mulheres celebres d'uma triste distincção... Isso não espanta. Porém... maravilha é um homem posto assim a preço! Grande deve ser o teu valor! Eu, sabendo isto de ti, e não te conhecendo... per-

doaria á mulher curiosa que ambicionasse doze mil cruzados para cobrir o lanço das outras!»

«E soltou a vigesima gargalhada.

«Aqui tens o effeito d'uma carta anonyma.

—Mas o marido é natural que levasse n'esse dia a chave das gavetas.

—Não; o marido não acreditava que eu valesse tanto. Quando sahiu, pediu-me que conduzisse sua mulher ao theatro, fez-me sentar no segundo logar do seu camarote, e disse-me ao ouvido, que o meu nome devia figurar entre os preços correntes das acções das companhias. O homem tinha a mais bem organisada das cabeças. Sem punhal nem pistola, fez-me entrar na consciencia dos meus deveres... Tornemos ao principio... D. Margarida tem uma criada, prima d'um furriel; este furriel, primo da criada, é cunhado da minha engommadeira, que é irmã da mulher do furriel, primo da criada, etc.

—A que diabo vem isso?

—Vem a proposito de me ter dito a minha engommadeira, que seu cunhado, primo da criada de Margarida, era muitas vezes encarregado de copiar rascunhos que sua prima lhe dava. A minha engommadeira, a meu pedido, obteve da irmã um d'esses rascunhos. Conheci a lettra de D. Margarida. Eu podia muito bem dispensar-me d'esta espionagem na vida do proximo; mas o romancista, o dramaturgo, e as mulheres ociosas são as classes privilegiadas, ás quaes é permittido espreitar o que se passa nas casas alheias. O romancista, se desconhece os escandalos recatados das familias, escreve vulgaridades sem pico nem interesse. O dramaturgo enche a scena de monstros. A mulher ociosa morre de inanição, de es-

torilidade, de desespêro. Ora ahi está porque eu subornei a minha engommadeira, e entrei no segredo de muitas malquerenças em que esta mulher trazia intrigadas algumas familias. Namoro d'ella, sem saber-se a causa, vi-me mal recebido nas casas que até então o receberam com agrado. Os maridos acautelavam-se, os paes chamavam as filhas a interrogatorios solemnes, as rivaes sabiam todas, ao mesmo tempo, que D.. Margarida era a recente paixão do pobre homem que apenas a cortejava. Possuo no meu album de *apontamentos para romances* boa cópia d'estas cartas, copiadas por mim. De hoje até ámanhã é natural que o furriel seja chamado para trasladar em boa lettra o teu elogio.

—Sim? previne a engommadeira.

—Não que tu fazes alguma scena de brios, como a do baile. És capaz de comprometter a criada, e o furriel, e a mulher do furriel, e a engommadeira, e o meu archivo de documentos para a historia de D. Margarida, que espero escrever em 1910.

—Não comprometto. Vejo, e calo-me. Que me importa a mim a intriga? Eu não espero gloria d'uma nem d'outra. E, se eu tirar alguma desforra, será de modo que seja impossivel suspeitar-se como entrei no segredo.

Entraram os nossos amigos no café da Aguia, saborearam o chocolate, cabecearam com somno, deitaram-se de sapato de verniz e casaca preta, com toda a decencia, e adormeceram.

O leitor já adormecido, como piamente creio, não alcançou esta importante noticia.

# XIV

Guilherme do Amaral, ás tres horas da tarde sacudiu dos olhos o somno pertinaz, sentou-se na cama, resolvido a despir a casaca, espreguiçou-se, bocejou tres vezes, deixou-se outra vez cahir para o travesseiro, e de certo reatava a fio partido da mais deliciosa situação da vida, se o litterato não entra, disposto a pedir-lhe um voto de confiança para o jantar.

Amaral abriu um ôlho, fechou-o para abrir o outro, rosnou uma saudação pouco amavel, voltou-se para a parede, e cobriu a cabeça com as abas da casaca. O litterato, porém, dando á perna esquerda do seu amigo a elasticidade possivel, conseguiu habilital-o para discutir sériamente o assumpto solemne do jantar.

—Pois sim, jantemos—disse Amaral—e saberás que não sei quando tornarei a jantar comtigo.

—Porquê?!

—Vou-me embora ámanhã.

—Para onde?

—Para a minha aldeia. Preciso dormir dois mezes, e está provado que não se póde dormir no Porto... Ha sete annos e meio que sahi de minha casa... Nem já sei se tenho casa... Vou vêr se lá consigo renovar-me com o ar e as impressões da minha mocidade. Vou descansar. È preciso não esquecer que hei de ir alli acabar os meus dias. Lá acabaram não sei quantas gerações de grandes

homens, que lá nasceram e lá viveram... Grandes homens, sim, que não causaram um desgosto aos outros, vegetaram obscuros, e morreram sem que os herdeiros e os amigos dos herdeiros lhes déssem a virtude posthuma, com que se nobilitam os velhacos.

—Com que sim... vaes tu a casa...

—É mais correcto dizer *para* casa. Que faço eu aqui? Lucto com o tédio e succumbo. Tenho pensado na distracção... até no crime, se lá posso achal-a... Nem para o crime sinto energia. Preciso que me firam o amor-proprio: sómente mordido na vaidade, é que eu sinto irritarem-se os brios do coração; mas estas mulheres não sabem ou não podem galvanisar-me... Deixo-as aos dignos parlapatões que as comprehendem, que nasceram para ellas como mollusco para a pedra. Tudo Eulalias, e Margaridas! Uma estupidamente innocente, a outra... estupidamente má! No meu estado, ha uma só mulher que possa impressionar-me: será a que tiver uma grande intelligencia para entender que os meus crimes tem sido menos offensivos á sociedade, que as virtudes de muitos hypocritas; e não basta que tenha uma grande intelligencia: é preciso que tenha um grande coração para me receber com todos os meus defeitos, e purificar-me lá. Onde está a mulher assim?

—Por ventura, sabes tu se Eulalia...

—Eulalia!... forte scisma! Eulalia tem dezeseis ou dezoito annos. Que queres tu que eu diga a uma creança, que recorda todos os dias as innocentes anecdotas do collegio?

—O que disseste a Augusta.

—Não conheces o coração. Eu dormi sobre o meu

plano de hontem... Eulalia posto que innocente, aos dezoito annos, tem os embriões de todos os defeitos á espera do primeiro bafejo de homem que lh'os desenvolva. Precisa ser adulada, porque é rica; ha de ser adulada, porque ao pé da mulher rica o mais vil pretendente julga-se sempre vencido pela vileza d'um rival. Eulalia sabe quanto vale em libras, e repellirá com arrogancia o audacioso que lhe quizer reformar o genio.

«A costureira, meu amigo, era uma innocente, que a sociedade não conhecia; vivia para alli, protegida por Deus ou pelo acaso, ignorada e ignorante. Ninguem lhe tinha mostrado a decoração esplendida do theatro onde a mulher figura, onde recebe corôas e pateadas, onde começa rainha, rodeada de palacianos, e acaba, vexada de desprêsos, entre as comparsas. Augusta sahira assim das mãos de Deus... entraria no céo, se morresse com sua mãe. Eu vi que todas as minhas palavras lhe entravam no coração. Fallava-lhe com soberania de pae extremoso; na humildade com que ella me fitava os olhos, via-se o amor e o respeito: havia alli obediencia sem baixeza; uma effusão de amante e de filha; uma vontade de igualar-se a mim confessando que me devia a elevação... Se nascesse rica, seria hoje a baroneza d'Amares; mas, a estas horas, não teria um perverso da minha força que lhe chamasse anjo... Basta... Não confrontemos... Segue-se, que não ha nada a esperar...

—Nada a esperar de quem?

—De todas.

—Deixas morrer as esperanças de Eulalia? Dás a Margarida o prazer de triumphar com as cartas anonymas?

—Nem me importa saber se as escreve... Pois eu

não hei de ser superior a ambas?! Meu amigo, eu estou morto... morto! Não quero nada... não quero saber se posso quebrar a pedra do meu tumulo. Suicidar... não me suicido. Póde ser que um dia me visite a ideia da religião... Quero esperar tudo o que possa vir sem que eu dê um passo... Entretanto...

—Entretanto...—disse o poeta, desafiando a expressão que o silencio do interlocutor lhe afigurava importante.

—Entretanto?... vamos jantar!

—Fechaste o discurso com chave d'ouro!—tornou o litterato, disfarçando o desgosto com que ouvira a ultima resolução do seu amigo.

—Não me disseste—dizia Amaral, depois que as respeitaveis funcções da deglutição lhe reanimavam um novo genero de loquela—não me disseste que Eulalia era filha d'um teu patricio, que fôra carvoeiro? Conta lá isso; mas não deixes arrefecer essa mão de vitella que está excellente...

—Justamente, foi carvoeiro... fazia carvão: queres saber como elle fazia carvão?

—Que me importa a mim como o homem fazia carvão?! quero saber como elle arranjou cento e cincoenta contos.

—Eu sei cá! arranjou trezentos contos, que é um pouco melhor. Quem é que pergunta hoje como se arranja o dinheiro? A questão é tel-o; e está provado que Eulalia tem cento e cincoenta contos... O que eu posso dizer-te é o que este homem foi antes de ser commendador da ordem de Christo, fidalgo da casa real... e não sei que mais. Passa-me para cá essa mostarda ingleza... Pois, meu amigo, ahi vai a historia.

«João da tia Brigida Soqueira tinha um burrinho e duas saccas e um enxadão. Com o enxadão desenterrava as raizes, ajuntava-as n'uma cova, queimava-as e fazia o carvão, que mettia nas saccas, carregava o burrinho, e ia o nosso amigo vender o seu carvão a uma villa proxima. Uma vez juntou-se na tal villa com outro carvoeiro. No caminho entraram n'uma taverna a jogar o seu quartilho á bisca lambida. João da Brigida Soqueira desconfiou que o parceiro lhe empalmára uma bisca, e fez d'isso questão, não querendo pagar o quartilho da aposta. Palavra d'aqui, palavra d'alli, injuria pede injuria, vieram por fim ao accordo de se socarem o melhor que poderam. Contava meu pae que chegando ahi n'esse conflicto, vindo da caça, déra em cada um sua cronhada ordeira, e conseguira deixal-os a lavar os respectivos narizes sufficientemente achatados pelos reciprocos sopapos. Não parou aqui a desordem. *Jacta est alea*... Mais acima tornam a pegar á unha. João da Brigida saca d'uma navalha, fura a barriga do companheiro, e mata-o. Tira-se uma devassa, o carvoeiro é prezo, confessa o crime, é condemnado á morte, e na Relação do Porto, cummutam-lhe a pena em degredo perpetuo para Angola. João vai cumprir sentença, e, trinta annos depois, não sei por que serviços prestados no presidío de Loanda, consegue do governo perdão da sentença, e volta a Portugal com trezentos contos. Metade repartiu-a pelos parentes: a outra testou-a á filha, que podéra ter encabeçado n'um dos mais illustres troncos da monarchia portugueza, se a morte lhe não atalhasse o projecto. Depois d'esta historia, contada sem mófa, nem desconsideração ao antigo carvoeiro, devo accrescentar que o commendador João Ro-

drigues da Silva, sabendo que eu era neto d'um capitão da bicha, de quem elle fôra moço de bagagem na guerra peninsular, fez-me muita festa, levou-me a sua casa, deu-me um espanador de pennas, e consentiu-me que désse o braço a sua filha. Mostrou-me algumas cartas que lh'a pediam, e cedeu-me um autographo curioso d'uma que lhe offerece a elle a corôa de conde, e a sua filha a de marqueza, tudo por cem contos. Hoje que a mulher vale mais cincoenta, será utopia prophetisar uma corôa ducal na sua bella testa? Pergunta ao barão de Bouças quantos representantes de familias historicas atiram os pergaminhos de seus vigesimos avós aos pés da filha do carvoeiro!

«Se tivesses juizo—proseguiu o narrador—meu homem, picavas as vieiras e os castellos da tua pedra d'armas, e mandavas lá abrir um quinze com sete cifras, quantia d'algum merito, por ser uma conta redonda.

—Tu és tolo...—atalhou Amaral—Depois d'essa historia, a filha do carvoeiro póde ser uma boa creatura; mas a filha d'um assassino, que não deixou bem clara a agencia que lhe deu trezentos contos, é para mim um ente repulsivo...

—Apre! que puritanismo!

—Não é puritanismo... são os brios que se bebem no leite, e ficam illesos no coração, perdidos todos os outros sentimentos grandes.

# XV

Na madrugada do dia seguinte Guilherme do Amaral sahiu do Porto, deixando ao jornalista o cuidado de annuncial-o sahido por motivos tão pressurosos, que não pôde, como devia, despedir-se dos seus numerosos amigos.

No correio d'esse dia o litterato recebeu da baroneza d'Amares a primeira carta, desde que sahira de Lisboa. Era a resposta de quatro que elle, pasmado do seu silencio, lhe escrevera, a occultas do seu amigo.

O conteúdo era enigmatico:

«Cuidei, meu amigo, que tinha em si um irmão... «Porque não tem sido severo para todos, quanto o foi «para mim?! Já que ninguem me defende, pedirei a Deus «que me não deixe fraquear n'esta lucta... Adeus... Se «se arrepender, faça-me o bem que podér.»

O poeta ficou assombrado! Nenhuma conjectura lhe dava a chave d'este segredo.. A distancia, o impossivel esclarecimento do mysterio no momento da surpreza atribulava-o. Se Amaral estivesse no Porto, seria elle o primeiro interrogado, o primeiro suspeito em tão injusta accusação. Principiou e rasgou algumas cartas. A lembrança de esperar oito dias uma resposta, perturbava-lhe as ideias; outra mais penosa ainda—a d'uma resposta equivoca—produzia n'elle o frenesi da cólera. N'um d'esses impetos lançou mão d'um jornal, e viu annunciada a sahida d'um vapor, na tarde d'esse dia. «Ámanhã

estou com ella!» exclamou elle, posto que não era seu costume fallar só. Em pouco tempo aprestou-se com a celeridade que lhe dava a ancia, e ás tres horas do dia seguinte o litterato annunciava-se no palacete do barão d'Amares.

A senhora baroneza não sahia do seu quarto, nem recebia visitas desde muito, disse o escudeiro: o litterato enviou-lhe um bilhete e a sua admissão foi immediata. Se o podesseis espreitar, quando entrou no quarto, julgal-o-ieis um doido! Nem uma palavra de cortezia á baroneza, que lhe estendia a mão tremula!

—Recebi hontem ás duas horas da tarde—tartamudeou elle—uma carta de vossa excellencia... é a primeira que recebo desde que sahi de Lisboa... Que quer dizer isto?

Esta aspera interrogação foi respondida por um gesto de pasmo.

«Vossa excellencia não me responde?!—replicou elle, mostrando-lhe a carta.

—Responderei... mas deixe-me reconhecel-o... Vejo-o d'um modo que não é o seu... Sente-se ao pé da sua amiga... Estou quasi a confessar-lhe que o calumniei...

—De que modo? Eu até ignoro a natureza da calumnia. De que devo eu *arrepender-me*, senhora baroneza?

—De ser meu amigo, não... Ora entre em si... socegue... começe já por me perdoar, e verá como a consolação de ser bom lhe restitue a paz...

—Tudo, tudo o que vossa excellencia quizer... Eu estou tranquillo. Explique-me este horrivel segredo.

—Pois sim... Tem vivido com Guilherme?

—Sempre, desde que sahimos de Lisboa, até hontem de manhã que elle sahio para a provincia.

—Hontem de manhã?!—exclamou Augusta alvoroçada—E tem a certeza de que foi para a provincia?

—A certeza, sim, minha senhora... Porque duvida?

—Tenho amargos motivos para duvidar... Ora diga-me: sabe que elle me escreveu seis vezes do Porto?

—Não sei, minha senhora!... pois Amaral escreveu-lhe?!

—E que cartas, meu Deus!

O poeta levou a mão aos cabellos, como se quizesse cravar as unhas na fronte. Amaral, n'este momento, era para elle um scelerado.

—Vejo que tudo ignora...—tornou Augusta, tirando-lhe a mão da fronte—Não soffra assim... Os soffrimentos fizeram-me ser má comsigo julgando-o cumplice n'essas terriveis cartas. A uma desgraçada tudo se desculpa, quando o coração é bom... Perdôa-me a injuria que lhe fiz?

—Queira dizer, minha senhora... O meu nome acha-se n'essas cartas?

—Não, vez nenhuma... acredite... eu vou mostrar-lh'as; mas eu sabia que o meu caro amigo estava com elle; pensei que faria todos os esforços para desviar-lhe a attenção de mim; as cartas chegavam umas apoz outras, e a ultima que recebi... Eu quero que veja a ultima, primeiro, e verá se eu não devo recear que Amaral o enganasse.

A baroneza tirou d'uma gaveta do toucador um masete de cartas, e deu a lêr ao poeta a que o leitor, se quizer, póde lêr tambem. Resava assim:

«Augusta. O teu silencio é a morte! Eu creio que «nenhum homem levou lagrimas tão dignas de compai-

«xão aos pés d'uma mulher. Se tivesses morrido, quan-
«do cheguei a Portugal, e eu fosse ajoelhar na tua sepul-
«tura, supplicando-te, com a amargura que vai nas mi-
«nhas cartas, o perdão do meu crime, levantar-te-ias,
«Augusta, para me perdoar.

«Queres que eu receba o teu desprêso como expia-
«ção? Acceito-o, beijo o ferro que me fere, adoro-te ain-
«da, Augusta, porque vejo em ti o instrumento da Pro-
«videncia!

«Se tu eras o anjo, que Deus me deu, e eu despenhei
«comigo no meu abysmo, fazendo-te demonio, perdi to-
«do o direito a pedir que me restituas o meu céo, aquelle
«nosso céo que ambos destruimos.

«Ambos! perdôa-me, anjo, consente que eu diga
«*ambos!*

«Eu deixei-te no purgatorio, fugindo-te. Era lá que
«tu com tuas lagrimas devias alcançar do céo o meu res-
«gate das paixões infames. Deus ouvir-te-ia, filha, e eu
«mais cedo teria vindo ajoelhar a teus pés, agradecendo-
«te a minha redempção.

«Eu previra abandonando-te, Augusta, que voltaria
«um dia para ti o coração purificado no fogo dos
«desenganos.

«Deixa-me recordar-te um acto que fez o teu heroís-
«mo, e a minha desgraça irremediavel. Eu deixei-te ro-
«deada de tudo que podia conservar-te virtuosa no aban-
«dono. Queria-te alli, como o anjo custodio do meu pa-
«raizo, porque presentira a ancia, a angustia, o desespé-
«ro com que hoje te procuro sobre a terra, a ti, mulher
«que só podias ser minha, a ti, Augusta, morta, perdida
«para todo o sempre!

«Não teria sido maior o teu heroismo, esperando-me?

«Se morresses, na esperança, não terias abençoado «na tua ultima hora o desgraçado que, longe de ti, bebia «o fel da ignominia, devorado de vergonhas e de remor- «sos, castigado pela mão d'uma infame mulher a quem «te sacrifiquei? Hoje, chorando eu a teu lado, não seria «maior heroismo curares-me pouco a pouco as chagas do «coração, convenceres-me de que eu me ia tornando di- «gno de ti, dissipares lentamente de minha alma lem- «branças de infamias que não tem nome... ennobrece- «res-me, emfim, com o teu amor?

«Se tu soubesses a minha vida, choravas! Se soubes- «ses que supplicios soffri em seis annos, dirias—porque «não esperei eu este desgraçado para o consolar!

«Chego a persuadir-me, Augusta, de que o remorso «virá um dia atribular-te! Oxalá que não... Mas eu sei «que nobre alma é a tua. Vi-a nascer em contacto com o «meu coração. Sei que a ideia de vêres perdido um ho- «mem que poderias ter salvado... e que homem! o pri- «meiro, e o unico do teu amor... sei que essa ideia será «uma angustia dolorosa como um remorso... Em redor «de ti, será tudo um brado de accusação, um estimulo «terrivel de inuteis lagrimas. Verás sempre o homem que «viste, pela primeira vez, ao pé do cadaver de tua mãe; «vêl-o-has cheio de alegria inventar prazeres para que a «tua felicidade não esmorecesse; vêl-o-has ao teu lado, «n'esses rapidos dezoito mezes do Candal, contemplando «as flôres que o teu espirito desabrochava, bafejadas por «elle e, muitas vezes, orvalhadas pelas lagrimas do con- «tentamento. Vêr-me-has, por fim, levado pela mão d'um «demonio, de inferno em inferno, expiando não sei que

«crimes, porque a minha vida só tinha um—o de não te «fazer minha esposa no primeiro dia em que te amei. E «depois, arrancado pela mão da Providencia ás garras da «paixão ignominiosa, ouvirás estas supplicas, que hoje «faço inutilmente. «Vêr-me-has buscar a distracção em «novas torpezas; converter em crimes a energia d'alma «que me resta; envilecer-me até ao extremo da deshon- «ra... suicidar-me, em fim, quando se me não depare a «morte no punhal d'esses que eu hei de sacrificar ao meu «rancor.

«E tu podias salvar-me, Augusta! Se me désses ani- «mo para esperar o allivio do tempo, se me désses uma «só palavra de esperança, se me mandasses ajoelhar dian- «te da sepultura de nosso filho, pedindo áquelle anjinho «que me trouxesse do céo a paz do coração, e a conscien- «cia dos meus deveres... oh! Augusta, é impossivel que «os teus olhos não vertam lagrimas! Chora-as, que não «são vergonhosas!... Ha dôres tão nobres, que sentil-as é «chamar ao coração todos os incentivos da piedade. Con- «verte em meu favor esse sentimento que o céo te envia! «Diz-me que me perdoas. Diz-me que eu posso ainda vêr- «te uma vez n'este mundo. Promette-me o teu amor no «céo, embora d'aqui até á morte nos seja forçoso tel-o «escondido no coração como um crime.

«Creio que te ouvi, filha. Vejo moverem-se teus la- «bios, cobertos de lagrimas... Perdoaste-me... Deus te «abençoe, anjo! Consentes que eu te veja... Vêr-te-hei, «Augusta, e não me trahirei aos olhos do mundo. Nin- «guem saberá que te vi. A tua virtude não terá uma som- «bra. Hei de esconder-me aos teus proprios olhos, em-

«quanto me não disseres—estás purificado pelo muito «que soffreste, infeliz!—Adeus.»

O poeta leu, dobrou vagarosamente a carta, e entregou-a á baroneza.

—Que diz?!—murmurou ella.

—Que hei de eu dizer-lhe, senhora baroneza! É uma carta de Guilherme do Amaral. E que diz vossa excellencia?

—Eu!... receio muito que elle venha a Lisboa.

—Por quem receia?

—Por mim... que não posso ser mais infeliz do que estou sendo... Que trances, Senhor! Se Deus me levasse d'este mundo!...

—Seria esse um acto da sua infinita bondade.

—Aconselhe-me... diga-me o que hei de fazer...

—Ame-o.

—Meu Deus, que palavra! Falle-me com sinceridade!

—E vossa excellencia fez-me com sinceridade a sua pergunta?

—Duvida?

—Se quer que a acredite, senhora baroneza, ha de dar-me uma sincera denuncia do seu coração.

—Que vai perguntar-me?

—Essa carta e as outras que impressão lhe fazem?

—Não sei o que sinto... é uma dôr immensa... fujo de mim propria... peço a Deus muitas vezes a morte... não sei como é que póde viver-se com o coração despedaçado...

—Vossa excellencia perdoou a Guilherme do Amaral?

—Perdoei...

A baroneza rompeu em lagrimas e soluços que lhe embargavam a voz. Tomou a mão do poeta, e apertou-a com febril transporte. Por pouco lhe não encosta ao seio a face incendiada, como se precisasse escondel-a do olhar em apparencia austero, mas profundamente compassivo, de seu amigo.

—Devia perdoar...—disse elle com brandura—Eu já tinha dito a Amaral que vossa excellencia lhe perdoaria; mas o perdão da mulher que se amou, é como o perdão de Deus: perdoar é amar, vossa excellencia ama-o.

—Se o amo?!

—Não pergunto, senhora baroneza; digo-lhe que o ama, e, quando me pediu o meu parecer, disse-lhe que o amasse. Vossa excellencia quiz admirar-se do conselho. Que outro conselho poderia eu dar-lhe? Um inepto dir-lhe-ia—não o ame—persuadido da docilidade de quem pergunta *se deve amar quem ama.* Não estão aqui duas creanças. De mim, senhora baroneza, não ha aviso a esperar. Consinta que eu allegue não os serviços que lhe fiz, mas os que tentei fazer-lhe. Quiz distrahir Guilherme, contando com a sua natural volubilidade. Instiguei-o a empenhar-se nos amores de salão, para que a vaidade, ou o amor (não discuto qual dos sentimentos era), o não volvessem a inquietal-a, minha senhora. Nada consegui... Li-lhe agora nos olhos, senhora baroneza, o prazer que lhe dei... Folgo muito com isso...

—O prazer!...—interrompeu ella—não sei que prazer!...

—O prazer de se mallograrem as minhas intenções... Pois bem... Todos temos o nosso momento de Pilatos, minha boa amiga, o meu é este... lavo as mãos. Sabe qual é

o prazer que eu sinto agora? É poder dizer-lhe que devo ter muita probidade, no conceito de Guilherme, porque se escondeu de mim para escrever-lhe, minha senhora. Devo-lhe a elle essa grande fineza; e a vossa excellencia vou eu pedir outra de igual valia: imagine-me desde hoje um homem estranho ás suas affeições passadas, e ás presentes.

—Pelo amor de Deus, não me diga tal! Eu nada fiz que me avilte—bradou a baroneza, erguendo as mãos supplicantes.

—Para provar-lhe, minha senhora, que estou bem longe de consideral-a aviltada, prophetiso-lhe que o seu amor, nunca extincto a Guilherme, dará muitos espinhos á sua corôa, sem lhe tirar as flôres. Ora o que eu não quero é vêr gottejar o sangue das feridas. O seu amor só póde ser sopeado nas algemas que vossa excellencia lhe lançar; e a minha amiga lança-lh'as: isso vou eu jural-o, ainda quando me disserem que a baroneza d'Amares succumbiu. É preciso não a estimar para assistir impassivel aos supplicios que vossa excellencia vai dar-se.

O barão d'Amares tossira na ante-camara. Augusta enxugára os olhos, e escondera as cartas. O poeta fôra abrir a porta, que o pobre barão, sempre o antigo Francisco, respeitador e timido, não ousaria abrir. Deram ambos um apertado abraço, e entraram em palestra de vulgaridades, cuja chronica o leitor terá a bondade de me dispensar.

## XVI

A presença do barão era penosa para Augusta, que não podia esconder a inquietação do espirito. O bom homem, cuja simplicidade terá feito rir mais d'um marido menos feliz que elle, conheceu que era alli de mais, e apenas se lhe deparou pretexto, disse ao poeta:

—Minha mulher não me dá parte dos seus desgostos... Veja o senhor se a tira d'este quarto para fóra. Eu já lhe disse que, se a incommódo, não torno aqui...

—Francisco—atalhou a baroneza—eu dei-te causa para me dizeres tal?

—Não déste... mas a tua boa alma... esconde-se de mim... Emfim, Augusta, eu direi ao nosso amigo o que sou capaz de fazer para teu bem...

—Dil-o ahi já, meu primo...—tornou ella com vehemencia—Que é que tu farás em meu bem mais do que tens feito?!

—Isso não é para aqui... nós fallaremos...

—Ha de ser já... não te deixo sahir sem que digas na minha presença o que has de dizer a este senhor. Não vá elle suppôr que a tua companhia me é penosa, ou que eu tenho dado mostras de ser menos tua amiga.

—Eu não posso fazer uma tão injuriosa supposição... —occorreu o poeta—Pude salvar da corrupção uma faculdade da alma por onde recebo as impressões boas... sem ella ser-me-ia impossivel entender o nobre caracter do

senhor barão. N'estes tempos desconhece-se a virtude se ella nos vem ao encontro; e se teimam em asseverar-nos que effectivamente é a virtude, nós, miseraveis logrados e logradores da sociedade illuminada, queremos á força que seja uma mascara. A senhora baroneza pertence á época em que vive: deve-o mais á perspicacia de seu espirito adivinhador, que á experiencia. Seu marido conserva as virtudes antigas, não trajou o coração de vestidos novos passando a uma nova sociedade, é o mesmo homem que trazia do seu tear, em cada sabbado, a subsistencia da mulher que lhe não promettia algum futuro. A outro homem, com o seu passado e o seu presente, senhor barão, não ousaria eu, sentado n'esta cadeira de molas estofadas... lembrar-lhe o antigo tear...

—Que me importa a mim tudo isto...—interrompeu o barão, que tivera os olhos pasmados no poeta, como quem entendera uma outra ideia—O que eu queria era a felicidade de minha prima, se esta riqueza e tudo o mais que ella desejasse a podesse fazer feliz... Vejo que não...

—Eu sou feliz, Francisco...—balbuciou ella, tomando-lhe carinhosamente a mão—Tantas vezes te digo que as minhas lagrimas são uma doença, incuravel... sem causa, sem alguma significação que deva desgostar-te... Ora diz-me, filho, que querias tu dizer ha pouco?...

—Pois queres ouvir-me?

—Diz... seja o que fôr.

—Eu já disse a este senhor e não me envergonho de tornar a dizer, que não sou o homem que na verdade te convinha, Augusta... Não me sei explicar; mas... bem entendem o meu pensamento... Tu precisavas de ter com quem fallar n'essas coisas que dependem do estudo e da

habilidade. Eu nasci grosseiro, o meu modo de vida bem sabem qual foi, e ninguem é o que quer ser. Tenho-te muito amor, sou capaz de dar a vida pela tua felicidade, e não sirvo para mais nada; mas este pouco que posso.... a vida, palavra de homem honrado, assim Deus m'a levasse, que eu, sabendo que tu ficas no mundo contente, não levo saudades de nada...

—Oh Francisco!... meu querido Francisco!—exclamou a baroneza, abraçando-o com ardor—Pois eu dou-te o desejo de morrer?... Perdoa-me se te hei feito involuntariamente soffrer tanto...

—Sendo o que sou, Augusta..., sendo teu verdadeiro amigo, poderia não vêr que choras? E... demais a mais... eu hei de sempre ter na memoria as tuas palavras, quando me disseste que serias minha mulher... *Quando me vires chorar, Francisco, lembra-te sempre que és meu primo, e não meu marido.* E eu respondi-te: *Oxalá que nunca chores; mas se eu fôr a causa... ensina-me a ser merecedor do teu coração...*

—Tens sido sempre, sempre!—atalhou Augusta com alvoroço—Eu seria mais que infame se me queixasse de ti... A unica pessoa do mundo, á qual mostro minha alma, está presente... Ella que diga se uma só palavra tenho proferido descontente de ti.

—Não creio que vossa excellencia invoque o meu testemunho...—disse o poeta—O senhor barão não póde ser o que é, e duvidar de sua virtude.

—De certo...—atalhou o barão escondendo no lenço as lagrimas—Eu até creio que minha prima é capaz de morrer sem dar um gemido, quanto mais queixar-se! E é isso o que eu não quero, e o que peço a Deus que não

aconteça. Deixa-me agora fallar, Augusta... Não é necessario ser sabio para conhecer o teu coração... és uma sancta. Ha tres annos que te vejo quasi sempre entregue á religião. Tenho louvado as tuas boas obras: tenho ido eu mesmo levar as tuas esmolas, e indagar onde ha fome para teres o prazer de a matar. Até me sinto outro quando vou cumprir estas ordens tuas. Fallo com os desgraçados, e tenho palavras de consolação que me vem á ideia, como se, no serviço da caridade, todos tivessem o dom de fallar bem. Eu imagino que a tua alma degostosa do que é isto, esta triste vida que vivemos, foge para as coisas da religião, deseja entender-se com Deus. As tuas devoções augmentam cada vez mais... já me disseste que te procurasse um padre intelligente e virtuoso... Olha, Augusta, eu parece-me que adivinho a tua vontade... Se podesses deixar-me sem escandalo, entrarias n'um convento...

—Sim!—murmurou a baroneza entre soluços.

—Pois então, Augusta, é chegada a occasião de eu ser teu primo... Entra n'um convento... e o escandalo não o temas... eu mostrarei ao publico...

O barão ficou suspenso quando a ultima palavra sahiu tremula como um gemido.

Era triste a scena.

O honrado homem encostou-se ao toucador, convulso, banhado de lagrimas, inventando disfarces que mais patenteavam a sua angustia. A baroneza correu a abrir uma janella, como se temesse a asphyxia dos soluços. O amigo d'estes dois infelizes, inerte diante da solemnidade do conflicto, vin que era infructuoso o balsamo das palavras, quando as chagas sangram tão vivas.

O barão sahiu subitamente.

—Siga-o, siga-o!—disse Augusta supplicantemente ao poeta.

—Que serve seguil-o?!

—Vá dizer-lhe que eu de modo nenhum quero deixar a companhia d'elle. Eu fui uma imprudente em annuir... oh!... uma ingrata, não fui?

—Não foi ingrata, foi demasiadamente sincera... A sua annuencia é uma grande virtude para mim; porém para seu marido é um desengano. Vossa excellencia quer o convento como refugio á perseguição de Guilherme, cujo poder teme...

—Não temo...

—Ha pouco... sinceridade, agora esforço para illudir-se... Eu é que não me illudo. Vossa excellencia teme Guilherme, e julga impenetraveis as paredes d'um convento... É ainda uma segunda illusão. Não ha portas que se fechem á desgraça, e o fugir-lhe é menos merecimento do que esperal-a. Ora seu marido ignora felizmente a peleja travada na sua alma, senhora baroneza... Sabendo-a... seria terrivel punhalada a ideia de que sua mulher, incapaz de ser boa a seu lado, foge para onde imagina que a virtude está mais segura!...

—Oh senhor!...—atalhou ella com impetuosa energia—não me julgue assim! Eu posso temer... posso querer fugir-lhe—posso até amar esse homem, unico, sim... que amei... e com tudo, estalar de paixão, morrer de saudade... sem me deshonrar, sem deshonrar meu marido, sem violar os meus deveres.

—Pois quem sente o animo, que dá a virtude, é martyr; e quasi sempre a mão de Deus traz o soccorro,

quando a virtude infeliz se julga inteiramente desamparada. Não deixe seu marido, senhora baroneza...

—Não... nunca!...

—Não pense mais em convento, nem imagine extremos de perseguição que não existem... Tem vossa excellencia seis cartas de Guilherme do Amaral. Deseja vêl-o?

—De modo nenhum...

—Pois elle de certo não entrará em sua casa para vêl-a; e, quando entrasse, é pueril dizer-lhe que uma mulher com dignidade n'um só lance d'olhos desarma os mais atrevidos projectos d'um homem.

—Pois elle ousaria...

—Não sei o que elle ousaria. Eu receio a vaidade ferida de todo o homem, e, se esse tal é Guilherme, ha só um remedio para cural-a... são os escandalos nas salas bem notorios, são as scenas dos romances mais extravagantes, são os chamados brios com que se baptisam os heroismos da libertinagem. Não faça caso d'estes meus ares pedantes... Sou homem como elles, e assim é preciso que eu seja para que vossa excellencia não seja mulher como ellas...

—Eu não careço de conselhos...—interrompeu a baroneza com desagrado.

—É justamente o que vossa excellencia me devia ter dito; e agora que m'o diz, tomarei a liberdade de asseverar-lhe que nunca vossa excellencia precisou tanto d'elles... O seu ar de agastamento não me dóe, senhora baroneza. Antes quero vêl-a assim para conhecel-a bem. Prova de que me não fere, é eu fazer jus a novas manifestações do seu desgosto... vossa excellencia viu as lagrimas de seu marido? Viu... pois, minha senhora, as

verdadeiras lagrimas são aquellas. Ouviu com que simplicidade as palavras lhe sahiam? Pois são aquellas as palavras que vem do coração, e para lá tornam, e lá vivem eternamente, ainda que a perfidia as recompense... Ora quer agora saber o que são as cartas de Guilherme do Amaral? São as cartas como as que eu tenho escripto cem vezes nos meus romances.

—É impossivel!—atalhou com azedume a baroneza.

—Oh! pois o seu orgulho offende-se!...—disse o litterato, sorrindo—Agora me lembra uma ideia de um romance que ambos ouvimos no Candal, lido por Guilherme, e era esta a ideia: *o orgulho é o veneno da virtude... sem este veneno, fertil nas mulheres, as paixões dos homens seriam incuraveis.* Vossa excellencia pediu então que lhe explicassem este paradoxo... Veja se a prática lh'o decifra, e se póde fazer-se d'elle uma sentença...

A baroneza d'Amares, cheia de magestade, com os olhos brilhantes de enthusiasmo e quasi enthusiasmo terrivel, pegou da mão do poeta, sacudiu-lh'a com força, e exclamou:

—Juro-lhe que sou amada por Guilherme do Amaral; juro-lhe que o amo; e juro-lhe, por quantas lagrimas virtuosas se tem vertido n'este mundo, que serei sempre digna do marido que tenho.

O timbre sonoro da voz, a attitude natural do gesto, e sobre tudo a luciidez do olhar, fizeram no poeta um effeito electrico. Bastaram essas palavras para que elle tomando a mão d'Augusta, balbuciasse:

—O seu juramento não me surprende. Eu sabia que tinha de pedir-lhe perdão da minha severidade fraternal...

E beijou-lhe a mão.

# XVII

Será impertinencia alongar a narrativa dos dialogos entre a baroneza e o poeta por espaço de sete dias. Raras horas deixaram de estar juntos, e rarissimos intervallos o barão se introduzia n'essas práticas, devéras angustiosas para todos.

Guilherme do Amaral era esperado. O jornalista queria despersuadir Augusta de terrores que a phantasia lhe agourava; mas a elle mesmo faltava-lhe no persuadir a eloquencia da convicção.

A baroneza imaginava Guilherme um homem em delirio, uma cabeça perdida, um coração capaz de todas as violencias ao dever, á prudencia, e á dignidade d'ella. Suppunha que essa demencia era, até certo ponto, nobre, por ser filha do amor despresado, do orgulho ferido, e da impossibilidade do triumpho. Isto pensava-o ella; mas não ousava revelal-o ao poeta, que tentára persuadil-a da impostura das cartas.

As mulheres soffrem muito prevendo conflictos, escandalos, duellos, suicidios por causa da sua virtuosa isempção, ou do seu galanteio logrativo; soffrem porém muito mais, se depois de se elevarem a uma situação de virtude ou ardil inaccessivel á aggressão, vêem o aggressor retirar pacificamente, desdenhando-lhe a gloria, e assestando as baterias contra outras fortalezas menos teimosas. Se isto é axioma, como eu creio intimamente que é, [illegible]

reduzir-se com mais clareza e necessaria applicação. A baroneza d'Amares soffreria mais se o poeta chegasse a persuadil-a de que Amaral soffria menos. As pessoas innocentes, ou as incapazes de se entenderem, não tomem isto como desconcerto da natureza. Foi d'esta arte amassado, organisado, insufflado, e animado o pedaço de barro damasceno de que o homem foi feito, e por consequencia o pedaço de costado d'onde sahiu a mulher. E porque na vida da baroneza ha lances pouco vulgares de virtude, não me pensem que ella perdeu a essencia humana para regenerar-se de attributos exclusivos das predestinadas do Florilegio, e das dos romances, que se fazem o innocente cargo de crear monstros de virtude.

Não, minhas senhoras, Augusta é mulher, e tudo que fez, que faz, e que fizer é o que mulheres podem fazer. Peço-lhes por grande mercê, que me chamem tôlo em carta fechada, se eu, declinando do trilho recto das paixões sublunares, fizer da minha Augusta o que os padres mestres confessores, e o espirito evangelico da associação consoladora dos afflictos, e muitos outros estimulos de sanctidade não tem podido fazer d'outras que entraram na vida por uma avenida menos seductora e perigosa que a baroneza d'Amares.

E aqui seja-me permittido uma curta divagação, que virá evidenciar a felicidade com que eu tenho copiado da natureza a minha heroina, desde o casebre da rua dos Armenios até ao palacete da rua do Alecrim.

Não sei quantas, mas todas as donas, donzellas, damas, e matronas que eu consultei a respeito de Augusta, n'aquelle singular procedimento de sahir do Candal, pobremente vestida como entrára para a rua dos Armenios,

onde não tinha um bocado de pão e um pucaro d'agua, todas me disseram «que em paridade de circumstancias fariam o mesmo» e accrescentaram «posto que é um feito nunca feito, nem factivel por mulher de baixa condição.» Não questiono a segunda parte da resposta, porque não sei o que é baixa condição; e, se um dia venho a saber o que é, parece-me que terei de apear para a baixa muita farragem illustre que me habituei a respeitar na alta condição... Melhor é que vivamos todos com as nossas illusões.

O què me importa saber é se o feito de Augusta é exequivel. Responde-se-me que não só é, mas até não póde imaginar-se um desfecho mais natural. Muito bem. Eu tinha grande susto de não ser crido, com quanto o acto fosse um facto, em que eu juraria por coisa mais importante que a palavra de romancista.

Casou Augusta com o primo Francisco... Ah! esquecia-me dizer que todos á carga cerrada duvidaram do achado dos valores de cento e cincoenta contos de reis. Em arithmetica quasi toda esta gente é pechosa. Crêem todos os paralogismos psycologicos, assentem a todos os absurdos; mas, se se tracta de cifras e cifrões, isso discute-se, averigua-se, esmerilha-se e rejeita-se, se o quebrado d'uma unidade lhe falhar na prova. Nada, não querem que João Antunes da Motta, por alcunha o *Kágado*, morrendo na ponte em 1809, deixasse na rua dos Armenios o cabedal que appareceu em 1845. Fiquem no que lhes parecer.

Casou Augusta com o primo Francisco, dizia eu. Perguntei se era possivel, crivel e acceitavel tal casamento. Que sim, foi a resposta quasi unanime de todas as [redacted]

do sexo unico, para mim, com voto deliberativo n'esta materia, depois da Curia romana, que decide primeiro entre casamentos de primos. Colhi só dois votos dissidentes. Uma senhora achava natural que a costureira morresse de paixão no desamparo. Outra queria que ella tivesse amado o poeta em logar do primo. Á primeira respondo que se a morte fosse a consequencia natural do desamparo, sua excellencia iria duas vezes por semana consolar o nojo de duas familias... A segunda... não sei o que lhe diga. O poeta que lhe agradeça, se esta lisonjeira noticia o visitar na America, ou onde quer que pára, se é que do novo mundo não passou para o mais velho de todos, que deve ser inquestionavelmente o que deu campo ás famosas batalhas de Deus com Lucifer.

Até aqui, pois, graças á fidelidade com que vou trasladando da memoria as scenas d'este entrecho, Augusta é mulher cujas virtudes não maravilham. É assim que eu a queria. Raras leitoras deixariam de ser o que ella é, em posição similhante: prova de que os pessimistas contemporaneos injuriam a virtude que não conhecem. Estou contente de... crear não, copiar do original um quadro onde a primeira figura é uma mulher virtuosa, cujas attitudes—deixem passar o gallicismo e a impropriedade—cujas attitudes moraes são a cópia de muitos originaes possiveis.

A situação melindrosissima começa agora. Já tive quem se compadecesse de Guilherme do Amaral, depois d'aquella plangente carta que vem a pag. 145. Esta compaixão, se dura, póde a baroneza contar com a absolvição, caso lhe resvale um pé na ladeira pedregosa da virtude.

Pobre Francisco! Ninguem faz caso de ti! É terrivel coisa ser marido! George Dandin é sempre remettido para o fundo do quadro, á espera d'um ôlho piedoso que o descortine nas sombras... Pois eu sympathisei comtigo, meu honrado homem, e quizera ser o que tu és, se me déssem a optar entre a importancia sentenciosa do litterato, a magnificencia leonina de Amaral, e a resignação humilde com que expias a culpa do teu cego amor, nobre filho do povo!

Havia um meio de fazer que avultasses na tua posição de marido tragico. Era metter-te a deshoras no quarto de tua mulher, fechar-te a porta, cruzar-te os braços sobre o peito, pôr-te na bôca duas duzias de gritos, outros tantos *ohs!* rugidores, esgazear-te os olhos, encher-te as bochechas de caretas, e fazer ir de rojo a teus pés a mulher, que tu afastarias com a ponta do pé, e ella iria, aqui cáe, acolá se levanta, tombar n'um sophá, soltando um *ah!* agudissimo.

Assim é que se escreve o romance, que deve fazer escala pela mão do caixeiro, antes de entrar no lote da mercearia. Assim é que os maridos mordiscados na sua inviolabilidade querem vêr punidas as peccadoras por pensamento, para que as obras não venham com pés de lã abusar da falta de palavras.

Passas tu, pois, por tolo, meu caro barão. Os teus collegas dizem-te *raca,* e cuidam que tu ministras mais uma correia para as disciplinas da chacota!... Tua mulher é um anjo: se ella te não salva dos risos com que os patuscos preparem uma ovação á tua derrota, indigna era ella de ti, e da chronica em que eu com tanto esmero quiz fazel-a invejavel na desgraça.

Mas era mulher, e d'isto quero eu que todos se convençam.

Não se lhe podia dizer que a imaginação, coadjuvada pela arte de compor, pôde crear e pintar em papel febres de espirito muito mais afogueadas que a de Guilherme, nas seis lamuriantes cartas.

Querer-se-ia que a baroneza violentasse a razão a acreditar o que o coração rejeitava. Não querendo ouvil-o, nem recebel-o, nem amal-o, nem deshonrar-se, parece natural que a certeza de serem taes cartas mentirosas devia pacifical-a, consolando-a.

O natural é o contrario d'isso, é o que ella sentia, é aquelle seu desagrado do poeta, quando elle de proposito lhe passou pelo coração um ferro em braza.

Uma vez disse-lhe elle:

—Vossa excellencia desejava que Amaral casasse hoje?

Houve um longo silencio. O poeta repetiu a inconveniente pergunta, e ella respondeu com rude seriedade:

—Seja delicado.

—Pois fui grosseiro?!—redarguiu.

—O senhor cortou-me os vôos da franqueza. Já não posso responder-lhe com lealdade, sem vergonha. Tenho-lhe ouvido coisas que me fizeram perder uma firmeza de caracter que eu pensei não perderia jámais.

Este incidente foi divertido para outro assumpto.

Comprehende-se que a baroneza não queria vêr casado Guilherme.

Acham que pensar assim é pensar á beira d'um precipicio, e adormecer... e cahir?

Não é, não. O coração faz milagres, e, se não faz mi-

lagres, concebe desejos prodigiosamente extravagantes. Ha trinta annos, querem que se lhes diga o desejo d'Augusta como se realisava? Ella entraria n'um mosteiro, e elle n'outro. Ella morreria na graça de Deus, e na esperança de ir, através da sepultura, possuil-o na bemaventurança. Elle... eu sei cá o que elle faria!...

Hoje parece-lhes anachronismo um tal desejo? A mim não. A sublime ancia, filha da agonia, é de todos os tempos. Muita gente dilue a sua dôr nas lagrimas, e volta d'olhos enxutos para o mundo, onde ha panaceas para todas as dôres futeis, pueris e desentranhadas do coração. Almas de eleição, porém, não se encontram comnosco ao balcão da mesma pharmacia. Perdem-se de nós, nós perdemol-as de vista e de entendimento, vêmol-as no despojo que deixam no cadaver, que é o menos que lhe custou o desapego da vida, e não sabemos dizer nada do que foram, nem do que são.

Com isto não lhes quero dar a beijar a fimbria do vestido da beata Augusta, beatificada por duas ou tres virtudes não communs, embora digam que ella faz o seu dever, e mais nada.

Outra vez disse a baroneza ao litterato:

—Se Deus me fizesse um milagre...

—Qual, minha senhora?

—Infundir no coração de Guilherme um amor de irmão.

—Deus póde... E que faria vossa excellencia d'esse irmão?

—Dal-o-ia a meu marido como seu tambem.

—Candidas phantasias!

—É impossivel, não é?

—O milagre é possivel; mas não ha noticia do primeiro. Eu acho menos complicada a resurreição d'um morto. Sabe quando podem contrahir esse parentesco? Em 1880. Cada um terá os seus cincoenta e tantos annos...

—Eu não estava a gracejar...—interrompeu Augusta com despeito.

—Cuidei que sim...—disse o poeta com ar prazenteiro; e, mudando de rosto instantaneamente para o grave, continuou:—Vossa excellencia ha de escolher entre o amor desgraçado e o amor satisfeito. O puro é o desgraçado, o feliz é o criminoso.

—A minha escolha está feita—respondeu ella.

N'este instante abriu-se a porta da sala onde este dialogo se entretinha.

Era o barão, livido, pasmado, idiota, um semblante indescriptivel!

—Que tens, Francisco!?—exclamou a baroneza.

—Preciso fallar com este senhor...—disse elle, sentando-se, offegante, com o suor a lavar-lhe a testa.

A baroneza sahiu, pallida e assustada; mas, sem querer, ouviu estas palavras de seu marido:

—Acabo de encontrar Guilherme do Amaral.

O poeta não respondera. O barão tornou:

—Que me diz o senhor?!

Augusta abrira a porta, e respondera á pergunta:

—Eu é que devo responder-te, Francisco. Guilherme do Amaral póde estar onde quizer. Se a presença d'elle te perturba tanto, não tens em mim confiança alguma...

Fechára outra vez a porta, e ouvira apenas o som da voz de seu marido.

# XVIII

Não se enganou o barão d'Amares: Guilherme do Amaral estava em Lisboa.

Na primeira noite de theatro, que foi a do segundo dia da sua chegada, Amaral entrou em S. Carlos, e soube do camaroteiro que o barão d'Amares era assignante de camarote, mas havia dois mezes que não vinha ao theatro.

O litterato viu-o entrar na plateia, e sahir depois de passear o binoculo por todos os camarotes com ar de desdenhosa distracção. As posturas refinadamente bizarras, que elle se déra n'este exame, foram causa de reparo, e, se se demora, provocaria o riso. Alguns dos seus antigos conhecidos de Lisboa reconheceram-no pela pinta das posturas soberanas, e lembraram-se do antigo sceptico.

O poeta queria evitar Guilherme: não estava ainda preparado para o primeiro encontro. A situação era melindrosa para ambos, e mais ainda para o litterato, que não podia pedir explicações da mentira de Amaral, sem dal-as tambem elle da sua vinda a Lisboa.

N'um intervallo, o poeta sahiu da plateia e foi rodeado de litteratos que lhe annunciavam a apparição do seu extraordinario amigo. Achava-se n'esse circulo um cavalheiro do Minho que fazia a Guilherme desagradaveis ausencias, tendo em conta de nada a presença do amigo. Os ouvintes reconhecidos ao orador que os entretinha com a maledicencia, riam-se. O orador, enthusiasmado pe-

los applausos, entrou na vida mais intima do provinciano, e proferiu o nome de Augusta, antiga costureira, e actual titular de grandes cabedaes e virtudes baratas. O jornalista soffreára a paciencia emquanto o nome d'essa mulher não viera estimular a curiosidade dos farejadores de escandalos; depois, não: aproveitando o silencio d'um intervallo, disse com a tranquilla firmeza de quem obedece mais á honra do que á bravura:

—Para acreditarmos o que esse senhor tem dito, importava que a infamia désse authoridade.

O cavalheiro minhoto moveu-se do seu posto para prender com as mãos a lingua do insolente; porém, querendo Deus que onde estão seis homens sejam ordeiros cinco, o aggressor foi sustido, e o poeta não chegou a tirar as mãos do gremio pacifico das algibeiras.

Mas o caso não podia ficar assim.

O poeta, na manhã do dia seguinte, era visitado por commissarios diplomaticos de desafio, nomeava padrinhos, acceitava o duello á pistola, e pedia, a respeito da causa, a uns e outros, grande segredo.

Vinha tarde o pedido.

A noticia chegára aos ouvidos de Guilherme do Amaral, visitado no seu hotel por um dos que mais rira na roda, e mais jubilo mostrára de encontrar o seu amigo velho.

Grande devia ser o pasmo de Amaral, quando ouviu proferir o nome do poeta! Duvidou, fez pergunta sobre pergunta, e, certo de que o seu visitador se não enganára, encarregou-o de saber o local e a hora em que deviam bater-se. Tudo soube.

Chegaram quatro seges ao campo «da honra.» Apea-

ram os luctadores, e os padrinhos. Carregavam-se as pistolas, escolhia-se o terreno mais adequado onde um ou ambos cahissem, abençoando a morte que deixa um nome puro, mas menos duradouro que a meia-onça de chumbo que os remette ao cemiterio.

Uma quinta e sexta sege inesperadas, e de mais naquelle acto solemne, corriam a galope. Cessaram os preparatorios, e esconderam-se as armas, suspeitando-se uma emboscada de algum severo representante do codigo penal.

Pararam as seges, e apearam tres cavalheiros. Dois eram pessoas muito conhecidas nos duellos o no parlamento. O terceiro era Guilherme do Amaral.

Foi a quéda d'um raio! O povo tem uma figura muito expressiva para estes espantos: parece que viram o lobo! Não pasmára menos que os outros o jornalista, a quem Amaral estendeu a mão, dizendo:

—Muito obrigado, meu amigo... O homem vivo responde por si; o morto insultado é que precisa amigos com a tua honra.

E voltando-se para o cavalheiro minhoto:

—Encarregue os seus padrinhos de se entenderem com os meus. O meu amigo, com as suas testemunhas, não tem que fazer aqui. Deve retirar-se.

Ouviram-se de parte a parte votos de reconciliação. Os padrinhos de Guilherme não acceitavam nem rejeitavam. Amaral, accendendo um charuto com as costas voltadas para o adversario, disse:

—Espero que o senhor * * * me não obrigue a tocar-lhe com a ponta da bota, para lhe desafiar os brios.

—Não é necessario—balbuciou o cavalheiro corrido—a sua bota não me chega.

O poeta metteu embargos, allegando que o desafiado fôra elle. Não tiveram provimento.

Appellou novamente, dizendo que não prescindia de bater-se depois de Amaral. Era confiar muito na benevolencia das balas, mandadas pelo dedo de Guilherme, que se batera quinze vezes durante as suas viagens, não perdendo um tiro.

Removidas todas as difficuldades, postaram-se a vinte passos. Atiraram ao mesmo tempo, e de face. A bala do cavalheiro portuense zumbiu no ouvido esquerdo de Amaral; a d'este suppunha-se tambem perdida, quando o cavalheiro dos ditos chistosos franziu a testa, descórou, pendeu um braço desconjunctado, apalpando-o com a mão de ouro.

Foi chamada a sege do ferido, que perdia muito sangue. Os outros, tristes e taciturnos, abandonaram o campo.

O poeta foi d'ahi á residencia de Amaral. Chegaram ao mesmo tempo.

—Que historia é esta da tua vinda a Lisboa?—perguntou Guilherme sem enfado.

—É mais simples do que a tua.

—Pois sim; mas não façamos accusações de parte a parte.

—Dizes bem. Quem nos dá o direito de nos accusarmos?

—Póde dal-o a amizade; mas... se sabes, como creio que sabes tudo, crê que não pude, nem posso esquecer Augusta. Respeita esta minha paixão que é verdadeira e imprudente.

—Respeito.

—A maior prova de deferencia, que eu podia prestar aos teus sentimentos, foi esconder-te a minha resolução.

—Já eu disse o mesmo.

—Disseste-lh'o a ella?

—Sim.

—Pois bem: eu estimo que ella veja em ti sempre um amigo digno seu, um meu digno amigo que lhe fiz conhecer; mas não entres na avaliação dos meus actos... Defende-a de mim, quanto poderes, que eu nunca te julgarei meu inimigo.

—Não defendo ninguem.

—Defendes... defendes a honra das pessoas que estimas, ainda que ellas t'o não mereçam: a prova déste-a hoje. Quero que ella te não culpe uma só vez. Adivinho que te chamou para lhe dares animo no sacrificio. Dá-lh'o, que eu por mim não preciso ser auxiliado. Não é lucta de capricho, é lucta onde se morre, e se não vence. Preciso do amor de Augusta. Se me não amar, mato-me... entendes? Tive, ha pouco, um instante de alegria, quando vi a bôca d'uma pistola apontada ao peito. Se então morresse, morria bem, morria como é preciso que eu morra, para não tentar miseravelmente contra a minha vida... Dizem que os assassinos são covardes. Custa-me sahir d'este inferno com esta reputação. Já vês, meu amigo, que eu não te peço auxilio ao pé de Augusta, nem sequer a indifferença d'um estranho; seria isso o mesmo que pedir-te a deshonra em meu beneficio. És um homem d'outros tempos, incrivel nos nossos dias. Continúa a sel-o, tolhe-me todas as avenidas, desperta bem n'essa mulher a consciencia dos seus deveres; mas, emquanto a mim, deixa-me sósinho com a desgraça esgotar todos os recursos.

—E se não vences?

—Se não venço, já te disse o meu remate de contas.

—Devo convencer-te de que a baroneza não precisa estimulos para...

—Para despresar-me?

—Não te despresa: ama-te.

—Ama-me?!—exclamou elle com vehemente jubilo.

—Como sempre.

—Enganaste-me ha dois mezes, ou hoje?

—Nunca te enganei: enganei-me. Amou-te sempre, como se ama sem esperança, quando o coração é capaz de encerrar longo tempo a terrivel angustia d'uma esperança negativa. As tuas cartas deram-lhe o que ella não tinha—a persuasão de que a amas... E, comtudo, eu creio que a matas.., mas não a vences; abres-lhe a sepultura, isso sim.., creio-o de todo o meu coração, mas não consegues dar-lhe no crime um momento de paz.

—Deixa-me tentar...

—Tenta...

—Eu hei de fazer aquella mulher feliz... Fujo com ella... Meu amigo, deixa-me dizer-te tudo... as palavras estão a querer fugir-me para o coração... parece que me és um homem suspeito...

—Não me digas nada... Quero ignorar tudo... Pela minha honra te juro, que sou desde este instante indifferente aos teus projectos. Realisa-os como quizeres... não hei de tolher-te um só. Que me importa o teu destino ou o d'ella? Tentei fazer a felicidade de ambos pelo esquecimento. Vejo que não posso; e tudo o que eu fizer d'hoje em diante é uma inconveniencia, uma tolice, um zelo ridiculo..,

—Não... Poderia ser demasiado zelo, menos ridiculo.

—É, creio até que o foi já. É o mesmo.., eu hei de

ir até o fim da vida com a explicação dos meus actos reservada para mim, e o *ridiculo* d'elles para todos. Ámanhã ou depois vou para o Porto. Cá ficas, meu caro Amaral; triumpha, se podéres; mas... ahi vai um conselho... seja o meu ultimo accesso de pedantismo. Quando o teu triumpho dependa d'uma fuga, não faças tal. A baroneza d'Amares já não póde ser para ti o que foi a costureira da rua dos Armenios. Passado o tempo da sofreguidão, has de arrepender-te. Entre o que foi e o que é, está o homem que a tem, o artista de Lordello, aquelle homem de boné e jaqueta, o seu possuidor de seis annos. A imaginação arrefecida far-te-ha vêr na mulher, mais ligada a ti do que nunca pelos vinculos do crime, um corpo polluido, uma alma baixa que, depois de ser tua, deixou cahir o corpo nos braços d'um tal homem. Será horrivel então a tua vida; e a vida d'ella não ha palavra que a prognostique...

—Amando-a eu sempre?

—Que dizes tu, Amaral? o que é *amar sempre!* Queres desfazer o pacto infernal que entra em todas as allianças da vida?! Quem é que amou *sempre!?* Que vens tu dizer-me, depois de esquecel-a seis annos? Não se ama longo tempo a mulher que se esqueceu uma vez. Permittisse ella a satisfação da tua vontade, sem grande sacrificio teu, poderias amal-a emquanto ella ajunta á belleza o prestigio da opulencia; mais tarde esquecel-a-ias... viria um facil obstaculo pretextar um desenlace; porém, se ella é tua, inteiramente tua, dependente de ti, escondendo-se comtigo da ignominia, exigindo tanto maiores caricias tuas, quanto é grande o sacrificio que te faz da sua virtude,

então, meu amigo, desgraçado passo, e perdição para ambos.:.

—Pois não é um amor infinito isto que eu sinto?— atalhou Guilherme, comprimindo a fronte com as mãos, e esperando a resposta da consciencia, e não do amigo.

O poeta, passados instantes, tocou-lhe no hombro.

—Olha...—disse elle—faz todos os esforços por alcançar o que desejas, mas não lhe proponhas a fuga. Augusta é mulher. Poderei ter-me enganado, julgando-a superior ás mulheres... Talvez consigas... E, se não consegues, póde ser que o tempo te inspire uma resolução.

—Já t'a disse.

—A do suicidio? Tu não te suicidas, Amaral. Certos homens não podem encravar a roda da fortuna, quando querem. O porvir não é teu, porque ha em ti a indole extraordinaria dos homens, cujo destino é um mysterio. Dentro d'um anno pódes ser um amante fogoso, um sceptico desesperado, um atheu, um varão apostolico, um avaro, um dissipador. Uma resolução sómente se demora em ti o tempo necessario para que uma outra adquira a força de a desvanecer. A desgraça não te vence, nem a felicidade te deslumbra... Póde ser que ámanhã acordes com um programma de vida nova planisado n'um sonho. A paixão por Augusta—chamemos-lhe paixão, e eu creio bem que é paixão—parecer-te-ha pueril, e as consequencias d'ella funestissimas. Vêr-te-has com ella em Paris, sujeito, prêso, algemado, e a consciencia a dizer-te que é ferocidade quebrar as algemas. Virá, ao lado d'esta imagem, a da tua liberdade, o barato goso do crime barato, a facilidade com que se desfazem ligações em que a honra só entra como palavra de fórma, e não é forçoso ampa-

ral-a com lagrimas, com amargurados remorsos, e com o enojo de todos os dias, o terrivel enojo que faz da honra uma cruz de ferro. Disse tudo o que devia dizer. Por outras palavras, mas com o mesmo intuito, é isto o que tenho dito á baroneza. A minha missão acabou para ambos.

# XIX

É certo que o litterato foi pedir á baroneza d'Amares as suas ordens, e despedir-se.

Ainda ella ignorava o duello, e as consequencias tristes, a respeito da sua reputação.

O ferido, duas vezes infame, desfigurára a causa do desafio, querendo fatuamente desairar o nome d'uma senhora respeitada. A intriga acceitou-lhe de boa vontade a explicação, e gloriou-se de enredar uma pessoa, cuja virtude vexava muitas pessoas.

O barão tudo sabia. Inimigos agiotas, que elle prejudicára, emprestando ao estado quantias que outros lhe *judaisavam* com enorme onzena, seguraram pelos cabellos a vingança. Cartas anonymas, ou avisos hypocritamente benevolos, fizeram-lhe saber que, por causa de sua mulher, se matavam homens cara a cara.

Soube-o, e calou-se. Encontrou o amigo de Amaral em sua casa, e esperou que este, em presença da baroneza, dissesse o seguinte:

—A estas horas em Lisboa falla-se d'um desafio. A calumnia já tomou a seu cargo explical-o. Sendo natural que a sua voz aqui chegue, anticipo-me a ser verdadeiro, e, para sel-o, esqueço algumas conveniencias que conviria respeitar n'outra occasião.

«A historia é curta. Ao pé de mim fallou-se antes de hontem em desfavor d'um homem que foi e é meu amigo.

A injuria parecia ser-me feita, porque era eu alli havido como intimo amigo d'esse homem. Insultei o detractor, e fui hontem desafiado. Antes de nos batermos, é Guilherme do Amaral que apparece reclamando os direitos que eu lhe usurpava. Feriu o adversario, não o matou, e bom foi que o não matasse; mas teria feito um grande serviço á moral pública mettendo-lhe a bala na lingua. Quaesquer que sejam, devem-se a este homem os commentos torpes que correm, e tarde ou cedo virão visital-o, senhor barão.

Augusta que parecia ouvir tranquillamente o relatorio do poeta, voltou-se risonha para o barão, e disse:

—Não podemos já viver socegados aqui, Francisco... Paciencia. Se queres deixar Lisboa, vamos para a nossa quinta de Amares. Tenho, ha muito, este pensamento, e hoje é um desejo e uma necessidade. Vêr-nos-hemos depois mais vezes, meu amigo. Vossa senhoria vai para o Porto, e nós vamos viver a dez legoas do Porto. Queres, meu primo?

—Faz-se a tua vontade, Augusta; mas eu quero que saibas que me não faz móssa o que se diz. Eu hoje tive uma carta sem nome, e um aviso d'um collega que se faz meu amigo. A carta está aqui, mas não é para se vêr. O que elles quizerem...

—Que diz a carta?—interpellou Augusta.

—Mentiras e patifarias, que, se eu conhecesse o author, tirava-lhe os figados... A carta não se mostra. Ora agora, se queres deixar Lisboa, deixemos; eu tracto de arranjar os meus negocios, e isto em menos de quinze dias está prompto...

—Começa desde já a preparar a nossa sahida—tornou Augusta.

—E então...—disse o poeta—lá nos veremos. Eu retiro ámanhã para o Porto.

—O senhor porque não espera pela gente, e vamos todos?—acudiu o barão.

—Porque devo necessariamente sahir ámanhã.

O barão foi chamado, e sahiu.

—Ha um forte motivo de retirar-se—redarguiu Augusta.—Teve algum desgosto grande?

—Não, minha senhora: por ora são pequenos, porém quero que não passem do que são os desgostos.

—Guilherme tambem vai?

—Não vai. Guilherme vem pedir-lhe perdão, e naturalmente quer ser absolvido...

—Parece-me uma ironia o que diz.

—Uma ironia, minha senhora! Pois vossa excellencia ignora que Amaral a procura para convencel-a d'uma tremenda paixão?!

—E não o despersuadiu?

—Com que argumentos, se vossa excellencia é o peor argumento que eu tenho contra mim?!

—Eu!

—Vossa excellencia, sim, com todo o seu valor, com tantas qualidades boas que elle não pôde esquecer... Sinto-me inclinado a acredital-o; mas a protegel-o não, minha senhora.

—Que é protegel-o?

—A sua innocencia parece-me sobre-posse!... é advogar a causa d'um... mas certissimo de que advogaria a causa de ambos...

—Estranho-o...

—É preoccupação essa sua estranheza, minha senho-

ra. O meu caracter é igual, e inalteravel. Sou o que fui, e serei o que sou. A elle disse-lhe que vossa excellencia o amava...

—Disse!? Jesus, que imprudencia, e que... falsidade!

—Nem uma, nem outra coisa. Imprudencia seria enganal-o. Amaral seria capaz de a vir aqui interrogar, e vossa excellencia poderia repellil-o.

—De certo e antes isso...

—Mas, perdão... Amaral não se repelle assim... As consequencias da repulsa seriam um escandalo tragico... É capaz de suicidar-se na sua presença.

—Oh meu Deus! tomára-me eu longe d'aqui...

—Não lhe foge, senhora baroneza.

—Pois é forçoso que eu não possa evital-o?—exclamou ella com exaltação colerica.

—Quer um parecer, minha amiga? Dou-lh'o, e rejeite-o, se lhe desagradar. Offereça-lhe a amizade de irmã que vossa excellencia queria que o céo lhe inspirasse. D'este modo é possivel entreter as illusões de ambos. Refrigere-lhe o accesso de febre que póde enlouquecel-o. Rogue-lhe com vehemencia, supplique-lhe que lhe não amargure ainda mais o calix que, ha seis annos, lhe deu. Deixe fallar o coração: diga-lhe tudo que sente, porque tudo o que vossa excellencia sente é nobre, e póde ser dito. Consiga compadecel-o, e salvar-se-hão ambos.

—E será bastante?

—É, se a minha amiga entrar n'este melindroso acto, segura de si, e firme no proposito de não recordar o passado, de não queixar-se de ingratidões recebidas, de não responsabilisal-o da sua desgraça. A generosidade do perdão ha de commovel-o; a humildade da supplica ha

de refrear-lhe os impetos do amor proprio; a sanctidade d'ella ha de abalar-lhe o espirito, obrigando-o a respeital-a na sua perigosa posição de senhora casada; em fim, rebatido o orgulho, lisongeado o coração com a offerta da amizade, commovido aos rogos, virá depois a piedade, e por fim o dominio da razão, graças ao arrefecimento dos primeiros ardores. Isto custa, minha amiga: não se executam com animo frio estes planos, e vossa excellencia precisa de reprimir-se antes de reprimil-o. O que a atemorisa não é tanto o arrebatamento de Guilherme como a sua propria perplexidade... vejo-o nas suas lagrimas, e diz-m'o a experiencia: pois tome a cruz, gema, e vergue debaixo do pêso d'ella, soffra uma grande dôr, que é mais supportavel que o vexame d'uma pequena ignominia, quando o crime não secca a fonte das lagrimas, apagando na consciencia a luz dos deveres.

O poeta, com os olhos humidos abraçou Augusta, e, querendo desdar o abraço que ella recebera com transporte, sentiu-se mais estreitamente cingido.

—Não me deixe!...—balbuciou ella abafada de soluços.

—Quero eu deixal-a, por ventura?... não, minha amiga, eu cheguei a estimal-a quanto se póde: e se a minha affeição tocou o extremo do amor do seu descanso e da sua felicidade... jámais se extinguirá. Tenho de ser sempre seu amigo, qualquer que seja a boa ou má fortuna que a siga.

A baroneza, cada vez mais oppressa, sentiu uma agonia que lhe abafava a respiração. Sentou-se quasi desfallecida, e pediu ao poeta que abrisse uma janella do quarto.

Aberta a janella, Augusta correu lá a respirar, encostando-se ao hombro do amigo. Estivera assim alguns instantes, quando, lançando a vista para a faxada posterior das casas fronteiras, viu através d'uma vidraça... Guilherme do Amaral.

Fitou os olhos penetrantes na physionomia ainda suspeita, e o poeta seguiu este movimento.

—É elle!...—murmurou ella; porém, uma chamma subita lhe purpureou a face, e convulsiva encostou-se ao peitoril da janella. Ao rubor succedeu instantanea lividez. O poeta quiz afastal-a d'alli, receando o que já não póde obstar. Augusta, quando quiz retirar-se, já não póde. Correu-lhe da fronte e ao longo da face um suor frio. Amarelleceram-lhe os labios, e cintaram-se-lhe de roixo as palpebras. A não sostel-a o poeta, cahiria.

. . . . . .

Vieram para junto do leito as criadas da baroneza, a qual apenas abrira os olhos perguntára pelo poeta.

Sahira, e sahira para sempre. Até hoje, 7 de janeiro de 1857, nunca mais se viram. Mas a baroneza encontrára na algibeira do seu avental um bilhete de visita, escripto a lapis no reverso. Dizia assim:

«Adeus, minha pobre amiga. Conheço n'este instante que era mais que seu amigo. Jámais perguntarei ao meu coração que sentimento era este. Adeus.»

# XX

O demonio é um amigo serviçal, se sympathisa com os seus camaradas d'este mundo.

Quem não pasma, vendo como se ageita a boa fortuna aos maus desejos de Pedro e Sancho, que espezinham a moral, a honra, a lei e o dever, e vivem folgados e venturosos como se a felicidade lhes fosse galardão de boas qualidades!?

Sem coadjuvação d'um demonio extremoso, Beltrão toparia na estrada do vicio, ao menos, as escarpas que se encontram na virtude. Sem intervenção do anjo das trevas, o philosopho christão não póde conciliar a justiça divina ás consequencias dos actos humanos.

Ha n'isto assumpto para discorrer muito; porém o meu fito é explicar por apadrinhamento diabolico o encontrar Guilherme do Amaral um terceiro andar devoluto á rua parallela á da baroneza de Amares.

Havia duas horas que elle era inquilino do seu terceiro andar, quando viu Augusta encostada ao hombro do poeta. Este encosto, familiar em demazia, irritou-o. Imaginou-se atraiçoado, e deu-se uma prompta explicação do zelo pharisaico e singular do falso amigo. Tambem andava n'isto o demonio. Esta injuriosa suspeita desvaneceu-a o olhar prescrutador de Augusta, e o accidente que se lhe seguiu.

Esperou muito tempo a reapparição do poeta; viu,

porém uma criada fechar a janella, que não mais se abriu.

Á noite, Amaral viu luzes através dos transparentes.

Desenhavam-se sombras movediças no interior luminoso do quarto; e Amaral achava prazer em observar com inutil curiosidade essas sombras informes.

Mais tarde ergueram-se os transparentes, e um vulto de mulher encostou-se a uma vidraça. Esteve ahi immovel alguns minutos. Amaral estava ás escuras; e para que Augusta, se era ella por ventura, soubesse que elle a contemplava, correu subtilmente a vidraça. O vulto porém fugiu ao ruido da janella que se abria. Era de certo a baroneza. Em seguida, cahiu o transparente, e as portadas interiores fecharam-se.

Amaral sahiu. O estomago fizera-lhe sentir que as suas leis não podem impunemente ser abrogados pelos delirios do coração. Do Hotel de Bragança, residencia sua, Guilherme foi oito dias successivos passear na saleta, cuja janella dizia para um saguão do palacete. A janella dos transparentes nunca mais se abriu, nem de dia nem de noite.

Dava que scismar a Guilherme a desapparição do poeta. Buscou-o no theatro, nos cafés, nos passeios, e por fim disfarçadamente colheu de um criado do barão que o litterato sahira de Lisboa. Com esta ultima noticia coincidiu uma carta do enigmatico jornalista, datada no Porto.

Dizia-lhe que, rigoroso comsigo mesmo, e conscio da importancia ridiculamente austera que quizera dar-se, resolvera deixar franco e desempedido o campo ás tentativas do seu amigo. Accrescentava que não queria perder a amizade de Augusta, zelando-a como se zela uma irmã;

que não queria perder a amizade de Guilherme, enfastiando-o com a theoria dos deveres, em cuja prática nem um, nem o outro tinham grande fé, se as paixões dominam.

Amaral ponderou quasi nada as reflexões frias do escriptor publico, e respondeu-lhe com mais frieza e rebuço.

Entretanto a baroneza d'Amares soffria mais do que póde imaginar-se.

O bilhete do litterato, menos mysterioso do que ella o imaginára, traduziu-o ella d'um modo indigno da sinceridade com que elle entrára em todas as suas confidencias.

É certo que o leal amigo desde esse dia ficou valendo menos no seu conceito, e essas quatro linhas imprudentes fizeram-lhe crêr que o poeta, defendendo-a e aconselhando-a contra a perseguição de Amaral, reservava para si uma esperança criminosa que não ousava manifestar-lhe.

Grande calumnia, e bem merecida paga aos que andam por este mundo desmanchando o que se acha bem arranjado no melhor dos mundos possiveis!

O que elle queria dizer no bilhete—se o devemos acreditar, e, se me deveis acreditar a mim, por lh'o ter ouvido—era alguma coisa muito differente de que a baroneza imaginou. O pobre rapaz, alma de poeta e poeta sempre, apesar da acerba experiencia, teimára em querer divinisar sobre a terra alguma coisa. Era amigo d'ella como raros homens seriam amantes; e sentiu que era quanto póde ser-se amigo, quando, collocado entre Amaral e Augusta, entendeu que era impossivel distancial-os, sem figurar desagradavelmente para ambos. Retirou-se, desamparou o posto insustentavel da honra, convencido

de que a baroneza succumbiria sem grande violencia. Era uma illusão ida para o abysmo de todas as outras. As linhas do bilhete, que a baroneza dias depois achou na algibeira do avental, eram a elegia d'essa illusão.

Foi mal julgado o honrado moço, e Augusta não foi com melhor juizo julgada por elle. Vêl-o-hemos.

Estas explicações são impertinentes; mas a mim custava-me muito que se dissesse do jornalista o que um poeta disse d'outro em circumstancias apparentemente analogas:

> ..... *Se arrrojado falla,*
> *Occasiões dará, d'onde se veja*
> *Que não é zelo o seu, mas pura inveja.*

Se o poeta amasse Augusta, seria um homem como quasi todos; mas a consideração, com que vai á immortalidade n'esta chronica, seria um diploma falso.

Amar é desejar a completa ventura da que se ama?

É resguardal-a dos maus ares que possam molestar-lhe a virtude?

É mostrar-lhe as serpentes que se escondem debaixo das moitas floridas?

É arrancal-a á força dos braços d'uma linda chimera, e dal-a aos da realidade, menos dolorosa que o desengano depois da mentira?

Se amar é isto, o poeta amava a baroneza d'Amares. E por isso, se o leitor, depois d'aquelle bilhete, tinha suspenso o seu juizo, rogo-lhe, com a humildade propria de quem préga uma verdade, lhe restitua a grata opinião de que necessariamente, á vista d'este romance, quinhoariam todos os poetas.

Vamos agora fallar de coisas grandes e tremebundas. O cavalheiro minhoto, ferido no desafio com Amaral, achou que a sua honra precisava d'uma qualquer desforra, logo que conseguiu fechar o rombo que a bala lhe fizera no braço.

Planisou esperar Guilherme, e correr-lhe uma estocada. A execução do plano era facil; mas faltava-lhe uma bagatella para executal-o, que era a coragem. Imaginou elle ser possivel a ponta do estoque emperrar n'um botão, no relogio, em qualquer impecilho, que désse ao aggredido tempo de desfechar-lhe uma pistola sobre a cabeça. Esta hypothese modificou-lhe o plano, e fel-o recorrer a outro menos arriscado.

Resolveu comprar assassinos. Encontrou-os chãos e abonados para a empreza. Fez espionar os passos de Amaral, e soube que elle entrava e sahia todas as noites de uma casa, junto ao caes do Sodré.

Uma noite, pois, Guilherme do Amaral, depois de contemplar duas horas as janellas de Augusta, sahiu, meditando um esforço de desesperado para chegar á presença d'ella.

Ao passar debaixo d'um arco escuro, que corta a rua do Alecrim, viu dois vultos. Passou por elles sem reparo, e dera alguns passos quando sentiu uma forte pancada na cabeça, e logo uma dôr aguda como de punhalada nas costas. Perdeu os sentidos e cahiu.

Os sicarios fugiram impunemente, não obstante os gritos de soccorro d'um praticante de pharmacia que presenciára da porta da botica o rapido conflicto. Vieram patrulhas que rodearam o ferido, e, para prenderem alguem, prenderam o primeiro homem que encontraram.

Este homem era o barão d'Amares, que passava para sua casa, e foi levado á botica onde fôra conduzido Guilherme.

Não faltou alli quem conhecesse o capitalista; e os soldados, receiosos de serem castigados pelo seu estremado zelo, pediram mil perdões ao barão.

Amaral estava gravemente ferido. Queria saber o regedor quem era o sugeito para o conduzir á sua familia. Amaral não respondia, nem recuperava o alento.

O barão d'Amares disse:

—Eu sei quem é este sugeito. Eu mando aqui já os meus criados para o levarem a minha casa.

O barão, emquanto dois criados sahiram com uma cadeira de braços para conduzir Guilherme, entrou no quarto de sua mulher, e disse-lhe:

—Augusta, faz preparar depressa uma cama, que vamos ter um hospede em perigo de vida.

—Quem?!

—É preciso pagar uma divida, minha prima. O senhor Guilherme do Amaral tractou-me muito bem em sua casa, quando eu me quiz matar; agora é necessario mostrar-se a gente agradecida, e pagar-lhe na mesma moeda.

—Pois elle está ferido?!—exclamou a baroneza.

—E parece que muito ferido. Foram agora dois criados buscal-o á botica, onde foi levado por uma patrulha, que me prendeu por suspeito.

—E quem o feriu?—bradou ella, lançando ao marido um olhar de terrivel desconfiança.

—Eu sei lá quem o feriu, menina! Elle melhor o saberá... Ora vamos, vai dar as tuas ordens, e tracta-o como

elle me tractou. Chamem-se cirurgiões já, já. Quero que lhe não falte nada.

Guilherme do Amaral pouco depois era lançado sobre uma cama. Vieram facultativos, e repartiram os seus cuidados entre os dois doentes. Ao lado do ferido, escondida nas cortinas do leito, estava uma senhora desmaiada nos braços d'uma criada.

Amaral abriu os olhos, quando lhe rapavam o cabello para lhe curarem a profunda ferida da cabeça. Viu em redor de si gente desconhecida. Perguntou a quem devia agradecer o favor de o levantarem da rua. Um medico disse-lhe que estava em casa do senhor barão d'Amares.

—Como?!—exclamou Guilherme, sentando-se no leito com impeto que os assistentes reprimiram.

O barão sahiu de traz das pessoas proximas do leito, e disse:

—É verdade, senhor Amaral, eu tomei a liberdade de o trazer para minha casa, onde vossa excellencia terá os cuidados que lhe dariam na sua.

Amaral reconheceu-o. Balbuciou uma resposta, cortada pelos vágados causados pela perda de sangue, e, mais ainda, pela commoção moral.

A policia, informada do acontecimento, e sabendo que o ferido não era qualquer miseravel que se deixasse curar ou morrer á vontade, appareceu em casa do barão, duas horas depois do successo.

Amaral custosamente podia responder ás perguntas. Disse que não conhecera os vultos, nem podia formular em accusação simples suspeitas. Instou a authoridade solicita pela revelação das suspeitas, e Amaral proferiu o nome do covarde que se batera com elle.

Emquanto os partazanas, aguazis, belleguins e toda a importante chusma de furões administrativos farejam a pista duvidosa dos assassinos, sentemo-nos junto ao leito de Amaral.

Os cirurgiões acabam de pensar-lhe o grave ferimento da punhalada nas costas, e retiraram do quarto recommendando todo o cuidado em não fazer bulha. Guilherme está febril, e parece agora dormir, agitado por sonhos maus, e logo desperta, estrebuxa, murmura palavras ininteligiveis, geme, e descahe na lethargia.

É meia noite. O cirurgião recommendou á enfermeira que velasse cuidadosamente o apparelho da ferida, e foi deitar-se na ante-camara. Se o doente acordasse sobresaltado, recommendou elle que o chamassem.

O silencio é quebrado pela respiração profunda e cavernosa de Guilherme. A criada, quando o vê agitar-se, sacudindo de si a roupa com as mãos, corre a submetter os lençoes. Amaral pede agua. A enfermeira vai perguntar ao cirurgião se póde dar-lh'a, e vê a baroneza encostada ao alisar da porta que separa este d'outro quarto.

—Vossa excellencia estava aqui?!—disse ella—Poderei dar-lhe agua?

—Pódes; vai buscal-a, que eu fico aqui.

— Augusta dá dois passos dentro do quarto, vacilla, e encosta-se ao toucador, trémula e como tranzida de medo. Amaral dá um novo repellão á coberta, pedindo agua, e braceja de modo que desata uma ligadura que dava laçada n'um dos hombros. Os parchos cahem, e deixam vêr os pannos tingidos de sangue.

Augusta corre impetuosamente ao leito, como se a impellisse uma força estranha. Toma as extremidades da

ligadura e quer atal-as no hombro. Amaral crava os olhos n'ella, afasta da testa os cabellos empastados do suor, e permanece, emquanto a ligadura é atada, na immobilidade do extasis.

Augusta vai retirar-se, sentindo-se em risco de desfallecer, quando sente a mão apertada pela mão abrazadora do doente. Exerce em vão um debil esforço para fugir.

—Não fuja...—disse com voz sombria Guilherme. Entrava a criada. O esforço de Augusta redobrou, e a mão que a sostinha cahiu como insensivel.

A baroneza, quasi desfallecida, não póde sahir do quarto: vai sentar-se aos pés do leito, e as lagrimas que uma dolorosa coragem estancára, descem-lhe dos olhos copiosas.

Amaral bebe a agua com sofreguidão. Fita os olhos pávidos na aterrada enfermeira, e recahe no torpor febricitante.

Pouco depois acorda, gemendo.

A baroneza faz chamar o cirurgião e retira-se. Este escuta a respiração do doente, trémula e irregular como de estertor. Vê-se-lhe no semblante a sombra da dúvida terrivel.

É o barão que entra agora, e consulta o facultativo.

—Receio que algum vaso importante da respiração esteja offendido. Ha noventa e nove probabilidades contra—disse elle.

Foi mais longo o relatorio dos receios do cirurgião. O sensivel dono da casa, sem entendel-o, concluiu que Amaral estava perigoso. Queria logo invocar uma junta de medicos. O assistente, ferido no seu amor proprio, disse que muita gente reunida á beira d'um moribundo não lhe dava

vida. O barão retirou-se desanimado. Quiz procurar sua mulher; porém era triste a noticia que lhe levava. Recolheu-se ao seu quarto, e disse no silencio da sua nobre alma:—Se eu não tivesse casado com minha desgraçada prima, este acontecimento não teria logar.

Pois o barão sabia que Amaral fôra ferido de morte por dois assassinos comprados pelo detractor de sua mulher? Pergunta racional.

Sabia. Uma hora antes recebera elle no seu escriptorio uma carta do administrador do bairro. Dizia-lhe que os assassinos foram presos no *largo das Duas Igrejas*. Interrogados, responderam que tinham sido ou haviam de ser pagos d'aquelle serviço por um cavalheiro, cujo nome era justamente o suspeito a Guilherme do Amaral. O barão estava, pois, no caso de attribuir ao seu irreflectido casamento a cadeia de infortunios que principiava pela morte do homem que sua mulher amára, e amava e amaria sempre. O barão sabia-o. Á grandeza de coração associava a penetração do espirito.

Entretanto a baroneza não sahia do quarto immediato ao do enfermo. De cinco em cinco minutos vinha pé ante pé escutar-lhe a respiração. De madrugada a enfermeira adormecera, pondo a cabeça entre os joelhos. A lamparina apagava-se; Augusta entrou no quarto para renoval-a; e como Amaral dormia serenamente, encostou-se á cabeceira do leito, encoberta com o cortinado. Contemplou-o longo tempo, estremecia ao menor ruido remoto na casa, achegava-se á parede a cada ligeira convulsão do febricitante.

Soaram as nove pancadas das *Ave-Marias*. Augusta ajoelhou de mãos postas, orou, e chorou tão perto do lei-

to, que lhe chegava á face o halito quente de Guilherme. E ficou assim, largo espaço, com o rosto encostado ás mãos e os olhos cheios de lagrimas, embebecidos nas faces cavadas d'aquelle homem—o homem da sua alma, a paixão incuravel de toda a sua vida—alli moribundo, talvez morto, horas, instantes depois!...

Amaral delirando, disse palavras roucas e suffocadas.

A enfermeira despertou estremunhada, e, vendo a baroneza n'aquella postura de quem reza, exclamou:

—Morreu?!

Augusta fez-lhe um gesto de silencio. A criada pasmou de vêr assim sua ama banhada de lagrimas. Excepto o barão, n'aquella casa todos ignoravam quem fosse Guilherme.

O delirio proseguia, e as phrases sahiam algumas vezes claras. Augusta ouviu estas:

*Olha, Augusta, que fonte d'agua tão pura..... Bebamos, e depois vamos colher flôres do monte para coroar a fronte cadaverica do que primeiro morrer..... Manda sellar os cavallos, e vamos passear, Augusta..... Recolhe este sangue das minhas feridas... Cada gota do meu sangue é uma lagrima de menos que os meus olhos hão de chorar por ti... Fujamos para o sagrado d'um cemiterio, e os mortos se compadecerão de nós... Cravaram-me um punhal no coração, mas não poderam matar a tua imagem, Augusta... quando o sol se escondia no mar, o ultimo raio que dava á terra illuminava a tua face angelica... Meu saudoso Candal, meu paraizo... lá está sepultada a minha felicidade...*

Augusta, como se o coração lhe estalasse no peito, gemia o som d'esse interno despedaçar-se. Ergueu-se ar-

rebatada, levou as mãos á fronte, deixou-se cahir nos braços da criada, e prorompeu n'um chôro, que junto aos gritos da outra, acordaram o cirurgião, e quebraram o delirio do doente.

—Que é? morreu?—exclamou o assistente—Que tem esta senhora?—interrogou elle aproximando-lhe a luz da face—Desmaiada!... pela segunda vez!... Este sugeito é parente da senhora baroneza?

—Eu não sei...—disse a criada.

O barão, cuja insomnia fôra tormentosa, entra n'este momento.

—Sua senhora—disse o facultativo—está n'este estado. Queira fazer-lhe aspirar algum sal.

—Isto passa—disse o barão com um desalento digno de piedade. Ajudou a transportar Augusta ao seu quarto, deitou-a no leito, viu-a recuperar os sentidos, e quando ella ia abrir os olhos, retirou-se sem ruido, para esconder as lagrimas.

## XXI

Dizem que eu desacredito o barão d'Ámares, denunciando a bondade sandia, se não é antes a miseravel acquiescencia d'um marido que procede tão ao invez da praxe estabelecida. Negam fé á possibilidade moral d'um marido assim, e pensam que eu estou creando aqui um typo original, com as pretensões vaidosas de tranquillisar as consciencias d'alguns conjuges que ostensivamente não são menos virtuosos que o meu barão. Accrescentam que eu estiro tanto o arco da virtude, que estalam as sedas: d'onde resulta que a magnanimidade do marido de Augusta se muda para tolerancia ignobil; e o que eu faço, com a intenção de captar a sympathia a favor do barão, desafia o riso sincero em menoscabo d'elle.

E o leitor, que é de certo o mais honesto de todos os leitores, o que pensa a este respeito? Se é marido, perdoe-me a inconveniencia da pergunta, que encerra virtualmente uma hypothese menos lisonjeira para a sua impeccavel companheira. Se está em riscos de o ser, tambem me não serve a sua resposta, porque o senhor necessariamente vai dizer-me que a sua noiva é uma pessoa divina, do que eu estou sinceramente capacitado, e não quero de modo algum pôl-a em confronto com os lapsos das pessoas humanas.

Divina, e ainda humana, *quantum satis*, é um impossivel absoluto (concedo-lhe o mais que posso) achar-se o

meu presado leitor collocado por ella em circumstancias identicas ás do paciente Francisco de Lordello. Em honra do sexo mimoso em particular, e da humanidade em geral, devo confessar que houve uma só Augusta e um só Francisco, com quanto os Guilhermes sejam numerosos, e até me palpita que o leitor, se não é um, a boa vontade devemos agradecer-lh'a.

Augusta ha uma só; porque não sabemos onde está a outra que fizesse do seu coração a urna das cinzas d'um amor desgraçado, e cedesse o resto, quero dizer o corpo, como penhor de gratidão, valioso para quem lh'o recebeu, mas não para ella, que esperou seis annos resgatal-o pela morte, e completar a ancia da sua alma na superabundancia do amor infinito.

Ha um só Francisco, porque não conheço o outro que acceitou o corpo sem alma da mulher que se fez, como em contracto de casamento, reserva do coração, reserva das suas tristezas, e inviolabilidade nos sentimentos que seu marido em vão queria entender.

Mas o que sobre tudo distingue—diz a critica—este marido dos outros, é a *imbecilidade*. A boa sociedade não cria alarves d'estes. Embora por cá se acceitem mulheres na condição da costureira, e até em condição peor, os acceitantes não transigem com as clausulas tacitas ou expressas. Caso ellas se desmandem do seu dever, um marido, que não respeita precedencias e é legitimo dono da sua propriedade, dá ao diabo o romantismo da mulher, e, se a não esfaqueia á laia do heroe de Shakespeare, ao menos fecha-lhe as janellas, suspende-lhe as relações com a modista, inventa pretexto para não ter camarote no theatro, faz-se athleu para a não levar á missa,

calumnia as familias que o visitam para que sua mulher lhes não pague a visita, faz orçamento da carestia dos generos para não dar chá aos hospedes: em fim, um marido esperto e experto, antes de chegar ao extremo de fazer phrases tragicas com a suspeita consorte, tem muitos subterfugios decentes com que possa esquivar-se ao desgosto de ser derrotado mais cedo, podendo sel-o um pouco mais tarde. D'accordo.

O chronista d'estas coisas, se não póde depôr como author ou réo em similhantes pleitos, graças a Deus, admitte a veracidade da explicação, e faz votos porque a prática de similhante methodo continue a lisongear a sagacidade dos maridos, e a provar a paciencia das mulheres. O author, outro sim, comprehende quão amarga seria a vigilancia d'esses bons maridos, quasi sempre benemeritos dos necrologios e epitaphios, se a desgraça lhes tivesse insufflado no peito um coração capaz de sentir a mágoa da perda, e uma consciencia capaz de sentir a ignominia de tal espionagem. Recebam elles pois os cordiaes parabens da sua esperteza, e esfreguem as mãos no jubilo de calafetarem as suas portas á immoralidade que lhe fareja a virtude... *virtude?!* pois então o que é senão virtude?!

Mas não sirva a desigualdade dos dons providenciaes de remontar a soberba dos mais favorecidos.

Não mofem do barão de Amares, porque entrou no quarto de Amaral, e encontrou sua mulher desmaiada, porque a transportou á sua cama, e vendo-a recuperar os sentidos, retirou a tempo de a não accusar com o seu silencio.

Respeitem esse homem, que é um desgraçado. Não

o capitulem de estupido, por ser bom. Lembrem-se que a sociedade está corroida até á medulla de herpes mais ascosos, de vergonhas mais repulsivas. Concedam ao barão d'Amares a preeminencia entre os maridos que esgotam á surdina o calix da deshonra, com rosto prazenteiro, com tanto que a sociedade os não veja. Concedam-lhe á alma os brios irritaveis que outros fingem ter na cabeça. Julguem-no pobre de espirito, ou alma de lama, que eu, em nome d'elle que não quer mal aos seus detractores, desejo para todos os maridos uma esposa que saiba respeital-os como a baroneza d'Amares respeitava o homem que não ousa perguntar-lhe porque desmaia na presença do seu antigo amante.

O defeito capital d'este romance são as nesgas explicativas, criticas e philosophicas que eu, cerzidor de mau gosto, entalho aqui e acolá como quem não tem imaginativa de peripecias inopinadas, farfalhudas, e estupendissimas!

Estão enganados a este respeito. Eu sou capaz de os deixar com o folego em meio no fim d'este capitulo! Tenho aqui ao pé de mim seiscentos volumes de lettras e reticencias, seara feracissima onde eu colhi muita papoula, e o leitor de olfato subtil aspirou sôrvos de enthusiasmo que lhe embriagaram a phantasia. Sou muito versado n'estes expositores, e sei de quatro lances de mão-cheia que arripiam os cabellos á gente. Reservo-os —e ahi vai o segredo—reservo-os para o final, onde espero que haja sangue, muito sangue, muita mulher perdida, muito suicidio, mosquitos por corda, os meninos orphãos a cavallo, coisas do arco da velha, das quaes coisas, e d'outras que omitto para não ficar imferior ao pro-

gramma, depende a minha reputação, e direi mais—a minha immortalidade.

Entretanto prosigamos o ronceiro andamento dos successos.

O cirurgião de Amaral, recompondo o apparelho doze horas depois do ferimento, parecia animado de boas esperanças. Veio o medico e confirmou-as. O ferro resvalára ao longo das costellas, lacerando apenas os musculos intercostaes, e a inserção d'outros de menor importancia. A febre diminuira com admiravel decremento. O golpe da cabeça tocára ligeiramente o osso, e os bórdos da chaga apresentavam symptomas de prompta cicatrisação.

Durante o dia immediato Guilherme do Amaral foi constantemente procurado pelos seus antigos conhecidos de Lisboa, pelos amigos obsequiosos do barão, e pelos agentes de policia, que proseguiam em suas solícitas averiguações ácerca do cavalheiro minhoto que desapparecera. Amaral guardava a este respeito uma admiravel reserva. Apenas disse, quando as instancias o incommodavam:

—Eu não requeiro á justiça a minha desaffronta.

Deve notar-se que o barão evitou quanto pôde achar-se com Guilherme sem testemunhas, e Guilherme desejava tambem não vêl-o só. Augusta informava-se das melhoras de Amaral, sem sahir do seu quarto. A criada, testemunha do lance que a delatou, não perdia occasião de levar-lhe a boa nova, e, pela diligencia com que o fazia, dava a conhecer com quanto agrado se incumbiria de qualquer mensagem.

Ainda ha boas almas.

Ao descahir da tarde recrudesceu a febre do enfermo. Reviveram as suspeitas terriveis da cirurgia com

mais temor. Veio o medico, que lhe abonára de manhã a cura, e julgou que ainda não fôra chegado o ensejo de acertar uma vez. Chegou logo a triste nova ao quarto de Augusta, e a pobre senhora abraçou-se a uma Virgem da Conceição, com a immensa fé dos desesperados. Assim a vira o barão, entrando no quarto. Surprehendida, mas não conturbada, a baroneza estendeu a mão a seu marido, e disse:

—Está peor? já sei.

—Eu logo vi que as muitas visitas lhe fariam mal... Mas póde ser que passe o crescimo.

—É bem desgraçado!—exclamou Augusta, com agonia.

—Não é feliz, não... Deve bem pouco á fortuna o pobre rapaz...—disse o barão, encostando os cotovêlos ao toucador, e apoiando a face nas mãos.

—Somos nós a causa da sua morte...—tornou ella, reprimindo a impaciencia da afflicção que precisava responsabilisar alguem, ainda que fosse um innocente.

O barão sentiu-se vergar debaixo do pêso da accusação que elle proprio se fizera; ainda assim elle sabia que a sua culpa tinha defesa; quiz defender-se; mas receou aggravar a angustia de sua prima.

—Somos bem desgraçados todos tres...—tornou Augusta.

—Se eu morresse...—murmurou elle—eramos todos felizes...

E Augusta sentiu n'este momento o remorso da intenção injusta das suas queixas.

—A tua morte, Francisco, não transtornava a minha sorte desgraçada...—disse ella.

—Quem sabe?!

—É preciso que nos vejamos todos morrer vagarosamente... Deixa-me dizer-te... não fizeste bem trazendo Guilherme para esta casa.

—Pois eu cuidei que fazia o meu dever, e o que tu farias nas minhas circumstancias...

—O que eu faria podia ser uma grande loucura...

—Pois eu, minha prima, ainda me não arrependi de trazer para nossa casa um homem que me teve na sua, em tratamento d'uma ferida mortal. Elle consentiu que tu fosses a minha enfermeira, e eu não levo a mal que sejas tambem a enfermeira d'elle. Se morrer, não morre sem conhecer que tu não és sua inimiga, e eu queria que elle conhecesse que o fabricante de Lordello tem boa alma, embora não tenha educação nem nascimento. Diz-me o coração que esse homem não é capaz de offender a honra de quem o trouxe para sua casa, e lhe faz o que faria a um irmão. Deus me não dê o prazer de o vêr bom, se eu tenho medo que tu me faças arrepender, minha prima. Se eu me engano, então não ha nada certo n'este mundo... é tudo falsidade e traição... Eu sei que me não amas, mas tanto faz offender a minha honra como a tua... se me offendesses, não queria sentir o que tu sentirás... porque sou teu amigo, e não me lembro de que sou teu marido...

O pobre homem tinha a face coberta de lagrimas. Augusta achou-se insensivelmente nos braços d'elle.

Ouviram-se gemidos de Guilherme, e o barão sahiu.

Horas depois, o cirurgião reanimado com o somno tranquillo do enfermo foi deitar-se, asseverando outra vez que não desesperava da salvação de Amaral.

A baroneza, quando o silencio era profundo em toda

a casa, entrou no quarto, onde apenas se ouvia o estridor da enfermeira adormecida. Foi junto do leito pé ante pé; e, não ouvindo a respiração de Guilherme, assustou-se, e tomou-lhe o pulso convulsivamente.

Sentou-se ao lado da cama, tão perto que se encostou á roupa que exhalava o fartum acido da febre.

Difficil seria explicar o semblante feliz de Augusta! Se não era a esperança de o vêr salvo, agourada pelo sereno somno que elle dormia, poderá pensar-se que era o jubilo de se vêr alli, face a face, sem testemunhas, sem que elle a visse, contemplando-lhe uma a uma as linhas do pallido rosto, onde ella imprimira tantos osculos de amor agradecido? Nem respirava! Tão intima, tão absorvida estava n'aquelle gôso, que lhe trazia aos olhos as poucas lagrimas felizes do coração!

Este enlevo durára uma hora fugitiva.

Amaral estremecera. Augusta ergueu-se para sahir, e, pensando que elle reatára o somno cortado, sentou-se outra vez. Guilherme não dormia. De repente voltou-se para o lado d'ella, não podendo supportar a dôr da espádoa ferida, e viu-a erguer-se acceleradamente.

—Augusta!—disse elle, fitando-a com supplicante gesto.

—Não se mova, que desata as ligaduras...—balbuciou ella denunciando o contrafeito socego com o tremor da voz.

—Deixa-me morrer, Augusta...—replicou elle, alongando os braços em postura de quem implora.

—Não ha de morrer...—tornou ella, chegando-se maquinalmente ao alcance da mão que diligenciava tocar-lhe.

—Que situação esta!—murmurou elle.

—Não falle... por quem é... o cirurgião prohibiu que lhe fallassem.

—Pois sim, não fallarei, mas não me fujas... Se queres que eu viva, não me desampares... Deixa-me convencer que a minha Augusta... *a minha!*

Esta ultima palavra perturbou-lhe a radiosa serenidade do gesto. Dir-se-ia que os olhos lhe recuaram nas palpebras, e a crusta negra dos labios se contrahira queimada pelo ligeiro sorriso que voou n'elles.

A baroneza não pôde soffrer aquelle olhar de profunda agonia. Baixou os olhos, sêccos de lagrimas, e disse em si: «Porque não fugi eu?»

Guilherme não desviava da face d'ella a sombria vista. Se descerrasse os labios ás ideias que se lhe atropellavam na cabeça vulcanica, terriveis palavras ouviria a infeliz! No rosto, quem podésse miral-o de animo frio, vêr-lhe-ia o reverbero do incendio que lá ia dentro. A piedade, porém, se não foi o amor, se não foi a consciencia da sua situação, tolheu-lhe o som das expressões sarcasticas que lhe acudiram ao primeiro assalto.

—Perdoemo-nos ambos...—disse elle, recahindo na extenuação.

Augusta levantou para elle a vista lagrimosa.

—Não chores...—tornou Guilherme—Se é a minha morte que te magôa, crê, Augusta, que o céo se compadece de mim...

—Não morrerá... por Deus!... tenha esperanças...

—Esperanças!... Se é o amor perdido, o nosso amor perdido para sempre... que tu choras... é inutil chorar... acabou-se tudo... hontem.

Isto foi dito em convulsivo sobresalto. O rubor do

sangue encarnou-lhe o rosto, e a luz froixa do quarto parecia offender-lhe os olhos, que se fecharam. Ficou lethargico, immovel, sem signal de vida mais que a debil, mas impetuosa circulação do pulso.

Augusta encostou o ouvido aos labios d'elle, e esteve curvada alguns minutos, com o cotovêlo tão perto do hombro de Amaral, que a sua primeira lagrima lhe cahiu na face, e as outras escondeu-as na travesseira em que elle tinha a cabeça.

Atemorisada com a celeridade da respiração, Augusta quiz chamar o facultativo, mas Amaral descerrando levemente as palpebras, vendo-a tão junto d'elle, sentindo-lhe a respiração suave como um refrigerio, tomou-lhe a mão quasi sem poder resistir ao mais pequeno impulso que ella fizesse para tirar-lh'a.

—Eu vou chamar o cirurgião...—disse ella.

—Não vás...

—Está outra vez com a febre...

—Estou bem... estou bem, Augusta... Deixa-me tractar-te assim... Ainda não pude...

—Cale-se por piedade...

—Por piedade comigo mesmo?... Não quero tel-a...

—Por piedade de mim... de mim...

—Mas o silencio mata-me mais depressa, Augusta... Eu não sei se torno a vêr-te... n'este mundo... No outro sim... lá és minha, sempre minha... ou a bemaventurança não existe para os desgraçados do mundo... como eu... e como... És tu feliz?

—Feliz, meu Deus!...

—Se não és feliz, posso dizer o que tenho no coração... a bemaventurança existe para os desgraçados, co-

mo eu, e como tu... Mas eu preciso dizer-te, n'este mundo, alguma coisa mais que um *adeus* até á eternidade... Pedi-te perdão... negaste-m'o...

—Não, Guilherme, não neguei... Perdoei... perdoei... juro pelas dôres de Maria Sanctissima...

—Não precisas jurar, filha... Se me perdoaste, deixa-me agradecer-te, como posso, a felicidade que me déste n'este instante... beijo a tua mão, que não fica deshonrada por este beijo... é de gratidão... por teres perdoado ao infeliz que tens em tua casa, no teu leito, velado por teu... marido... *Marido*... sim... é atroz!... mas o coração succumbe ao reconhecimento... Pede-me tambem perdão a mim, Augusta... Não peças... eu perdôo sem rogos, a ti, Augusta, casada... tu, casada!... a minha providencia, o meu amor, a minha filha, a minha victima, a minha... infeliz Augusta!... Não chores assim... Eu não quero magoar-te... Animo, e perdão... e paciencia... Eras venturosa se morresses... Sei que desejas a morte... porque sei que me amas... que me não esqueceste nunca... Tenho d'isso uma certeza amarga... Devia tel-a antes que m'o dissessem... Pois que outro homem podias tu amar!... Quem te deu essa alma, Augusta? Quem te encheu o coração de amor e de fel? Fui eu... Tambem tu me fizeste o homem d'hoje... Não te senti alguns annos no coração; mas tu estavas cá. Devias apparecer-me, logo que as vergonhas da minha vida me deixassem livre a sensibilidade nobre... Não posso... senta-te ahi... e espera...

—Descansa, Guilherme... pelo que eu tenho soffrido te rogo que não falles... Ámanhã, eu prometto vir ámanhã aqui muitas vezes... Então me dirás tudo que tiveres no coração... e eu tudo acceitarei...

—Não tens nada a rejeitar, nem a acceitar, Augusta... O que eu te disser... é do passado; o futuro para nós acabou, desde que os braços de teu marido ajudaram a lançar-me n'esta cama... Entrei n'um asylo sagrado da honra... da honra que mata o coração... Oh! a morte, a morte, felizmente... Isto acabou quando devia acabar... Eu te reconheço, Providencia Divina!...

—Jesus! oh Guilherme, não te exaltes assim... Faz um esforço para estares tranquillo... Dá-me a tua vida como a darias a uma irmã querida... Deixa-me ter a gloria de que te faço sentir o desejo de viver...

—É o contrario, Augusta... de morrer, sim... Pois a minha vida o que seria de hoje em diante? Se te amasse menos, seria um sacrificio menos tormentoso, renunciar-te, perder-te... de todo... sacrificar-te ao respeito com que devo poupar-te, mulher casada...

—Mas tu não crês que é felicidade existir unida á virtude? temos ainda tantos recursos, Guilherme! Serás o amigo d'esta casa, e acharás aqui a mesma amiga carinhosa do Candal...

—Por Deus! não profiras essa palavra... É quando eu sinto entrar-me no coração a morte... com todas as lembranças da minha negra vida desde que lá te deixei... desamparada do teu verdugo...

—Verdugo, não...

—Sim, verdugo d'este supplicio que soffres ha cinco annos, e soffrerás... ate á morte...

—Eu estou resignada, Amaral... e espero ser feliz... comtigo...

—Comigo?! na eternidade...

encontraram a dôres rebeldes. Onde suspeitava uma pena, denunciada por lagrimas furtivas, ia com afagos e doçuras sondar o segredo d'ella, e não havia coração pertinaz que se lhe não mostrasse, nem ferida impossivel ao balsamo do seu condão consolador.

Era esta a amiga da baroneza. Conheceram-se, e amaram-se, logo que Augusta lhe foi suspeita de mulher infeliz. Mais se amaram ainda, ou mais Maria dos Anjos se insinuou na sua intimidade, quando, nos salões de Lisboa, soaram rumores bastante injuriosos aos precedentes de Augusta, antes de sahir do Porto.

N'esse dia a baroneza contou-lhe a sua vida minuciosa e verdadeira, como se Deus, testemunha de todos os instantes d'ella, estivesse alli para desmentir-lhe uma falsidade. Maria pagou angelicamente esta confidencia: ouvia-a chorando, e desopprimia-a desafiando-lhe lagrimas com as suas. Fallava-lhe muito em Guilherme, liberalisando-lhe occasiões de desafogo; acompanhava-a nos amargurados enlevos com que ella phantasiava a sua felicidade perdida; e, depois que o espirito descia do rapto doloroso, Maria brandamente lhe invocava a razão com palavras ungidas de amor divino, e paciencia evangelica. Viveram annos assim, até que Amaral appareceu em Lisboa.

Estas poucas linhas bastam para esboçar o caracter da mulher que tem a face encostada ao travesseiro da baroneza de Amares.

Augusta sente que lhe apertam a mão, e fita os olhos turvos na sua amiga, que lhe diz:

—Está livre de perigo, e muito animado; pediu-me que viesse ao pé de ti, que te pedisse pela bemaventuran-

ça de tua mãe que dominasses a tua alma quanto é preciso para a felicidade d'elle.

—E eu posso?—balbuciou ella—O meu mal tambem é do corpo... Já nada posso sobre o espirito... Se morrer, é ahi que está a felicidade d'ambos... de todos... Vivendo, não.

—Mas, Augusta...—replicou Maria—não querias tu que elle fosse teu amigo como irmão?

—Se queria!... mas elle disse-me esta noite que apenas... Não posso, Maria!...

—Que apenas podesse sahir de tua casa, pagaria com lagrimas a hospitalidade, e não tornaria a vêr-te...

—Mais... mais...

—Bem sei: disse-te que não podia ser testemunha impassivel da authoridade que teu marido...

—Isso, isso... matou-me!...

—Olha, filha... elle disse-me agora o contrario...

—Que te disse?

—Quer ser teu irmão, quer ser tudo o que tu quizeres que elle seja...

—Não póde...—murmurou a baroneza tiritando na alternativa do frio febricitante—Não póde... nem eu... Jesus me valha!... Vai vêl-o, vai, por quem és... Eu queria viver... diz-lhe que não morro... que não quero morrer sem vêl-o feliz.

Maria dos Anjos, entrando no quarto de Guilherme, respondeu com um sorriso esperançoso ao olhar interrogador do enfermo. Estava ao pé d'elle Alvaro da Silveira, marido de Maria, testemunha do duello.

O dialogo em que estavam continuou na presença da carinhosa confidente de ambos.

Dizia Silveira em voz recatada:

—O que sobre tudo me espanta é o procedimento do barão! Vão lá dizer, depois d'isto, que as grandes almas são inflammadas sómente pelas grandes intelligencias! Eu sei que a baroneza não exerce sobre elle a authoridade que faz estupidamente servil um homem sem dignidade. Conheço bastante o coração humano, e não posso crêr que o barão procure por este modo afastar o perigo que se lhe afigura imminente! É maravilhoso este homem!

—Eu penso—disse Amaral—que o contacto de Augusta faz estes prodigios. Não é elle, é ella que os faz. Não se sabe o que é magnetismo, nem o traspasse de vida entre duas almas sem algum traço de similhança; mas eu creio no phenomeno; e respeito a virtude de Augusta no heroismo d'este homem.

—E não seria a Providencia?—atalhou Maria dos Anjos.

—A Providencia em tudo...—tornou Amaral—Tem-se-me mostrado bem patente a Providencia, minha cara senhora. Conduziu-me agora pelos perigos da deshonra, atirou-me ao fundo do abysmo, para que eu de lá a visse em cima, promettendo-me a salvação.... Pois sim, eu acceito a Providencia da religião, acceito a fatalidade dos que não tem Deus, nem precisam d'essa palavra para explicar as infernaes inconsequencias d'este mundo... Como queiram... Acceito tudo.

—Não penses assim!—interrompeu Alvaro—Faz que te seja util a desgraça, Guilherme, alliviando o coração d'um pêso de remorso...

—Eu não tenho remorsos...—disse elle serenamente—O mal que fiz é incomparavel ao mal que tenho recebido. Augusta póde pedir-me contas da sua felicidade;

e eu amando-a com a paixão que me pune, desde hoje em diante não posso dizer-lhe a ella que me receba o coração arrependido em desconto das suas lagrimas. É muito soffrer para uma culpa das que não pesam na balança da lei, nem na consciencia...

«Que fiz eu? A minha mocidade devoraramm'a as illusões; vivi fóra d'este mundo; consumi-me no fogo vivo da imaginação; atirei-me alguma vez sobre a lama da terra, e encontrei reputações das que eu já não podia manchar. São estes os crimes que eu expio? Oh! a vossa Providencia, meus amigos, é caprichosamente pueril! Depois que desamparei Augusta, sabeis o que a minha vida foi lá por fóra, desde que uma mulher que eu queria fazer minha me perguntou se eu queria ser o pae do filho que lhe estremecia no seio? E depois... quanto custa ser cynico? quantas affrontas se recebem até fazer de ferro o coração?

—E não veio a Providencia por fim?!—tornou Maria.

—Veio—disse Amaral com branda affabilidade—veio... reconheço-a em vossa excellencia, que está aqui ao pé do leito d'um enfermo, ensinando-o a erguer as mãos para agradecer a Deus uma cadeia de infortunios que o hão de prender á sepultura...

—É uma ironia...—atalhou a amiga de Augusta —Se meu marido lhe contasse os seus padecimentos, e a minha amiga lhe contasse os meus!...

—Provar-me-iam que a desgraça é o quinhão de muitos n'este cruel festim da vida...

—Não só isso; provar-lhe-iamos que ha muitos que venceram a desgraça, com o corpo entregue á dôr e o coração em Deus.

—E então, Amaral—accrescentou Silveira—con-

fessa-se a Providencia, curva-se o joelho, e o crente agradecido não se envergonha de dizer ao homem do mundo endurecido pela sciencia ou pela desgraça: «Sê virtuoso e serás feliz.»

—Pois bem...—tornou Amaral—eu serei virtuoso... e esperarei a felicidade, em que não creio... Mas tirem-me d'aqui... é necessario que eu comece já destruindo, cortando as ligações que me aproximam d'esta desgraçada mulher...

—Mas isso é matal-a...—interrompeu Maria.

—Pois eu fico pertencendo a esta familia?—redarguiu Guilherme com um triste sorriso—como imagina vossa excellencia que póde sustentar-se esta falsa posição?

—Pois não me prometteu viver para ella como irmão?

—Não nos enganemos; mas enganemol-a a ella se é preciso, Maria—accorreu Alvaro da Silveira.—Guilherme quer salval-a das impressões que lhe causou: é necessario illudil-a; dê-se-lhe o impossivel como esperança: e depois veremos como tu convertes essa esperança em remedio.

Foram interrompidos por continuas visitas, e recados.

Os agouros da medicina lograram felizmente os seus sacerdotes. Não era typho, nem alguma das duzentas molestias gregas, o accesso febril da baroneza.

No dia seguinte fez crise, e a convalescença foi tão rapida como a impaciencia da enferma.

Os facultativos, instados por Amaral, concederam-lhe licença de transportar-se em sege d'uma casa para a outra. A baroneza, sabendo a intenção, sentiu-se reanimada das forças que perdera na ultima entrevista—a d'aquella noite, em que sahira febril do quarto de Gui-

lherme—e sem reflectir nos resultados d'uma nova visita, sem prevenir o encontro de seu marido no quarto, entrou, quando Amaral, experimentando forças, passeava encostado a Alvaro da Silveira.

A baroneza, confrangindo quanto pôde a vehemencia com que entrára, simulou quietação, saudando e felicitando Guilherme da rapidez da sua cura.

—Da cura, não, minha senhora!—disse Amaral—Isto por hora é esforço quasi impotente que eu tiro da minha fraqueza. Um homem faz do corpo o que muitas vezes faz da alma... E vossa excellencia já fóra do leito?!

—Receei que sahisse d'esta casa sem eu poder dar-lhe os parabens... vim vêl-o... e dizer-lhe adeus... depois recolher-me outra vez á cama.

A affectação trahiu-se. As lagrimas rebentaram espontaneas, quando ella proferiu as palavras: *dizer-lhe adeus*. Silveira, avisado por um gesto de Guilherme, sahiu do quarto.

—Porque choras tu, Augusta?—disse elle—Vem cá, minha filha, vem, que te quero convencer de que as tuas lagrimas me cahem no coração. Não façamos accusações um ao outro. Chegamos ambos a um extremo de infortunio tal, que nos é preciso consolarmo-nos com a compaixão. Tu pediste-me que fosse teu irmão. Serei teu irmão, serei tudo o que deve ser um desgraçado para outro; mas não chores assim, que me fazes perder a coragem do sacrificio. Fraco sou eu; as paixões do dever não podem tanto em mim como as do coração. Ajuda-me tu, Augusta, que és mais forte que eu; ajuda-me a ser um homem digno da hospitalidade que me déste; dá-me os nobres sentimentos que déste a teu marido, a este nobre

desgraçado que dá lições de dignidade aos que poderiam zombar da sua virtude... Não é preciso que me digas que te respeite; a mim ser-me-ia impossivel hoje tentar despenhar-te do teu segundo altar de virtude. O primeiro era na rua dos Armenios. O malvado que foi lá roubar-te ao coração d'esse homem para te dar uma alma superior á d'elle, e fazer impossivel a felicidade de ambos hoje, esse malvado tocaria o ultimo grau de crueldade tentando destruir uma obra providencial, uma obra de lagrimas de seis annos...

Augusta queria interrompel-o por meio de gestos, pois que os soluços compressores lhe abafaram a voz.

Amaral proseguiu:

—Conversemos, minha amiga, illudamos o coração com uma intimidade serena. Estamos ambos perdidos, se não fizermos uma violencia desesperada para mentir a nós mesmos. Estás segura de que teu marido se não offende por vires aqui?

—Estou; meu... marido... não está em casa.

—Não é isso o que pergunto, Augusta... Eu respeito teu marido em casa e fóra de casa. Póde estar a mil leguas de sua mulher, que eu fallar-te-hei como se elle fosse testemunha.

—Oh Guilherme!—exclamou a baroneza com transporte—como o teu coração é nobre! que tão injusta fui comtigo!...

—Quando foste injusta, minha amiga?

—Não respondendo ás tuas cartas...

—Não devias responder... As minhas cartas queriam sanctificar o crime, propunham-te como acção nobre o desprêso dos deveres...

—Não, não digas tal... As tuas cartas, Guilherme, não me offendiam o coração, cravavam-me n'elle o espinho do remorso... remorso, sim...

—De me haver esquecido?

—Esquecido, não! Emquanto arrastasse esta vida amargurada, sem esperanças de encontrar perdão na minha consciencia...

—Accusava-te a consciencia, Augusta? De quê?

—Por quem és, pelo amor de Deus não queiras que eu deixe fallar o coração... Eu não posso contar-te com serenidade a minha vida...

— Se eu sei a tua vida, que me queres tu contar?

—O que sabes tu da minha vida, Guilherme? o que te contou um amigo? A minha historia não se conta... é uma cadeia successiva de torturas em silencio... A memoria do que tenho soffrido conservo-a no coração, dóe-me como se me estivessem sempre raspando uma chaga incuravel, é uma dôr esta que não tem palavras, nem similhante n'este mundo... Deixa-me agora respirar, Guilherme...

«Ninguem nos ouve, senão Deus, e Deus ha de perdoar-me a fraqueza de consolar-me chorando. Eu não confiei quanto devia na tua generosa alma. Senti que me déste um grande amor, devia acredital-o eterno, e não tive a resignação de esperar que a nuvem negra da desgraça passasse. Fiz-te a injuria de julgar-te ingrato, cheguei a desejar o teu infortunio, cheguei a desejar-te a morte, pedi com sacrilega ancia ao Senhor que me não privasse do filho que um dia receberia da mão de sua mãe um punhal para vingal-a... Tu perdoas-me, Guilher-

me? Descontas por este crime tudo que soffri, e tudo o que hei de soffrer?

Na sua febril exaltação, Augusta cahiu de joelhos aos pés de Amaral, resistindo ao impulso que a levantava.

—Não, Guilherme, não me erguerei dos teus pés sem que me perdões—continuou ella convulsiva, e quasi exhaurida de alento.—Não é a amante que te pede perdão, é a mulher christã, que não póde suffocar o grito da consciencia com a ideia do desamparo em que me deixaste...

—Augusta, eu já te perdoei...—balbuciou Amaral —Bem sabes que são raras as lagrimas nos meus olhos. Vê-as, que vem n'ellas tudo o que ha bom no meu coração. Por Deus socega, minha filha. Não augmentes os infortunios da nossa situação. Esqueçamos tudo, esse passado atroz, igual ao presente, igual ao futuro... esquecimento para um, e a valentia do desespêro para os outros...

—Esquecimento não, Guilherme!—atalhou a baroneza com afflicta tranquillidade—Vês que estou tranquilla? Hei de assim estar sempre, d'hoje em diante, ao pé de ti. Ergueste-me de sobre a consciencia o pêso do remorso. Sinto-me agora com forças para o sacrificio, posso sanctificar-me ao teu lado, acceitar com benevolencia todas as affrontas da sociedade, vencer-me a mim mesma, e merecer a tua piedade sem desmerecer a do céo. Queres consolar-me, meu querido amigo? Responde-me sem violentar a tua lingua á mentira. Nunca te lembraste de mim durante seis annos? Não respondes? pois não, não respondas, foi imprudente a minha porgunta; mas que queres? tu em todas as cartas que me escreveste do Porto e de Lisboa em nenhuma dizes que tiveste lá fóra

uma lagrima para a infeliz Augusta, ou uma oração para a alma de uma amiga...

—Eu respondo, Augusta... Nos momentos em que me via rodeado de vergonhas ou desgraças, vinha a tua imagem, como um phantasma, dizer-me que a expiação n'este mundo é uma realidade. Já vês que a ideia do crime seguia-me através das delicias que eu buscava, e das infamias que ellas me custavam. Lembrava-me de ti, Augusta; mas esta lembrança nascia-me do coração como nasce a saudade, e de repente se convertia em tribulação de remorso. Afugentava de meus olhos a tua imagem. Viate sempre chorando como na ultima noite em que te dei um adeus mudo, um infame adeus, que a tua agonia adivinhava... Foi a perdição! O inferno estava n'esse amor maldito que aquella mulher me cravou no coração com um punhal envenenado!...

—Guilherme!—interrompeu Augusta, sustendo-lhe a precipitação das ideias—Eu não quero isto assim... Fallemos com serena intimidade... disseste-o tu, não podemos nem devemos fallar d'outro modo... Deixemos essa mulher, desamparada do céo e da honra. É pena que possa chamar-se tua prima. Não era digna de ti; foi a Providencia que te fez proveitosa a ignominia d'essa miseravel para que a tentação de a fazeres tua mulher te não vencesse... Nada perdeste.

—Perdi-te Augusta...

—Tambem não. Aqui tens a tua amiga do Candal, envelhecida pelo soffrimento, mas uma amiga quer-se assim. Póde a minha amizade ser-te um bem?

—Será a minha salvação.

—O que precisas tu não é a paz do espirito?

«Hei de dar-t'a. Estás outra vez na minha alma como estiveste. Tenho rogado á Virgem que me dê um signal no coração de que é possivel ser eu tua irmã... e posso... as minhas orações são ouvidas, porque são humildes...

—Que immensa fé!

—A desgraça, filho, foi a desgraça que me aproximou de Deus, e tambem foi o exemplo da nossa amiga, d'aquella alma celeste que passou horas ao teu lado...

—Maria dos Anjos?

—Sim: a mulher que deve a immensa ventura que tem á grande humildade com que soffreu, e pediu melhores dias ao Senhor. Eu tambem pedi, e eil-os aqui. Começam hoje... Tu tambem pedirás, e então has de vir ao encontro da felicidade que eu posso dar-te.

—Que pedirei eu, Augusta?!—redarguiu Guilherme com angustiado desconforto—Eu não creio senão na tua virtude... Nasceste boa, a sociedade não pôde contaminar-te, morrerás virtuosa; mas, por ti... quantos monstros, quantas ignominias da creação nos dá a Providencia, ou o acaso?

—O que é o acaso, Guilherme!? Não falles assim, não? Começo a recear que o meu sonho se desvaneça. Deixa-me crêr, deixa-me ser a mestra do teu coração, assim como o foste do meu espirito. Verás que é preciso agradecer a Deus a felicidade que posso dar-te...

—Porque não hei de eu poder illudir-me!—exclamou Guilherme, tirando pelos cabellos com impeto, e cobrindo o rosto com as mãos.

—Pois, por ventura, engano-te eu, filho! Ora escuta-me... Tu ficas em Lisboa...

—Não, Augusta!

—Não?! queres dizer que não posso nada em tua vontade?

—Poupa-me a esse tormento...

—*Tormento,* meu Deus!... Não fiques, pois... vai, vai...—redarguiu ella banhada em lagrimas, que de repente lhe turvaram o brilho enthusiasta dos olhos, que até alli pareciam rir de esperança e ventura.

—É que eu não sou hoje para ti o homem que fui, Augusta!...—bradou Guilherme—Não me escutes mais! Foge de mim! Eu sinto que sou réprobo, porque não comprehendo a felicidade que me promettes. Já não tenho o coração que buscas em mim. Fizeram-me um malvado, que não póde conter muito tempo na alma uma ideia nobre. Sou capaz de atraiçoar-te, de perder-te, anjo! Não me escutes, esquece o que te disse... Esta paixão é ainda o supplicio da minha culpa. Despenhei-te, e não posso erguer-te. Queres tirar-me do meu abysmo, sancta, e eu, maldito da honra e da compaixão, quero arrastar-te perfidamente comigo... Quero entrar no segredo da tua virtude, e não posso. Foi-me fechado o teu paraizo, e a sanctidade dos teus desejos não basta para remir a culpa d'um expulso, odioso a si proprio.

—Ó Guilherme, tu deliras?! por Deus, não falles assim, que ultrajas a tua boa alma...

A baroneza queria em vão arrancar-lhe as mãos da face. Amaral ergueu-se arrebatadamente, e vacillou, fraco e extenuado, sem poder dar um passo. Lançou-se sobre um canapé, aspirando profundos sorvos de ar, que lhe faziam arquejar o peito. Corria-lhe ao longo da testa um suor copioso e frio. Offegante de cansaço, pendeu a cabeça quasi esvaída sobre o hombro de Augusta, que

sublime de carinho e afflicção lhe seguia os menores movimentos.

Na sala proxima, a criada officiosa da baroneza, disse com previdente fim:

—Chegou o senhor barão.

Augusta, se ouvira, não fizera signal de retirar-se. Guilherme tentou erguer-se, e ella susteve-o.

—Então retira-te—murmurou elle.

—Não te deixo assim—redarguiu Augusta.

—Está ahi teu marido... por quem és... por mim te peço que evites um desgosto que vem peorar o meu estado.

A baroneza, quando já os passos de seu marido soavam perto, sahiu do quarto. Levava na mão, que enxugára o rosto de Guilherme, o calor dos labios que lh'a beijaram.

Esse beijo coou-lhe no coração um sentimento, mixto de todas as doçuras do céo, e de todas as amarguras das paixões terrenas. Havia n'elle o impulso magico, a omnipotencia do principio mau que faz estremecer o edificio da virtude, erguido no coração de vinte e sete annos.

. . . . . .

O barão d'Amares passeava na antecamara, indeciso se devia entrar no quarto onde Guilherme estava só.

Amaral, esforçando-se quanto pôde, abriu a porta e disse:

—Tem o senhor barão a bondade de me ouvir cinco minutos?

O barão entrou tão enleado e confuso, que lhe custou a achar a consciencia da sua pessoa n'aquelle aperto.

Amaral offereceu-lhe a mão, sentou-se ao pé d'elle no

canapé, e, cruzando os braços, esteve alguns instantes com a cabeça inclinada sobre o peito, augmentando assim o embaraço do barão.

—Então... já não ha nada que temer do seu ferimento?—disse este—Os medicos dão-n'o curado dentro de quinze dias, senhor Amaral...

—Eu creio que muito antes d'esse praso estarei restabelecido, senhor barão. A convalescença das feridas é ligeira. Sinto-me já com forças para lhe agradecer a caritativa hospitalidade que me deu...

—Está bom, está bom...—atalhou o barão, esfregando as mãos—não fallemos n'isso.

—Pois em que deverei eu fallar-lhe, senhor? N'isto é que eu preciso fallar, e, se o senhor barão não precisa que eu lhe lembre a boa acção que praticou para se galardoar de a ter feito... eu é que necessito desempenhar a minha alma de uma divida, porque não posso pagar-lh'a senão assim. Vossa excellencia...

—Deixemo-nos de *excellencias,* senhor Amaral—atalhou o barão, sacudindo os braços, e franzindo a testa—Se me quer bem, não me tracte assim, que me está fazendo mal. Chame-me Francisco, eu sou Francisco, bem sabe quem eu era, e, nos sentimentos e no coração, sou o mesmo homem que fui.

—Um homem com uma grande alma, um homem capaz de fazer sentir ás almas endurecidas o enthusiasmo da admiração...

Amaral apertava-lhe com nervoso transporte a mão, e o honrado Francisco, sem saber porque, tinha os olhos rasos de lagrimas. Guilherme proseguiu com energia:

—Eu não o conheci, senhor... Foi necessario que a

riqueza o collocasse na altura onde as virtudes são vistas. A sua probidade, como artista, nunca sahiria da obscuridade. Eu, e todos os miseraveis como eu, só admiramos a virtude que nos chama os olhos, rodeada de brilhantes attractivos, e quasi sempre a explicamos como astucia, como vaidade, como hypocrisia. Os merecimentos do homem pobre, se elles nos chegam a impressionar, explicamol-os como necessidade forçada; dizemos que é a pobreza que faz a virtude do pobre, e não damos nada por ella no momento em que o pobre possa, enriquecendo-se, concorrer comnosco ao mercado dos vicios.

«Direi, com vergonha, que o não conheci, senhor barão; com vergonha, repito, porque devia conhecel-o. Eu teria sido o homem virtuoso que o senhor é hoje, se respeitasse então o seu amor a Augusta... Não me prive de fallar. Conheci a dolorosa impressão que lhe causei agora; mas ninguem nos escuta; estamos sós, sem a mascara das conveniencias. O seu coração é bom e singelo para me exigir artificios e rodeios que n'este instante abafariam minha alma, que precisa respirar.

«Devia respeitar o seu amor a Augusta, porque havia ahi muito mais que amor... Era a affeição que encerra todos os amores. Era o irmão que protegia, o pae que estremecia, o amante que adorava, o esposo que se habituára a sel-o desde menino, desde que o pão do seu trabalho era repartido com a pobre mãe de sua prima... Quer retirar-se, senhor barão?

O barão erguera-se de repente, mudado o semblante, e abalado pela vehemencia dolorosa, pela toada impressiva das palavras de Guilherme.

—Desculpe-me...—disse elle—mas eu não posso ou-

vil-o... dê-me licença que eu saia... ou fallemos em outra coisa.

—Causam-lhe odio as minhas palavras, senhor barão?

—Não, senhor, não é odio... eu só soube o que era odio uma vez na minha vida... Mas de que servem essas tristes lembranças? O passado, passado.

—Pois então escute-me, por quem é... Deixe-me gosar os instantes mais tristemente deliciosos da minha vida. Eu sinto-me bom emquanto lhe fallo assim. Faça-me o sacrificio de me ouvir... senão, eu levo d'esta casa um pêso sobre o coração, que póde ser a causa da minha morte, ou da minha demencia.

O barão, quasi forçado pela mão do interlocutor, sentou-se, não erguendo para elle a vista embaciada de lagrimas. Amaral proseguiu:

—Foi um arrojo de nobreza, senhor barão, a sua tentativa contra a minha vida. Eu não merecia a morte, porque Deus sabe que eu amava muito Augusta, e pelo amor d'ella perdoar-lhe-ia a morte, se eu tivesse tempo de conhecer a causa d'ella. O homem que amava Augusta, roubada por mim a um porvir de paz e felicidade, tal homem deveria ser absolvido do seu crime, matando-me.

—Por quem é...—atalhou o barão—por quem é não me falle n'essa desgraçada loucura. Eu tenho medo de endoudecer, pensando que era a estas horas um matador, se não fosse ella...

—O matador fui eu... eu é que tive sobre mim a responsabilidade d'um homicidio! O senhor tentou contra a sua vida, voltou para si a arma que devia matar-me, cahiu ensanguentado na terra, sem pronunciar uma palavra contra ella, nem contra mim... Eu sou um grande mise-

ravel ao pé de si, senhor! A minha vida está cheia de infamias, que o mundo invejou e applaudiu; e a sua é um complexo de heroismos... que eu tive, até ha pouco a villania de não querer comprehender. O digno d'essa mulher, sanctificada pela amargura, era o senhor... só o senhor... Eu roubei-lh'a pura, innocente, docil á mão do verdugo. Entreguei-lh'a martyr, pungida de remorsos, envergonhada da sua consciencia; mas... era assim que o senhor devia acceital-a para que se fizesse o milagre do seu amor... Foi um acaso que lhe deu esta opulencia? Não foi, não. Está em tudo isto o dedo da Providencia; era necessario que eu viesse aqui trazido pela mão da desgraça, coberto de sangue, erguido da lama das ruas, para abrir os olhos em casa do barão d'Amares, que apresentou aos olhos de sua mulher um perverso punido, não por elle, nem por ella, que o acolhem ambos, que lhe dão um agazalho de irmãos, e que devem por fim julgal-o bastante castigado n'este mundo.

—Senhor Guilherme... basta, que me está affligindo muito. Se me deve algum beneficio, pague-m'o, pela sua honra lhe peço, calando-se...

O barão, assim fallando, machinalmente abrira os braços a Guilherme, que não ousára dar essa effusão ao vehemente desejo que lh'a pedia. Reinou um silencio de sublime poesia n'esse abraço. O barão, por um instincto infallivel das almas nobres, conheceu que Amaral era digno d'elle.

Guilherme estava extenuado de sentir e fallar. Fôra muito rijo o abalo, e a sua debilidade não podera resistir-lhe. Fizeram-se-lhe desmaiadas como cera as faces, e as palpebras, trémulas como a luz que lhe feria os olhos tur-

vos, desceram sobre as manchas côr de violeta que lhe orlavam as orbitas.

O barão lançou Amaral sobre a cama, e tocou a campainha. Amaral fez-lhe um signal significativo de silencio. Era tarde para impedir a entrada de Augusta, que foi, espavorida, como se o marido alli não estivesse, quasi encostar a face aos labios de Amaral.

O barão ia retirar-se, sem attentar no impeto de sua mulher, quando Guilherme, alliviado do instantaneo vágado, se sentou no leito, passou as mãos pelos olhos, soltou um profundo suspiro, e murmurou:

—Hão de ouvir-me ambos. Isto passou, senhor barão. Não é nada, minha senhora.

—Pois que foi?!—disse a baroneza.

—É a cabeça que não póde com o coração...—respondeu Guilherme vagarosamente—Eu bem sabia que um devia matar a outra. A demencia... é terrivel presentimento este!... a demencia virá rematar a minha negra vida?! Póde ser que sim... A lucta é de matar, e eu sou fraco... Quando é preciso ser bom... devo succumbir...

—Que mysterio!—exclamou Augusta.

—Mysterio não, minha senhora... Aqui é tudo claro como a luz... do inferno.

—Senhor Guilherme, que tem?—replicou ella vendo brilhar nos olhos de Amaral o spasmo lucido, que denuncia a loucura.

—O que eu tenho mais que ninguem, meus amigos, é a graça do céo, se é graça do céo esta necessidade de chorar. Acreditará alguem o que eu estou sendo!? O homem, sancto Deus, o que é o homem!

As ideias de Guilherme vinham tumultuosas, e des-

atadas. Sem dúvida um accesso febril era a causa d'essa desordem que a consternada Augusta, e o barão perturbado, julgaram demencia.

Ao cabo de alguns minutos Amaral recahiu prostrado sem accordo.

Emquanto os medicos não vieram, o barão repetiu como podia, a sua mulher, a scena que precedera o deliquio de Guilherme.

Augusta ouviu-o, adivinhando o que seu marido não sabia repetir. Permaneceu muda e pensativa um momento: depois, ajoelhou ao pé do leito, e disse com ancioso fervor: «Meu Deus! sêde misericordioso comigo! tirai-me d'este mundo!»

# XXIII

Ha de ser por força fastidioso o romance que se esmerar em ser a fiel pintura das coisas como ellas acontecem. Virão scenas repetidas, monotonia, aridez, frieza, abrimentos de bôca, emfim todos os dissabores que andam appensos á vida como ella realmente é.

Fica ahi um estirado capitulo, cheio de successos, não direi triviaes—porque é de crêr, e eu sinceramente o desejo, que o meu leitor ou leitora os não tenha experimentado em sua casa—mas trivialmente contados. Aconteceram assim; Guilherme do Amaral assim os contou ao poeta; a baroneza d'Amares assim as contou a Maria dos Anjos; e d'esta, e do poeta, assim os ouviu este vosso servo.

Ao poeta foi assim que Amaral contou o resto da sua historia em casa do barão d'Amares. Imagine o leitor que os tem, outra vez, juntos na *Aguia d'Ouro,* que tem sido, n'este e no anterior romance, o quartel general de operações do meu heroe. Amaral chegára de Lisboa quinze dias depois de annunciar ao barão a sua sahida. O litterato procurou-o, e, com tanta reserva e tão justo despeito por causa do ingrato procedimento de ambos, que não proferiu o nome de Augusta.

—Não me fallas na baroneza! É-te de todo indifferente?!—disse Amaral maravilhado, depois que o jornalista, esgotados os ditos communs de quem nada tem que dizer, parecia querer retirar-se.

—Não me é indifferente a baroneza—disse o poeta. —Prova de que a respeito muito, é evitar eu quanto posso o recordal-a. Essa mulher mostrou-se-me por fim ingrata e mulher, como não é permittido serem aquellas que viram ao pé de si, na desgraça, um coração condoido e respeitador.

—Porque te queixas?

—Eu não me queixo, pasmo do silencio d'essa senhora desde que eu sahi de Lisboa.

—E escreveste-lhe tu?!

—Não; e escrevia-lhe eu, quando nas suas melancolias me fazia duas vezes por semana o seu confidente?! Era, portanto, uma amizade de reflexo, que ella me tinha... Assim que o meu amigo Amaral se aproximou, a minha presença era um estorvo, e eu, que tinha sido testemunha das amarguras, não podia sêl-o dos contentamentos...

—Que contentamentos?! Ignoras tudo...

—E quero tudo ignorar, Guilherme. Eu entendi Augusta, e era ella a unica face de mulher que me faltava vêr... Augusta disse-me muitas vezes que levaria o heroismo da resistencia até á morte. Quiz-me convencer, e quasi o conseguiu, da inutilidade das tuas tentativas. Deu-se ares d'uma fortaleza que era mais orgulho que virtude. Quando te viu, sentiu o derradeiro abalo á sua fraqueza, que soubera esconder de mim e de si com o artificio de palavras grandes e solemnes. Previu a quéda, e quiz desviar-me da sua presença, tinha pejo de succumbir á minha vista. E fez bem... concedo-lhe por isso a virtude de pudor, que é a primeira de todas.

—Mas tu—interrompeu Amaral—estás infamando a

pobre mulher!... Augusta está illibada como a deixaste; a virtude da paciencia na tortura está hoje, se é possivel, mais acrisolada, mais perto do céo, onde irá repousar brevemente. Eu não sei o que houve entre ti e ella para assim se cortarem as vossas relações. Fosse o que fosse, a mim parece-me que a ouço supplicar-me que te conte a historia das suas ultimas lagrimas para que lhe restituas a tua estima. Queres tu ouvil-a por delicadeza? Desejas que a infeliz senhora se rehabilite na tua consciencia, e te mereça mais piedade que desdem?

O jornalista, commovido á intonação dolorosa com que Amaral proferiu estas palavras, ouviu a historia que o leitor já sabe até á entrevista com o barão, rematada pelo episodio de Augusta, ajoelhada ao pé do leito.

Guilherme continuou assim:

—Quando recuperei os sentidos e vi Augusta, pedi-lhe que na manhã do dia seguinte me concedesse a sua sege para eu ser conduzido ao *Hotel de Bragança,* onde completaria a minha convalescença.

Augusta contrariou a minha resolução; fez até intervir o marido pedindo-me que não arriscasse a cura. Desgostou-me vêr o pobre homem obedecer tão submisso aos rogos de sua mulher. Respeitava-o tanto, que me pesava vêl-o expôr-se assim aos apodos dos seus inimigos. A minha historia com Augusta era pública depois do duello. Alvaro da Silveira repetia-me os ditos mofadores com que a sociedade recompensava o honrado proceder do barão com o antigo amante de sua mulher. Ella, porém, ameaçava uma demencia!... Por fim as suas lagrimas eram das que a consolação azéda mais.

Resolvi, portanto, sahir sem me despedir. Alvaro

proporcionou-me a sahida, n'uma madrugada. Deixei a Augusta uma carta; na carta de Augusta inclui palavras de reconhecimento a seu marido. Sahi com o coração despedaçado... Dir-se-ia que era assim preciso lacerál-o, e dos pedaços formar um novo coração para a virtude.

Eu suppunha que a sege me conduzia ao *Hotel de Bragança,* e achei-me em casa de Alvaro da Silveira. Foi uma feliz surpreza! Em casa d'estes virtuosos esposos respirava-se a ventura, o aroma dos anjos, um ar vital de consolação e amor do céo, que eu não saberei dizer-te o que era, nem o sentir suavissimo que me dava. Has de crêl-o!? eu ouvi muitas vezes por acaso, n'um sanctuario, o murmurio das orações d'um homem de trinta e cinco annos! Um homem, cujo principio de vida na sociedade, foi a libertinagem estrondosa! A minha alma abalou-se... não sei que tempo se demorará esta commoção; é cedo para eu me elevar á altura de virtude que ella poderia dar-me; por emquanto apenas sinto que a religião é muito necessaria aos infelizes... e mais nada.

Maria dos Anjos disse-me uma vez, quando o meu restabelecimento estava ultimado, se eu queria vêr Augusta. Respondi-lhe que sim, na presença d'ella, com tanto que uma tal visita não fosse a occultas do marido.

Esta resposta foi bem acolhida da baroneza; marcou-se o dia do nosso ultimo encontro, Augusta veio; pronunciou poucas palavras; estava convulsiva e febril. Chorou sempre.

Fez uma despedida precipitada, e lançou sobre a minha cadeira esta carta. Lê, meu amigo.

O poeta leu mentalmente a seguinte carta:

«Agora que tudo acabou para nós, filho da minha «alma, posso dizer-te que me salvaste. Eu cuidei que a «força da virtude estava em mim, e a força que sinto dés-«te-m'a tu. Julguei-me forte; puniu-me Deus, abaixando «a minha soberba até me deixar esmagar por ti, se qui-«zesses fazer de mim uma criminosa mulher. Orei mui-«to, chorei muito depois que te vi ao pé de mim, Gui-«lherme. Pensava eu que do céo me viria a fortaleza, «que serias tu o fraco e eu a mulher digna da sua posi-«ção e gloriosa do seu martyrio. Enganou-me a minha «fé, e terrivel foi esta illusão! Parece-me que fugiram da «minha alma todas as crenças. Se não estou, a estas ho-«ras, entregue á tua vontade, coberta do opprobrio com «que o mundo galardôa as paixões d'esta força em infeli-«zes como eu, a ti o devo, Guilherme. Não m'o agrade-«ça a sociedade, nem meu marido, nem a religião... o «triumpho é teu; se ha gloria em suspender pelos cabel-«los uma mulher que vai alegremente despenhar-se, essa «gloria tem-n'a, meu irmão, meu bemfeitor!

«Não torno a vêr-te! Agora, sim, a perdição está «consummada! Faltava-me esta agonia final... d'aqui á «da morte está o tempo rapido e longamente atormenta-«do como são os dias de quem sentiu entrar-lhe no cora-«ção o gêlo do tumulo. Ámanhã estarei resignada!... «ninguem me ouvirá um gemido... já não posso chorar «mais. Será a resignação de quem se lança nos braços «da morte com os olhos postos na justiça divina. Vou «d'este mundo muito criminosa. Não poderei repousar «no seio de minha sancta mãe... d'aquella pobre mu-«lher, para cujo enterro me déste uma esmola, Gui-«lherme.

«Para onde vaes tu? Qual mulher será a que vai me-
«recer o teu grande coração? Que lagrimas dignas d'elle
«cicatrisarão as chagas que eu abri! Eras feliz se me en-
«contrasses morta, Guilherme! Eu não teria sido, como
«me disseste, a tua expiação. Poderias chorar-me quan-
«do a tua hora de remorso te visitasse; mas permitta o
«céo que as dôres do resto da minha vida e as passadas
«tenham na presença de Deus o merecimento da tua feli-
«cidade.

«Tu és um homem por quem devem pedir todas as
«pessoas ouvidas no céo! Almas como a tua, vem cum-
«prir a este mundo uma dolorosa condemnação. Os teus
«crimes, e ainda as tuas faltas, serão sempre seguidas da
«punição que a tua propria consciencia te inflige. A so-
«ciedade cuida que te castiga, e tu bebes voluntariamente
«o veneno das tuas proprias dôres.

«Vês como te fallo, Guilherme? Começo a sentir be-
«neficios do céo. Pedi muito a Maria Sanctissima que me
«deixasse acabar esta carta, como se a estivesse escreven-
«do a um irmão querido que não devo vêr mais sobre a
«terra. Que lhe diria eu? A eternidade não é uma menti-
«ra, meu irmão. Sejamos ambos atribulados pela mesma
«saudade, offereçamos ao Senhor as nossas penas, esteja-
«mos abraçados em espirito até ao fim d'esta tortura, e
«depois... veremos o que é chorar e soffrer, e esperar
«com paciencia... lá... no céo!... Adeus.»

—E não a viste mais, depois d'esta carta?—pergun-
tou o jornalista.

—Não. Maria dos Anjos, visitando-a todos os dias,
nunca me fallou d'ella; apenas dava como causa das suas
visitas quotidianas estar a sua amiga de cama. Mas Alvaro

disse-me que a baroneza premeditava entrar n'um convento do Porto, com consentimento de seu marido, e Maria dos Anjos trabalhava em destruir um plano, cuja execução o publico explicaria d'um modo desagradavel ao seu bom nome, visto que o convento nunca se julga o refugio d'uma senhora honesta, se ella é casada. Eu pedi a Alvaro que animasse as instancias de sua mulher em despersuadir Augusta d'uma tamanha ingratidão ás bondades de seu marido. Escrevi-lhe até, quando me disseram que era inabalavel a resolução, porque entrava n'ella o escrupulo religioso de dar penas ao marido com as suas incessantes lagrimas. Não respondeu á minha carta. Lendo-a, disse a Maria dos Anjos: «Farei o que elle quizer: hoje é consolação para mim receber da mão d'elle o meu calix d'amargura.

«Sahi de Lisboa apressadamente, quando Alvaro me disse que o barão d'Amares, vencido finalmente pelos continuados desgostos, não podendo já testemunhar os irremediaveis padecimentos de sua mulher, tencionava sahir de Portugal, a pretexto de viajar, esperando morrer lá fóra onde a saudade o matasse.

«Era capaz de cumprir a sua palavra o infeliz Francisco; seria até capaz d'um suicidio, longe de Augusta, para que se não imputasse a causa aos mysteriosos amores de sua mulher, principalmente depois que eu entrei em sua casa.

«Sahi pois de Lisboa, meu amigo. Não sei mais nada. Aqui me tens outra vez, rodando na minha orbita. É uma bella existencia a minha, não achas?

—Deixa-me fazer-te uma pergunta, que é a chave do

romance que podia escrever-se da tua vida. Augusta... não sei como hei de fazer-te a pergunta...

—Sei eu: queres perguntar-me se Augusta é digna da alta opinião com que me encareceste a sua virtude de mulher casada?

—É isso.

—Se sabes a minha historia—tornou Amaral—porque te não respondes? Estás de animo frio, e pódes melhor que eu avaliar o quilate da virtude da baroneza.

—Penso que me enganei...—disse com um sorriso de equivoca intenção o poeta.

—Que te enganaste?! quando?

—Quando rebaixei todas as mulheres, aferindo-as no padrão de Augusta, que eu colloquei acima de todas. Sinceridade, Amaral... Tu vencias, se quizesses.

—Não sei. A lucta não existiu desde que a vi ao pé de mim, contemplando-me ferido. Até então bem sabes qual foi a resistencia, e as torturas que lhe custára. Depois não me perguntes se venceria, porque eu acho até infame a ideia do combate. O que posso dizer-te é que Augusta me beijou as mãos com arrebatada ternura, quando eu lhe disse que a ausencia de seu marido não consentia mais liberdade ás minhas palavras. A mulher que faz isto é capaz de morrer, amando sem deixar vêr a face criminosa do seu amor.

—Mas...—redarguiu o litterato—será diminuir-lhe o merito, concedendo-te a ti a melhor parte na victoria que ella alcançou sobre a sua paixão?

—Não quero que o merito de Augusta seja cerceado para augmento do meu; todavia se posso ter com ella uma parte na gloria, será essa a unica palma honrosa da minha

vida. Lembrar-me-hei sempre que, tendo-a infelicitado, não a levei ao extremo da desgraça... podendo...

—Talvez leval-a...—atalhou o poeta—É essa justamente a minha opinião. Enganei-me...é onde bate o ponto. Foi o corollario que eu tirei de todos os meus estudos, em que muitas vezes gastei a sensibilidade do coração; e estes estudos querem-se feitos sómente com a cabeça. Augusta foi salva pelos brios de Guilherme do Amaral. Se te não prostram ferido na rua, se o barão te não paga a hospitalidade que lhe déras, Augusta succumbia ao amor, ou á morte. Entre martyr e adultera não saberia manter o meio termo, o extremo heroismo, que é a dôr com a paciencia, a lucta entre o dever e a paixão. Eu sou sempre o mesmo homem rasgadamente franco, Amaral. Augusta hoje deve ter para ti um valor tanto mais subido, quanto o teu amor proprio precisava d'essa victoria. Como homem de brios, voltaste contra ella as forças da vaidade irritadas; como homem de brios, retiraste, quando ella sem declarar-se vencida, supplicava com lagrimas a tua misericordia. Ella é ainda grande, é distincta do vulgar; mas tu és maior, és sublime. Em resumo: está tudo acabado, não é assim?

—Tudo acabado, não...Ainda vivemos todos.

—E o teu destino, agora?

—É o destino dos homens no ultimo quartel da existencia...vou esperar a morte debaixo do tecto onde meus paes morreram tranquillos, cheios de consoladoras memorias. Salvei dos meus naufragios um resto de poesia que me povoará de imagens doces o êrmo. Hei de buscar no trabalho entorpecer a agitação da alma. Espero do tempo, não digo outra primavera, mas os confortos que podem

[illegible] consideral-me [illegible] não [illegible] [illegible] Fa- [illegible] militante [illegible] [illegible] as migalhas que [illegible] [illegible] nobre [illegible] a mi- [illegible]

[illegible] o jorna- [illegible] o barão de Bou- [illegible] annunciar.

[illegible] o barão de Bougas, o [illegible] Eulalia [illegible] cincoenta annos, extre- [illegible]

[illegible] as [illegible] d'aquella [illegible] que a filha do viscon-de da [illegible] a primazia.

[illegible] lhe [illegible] a impressão momentanea que Amaral causou na [illegible].

Pois em verdade [illegible] essa impressão. Eulalia [illegible] a causa da repentina ausencia de Amaral [illegible], que lhe dava largas para similhantes [illegible], soube que a sua pupilla amava Guilherme. Deu-lhe esperanças, applaudindo-lhe a inclinação, e informou-se do viver de Amaral em Lisboa.

O tempo não desvaneceu a impressão de Eulalia. O jornalista era muitas vezes interrogado por ella ácerca de Guilherme. Foi ella a primeira que soube da sua chegada;

e com o consentimento do barão mandou, em seu nome e de sua tia, cumprimental-o á hospedaria.

Veio depois o barão de Bouças. Insinuou-se pelas mais encruzilhadas veredas até chegar a uma proposta de casamento. Guilherme respondeu delicadamente que não podia fazer a felicidade de mulher alguma, porque estava pobre; e não podia tambem receber a felicidade da riqueza d'alguma mulher.

O barão, em ultimo recurso, tractou o casamento por meios mais lisongeiros para Amaral, dizendo-lhe que seria elle muito cavalheiro recompensando o grande amor que soubera inspirar á sua pupilla. Amaral replicou ainda que o seu amor tinha o fatal condão de fazer desgraçadas as mulheres que lh'o acceitavam, e a suprema honra d'um homem assim fadado era fugir ás infelizes que lhe faziam a esmola do seu coração.

Imaginava o jornalista que o seu amigo estava ainda debaixo do dominio dos romances. Não ousava ferir a independencia de Amaral, fazendo a apologia dos cento e cincoenta contos; mas esperava que a reflexão viesse destruir o romanticismo, que lhe impunha tamanho sacrificio, relegando-o tão de subito aos prazeres da sociedade que os seus poucos bens de fortuna já não podiam haver. N'esta prosaica supposição, indigna d'elle, instigava o barão de Bouças á continuação das suas tentativas, e por seu lado induzia Guilherme a sahir do seu quarto, onde, desde que chegára, passava as horas livres sopitado em lethargica tristeza.

Grande foi o espanto de ambos, quando Guilherme do Amaral, sem corresponder aos cumprimentos dos seus amigos do Porto, partiu inesperadamente para a Beira-Alta!

Na vespera, porém, da partida alguem o viu no cemiterio do *Repouso* com os braços cruzados diante de uma lapida, os olhos cheios de lagrimas, e o rosto assombrado de soffrimento acerbo.

Viram-no tambem com os olhos fitos na casa onde morou Augusta na rua dos Armenios; e os moradores da casa do Candal disseram, que um homem triste, vestido de preto, pedira licença para que o deixassem visital-a por alguns minutos. Accrescentaram que sahira tão suffocado, que mal se lhe entenderam as palavras de agradecimento.

Estas dôres são das que se não descrevem. Os que tiverem experimentado taes agonias, privilegio amargo dos corações distinctos pelo sentimento da saudade, escusam que se lhes descreva Amaral n'esses momentos.

Ora, os que não as experimentaram, esses não me entenderiam.

# CONCLUSÃO

O author conheceu, e é amigo do litterato que bastantemente contribuiu para o arranjo d'esta chronica.

Faz em agosto tres annos que nos encontramos, ao fim da tarde, n'um aprazivel passeio por aquelles formosos sitios do Candal.

Por lá demoramos, já de noite, e só voltamos saudosos do fugitivo gôso de uma conversação espiritual, quando a lua se escondeu no mar, e os prados e as florestas escureceram.

O assumpto da conversação foram Guilherme do Amaral e Augusta. A historia lá ficou interrompida no ponto em que se encontram o romance ONDE ESTÁ A FELICIDADE? com O HOMEM DE BRIOS.

No mesmo local, e ás mesmas horas do dia seguinte, o meu amigo contou-me o seguimento e o remate d'este verdadeiro conto.

Reproduzirei de memoria as ultimas paginas como as ouvi do litterato, pouco mais ou menos. Disse elle, por fim:

—Guilherme do Amaral, algumas semanas depois que sahiu precipitadamente do Porto, escreveu-me. A longa carta do meu infeliz amigo denunciava profunda melancolia. A pagina menos triste, era como um hymno á esperança da morte proxima. N'esta espectativa parecia

estar o unico repouso do espirito desvairado de Guilherme. O que mais que tudo me espantou, foi, n'essa pagina em que chamava a morte abençoada, as ideias religiosas do meu amigo. Dizia-me que lêra tres vezes, com ancia de desgraçado, a IMITAÇÃO DE CHRISTO. Que olhára em deredor de si procurando o claustro, e amaldiçoára a sociedade impia que destruira a guarida aos infelizes que ella fazia. No livro de Gerson, dizia elle que encontrára as palavras consoladoras de sua mãe, quaes muitas vezes lh'as repetira ella. Em ar de superstição continuava elle dizendo que encontrára este livro, que fôra de sua mãe, entre os centenares de volumes dos seus romances, não o tendo elle lá deixado, nem sabendo quem o pozesse alli. Terminava por aconselhar-me este livro dos anjos, quando a philosophia dos homens não remediasse as minhas tribulações.

«Eu entendo cabalmente esta exaltada fé. Por força devia florir a planta da religião nas profundas solidões da alma de Guilherme. É impossivel o vacuo em certos corações. Se as fontes da terra só lhes vertem fel, o infeliz foge com o coração a enchel-o das correntes do céo. O infortunio é a tremenda lição dos crentes, se elle é a consequencia do crime. O malvado tarde conhece que é desgraçado por expiação; mas o homem de boa alma, degenerado á feição dos vicios da sociedade que o educou, esse tal reconhece-se o holocausto das suas proprias culpas, e lança-se com extremosa fé aos braços de Deus. Tenho encontrado muitos exemplos d'estas conversões que assombram e offendem os espiritos pequenos. Tenho chamado á razão alguns philosophos saturados de racionalismo impio, e deploravel ignorancia do coração humano. Ninguem acceita

a instantanea conversão d'um atheu para Deus, sem zombaria, sem injuria, sem sarcasmo.

«Eu comprehendi, pois, Guilherme do Amaral. Nunca elle me pareceu tão digno d'amigos, e tão visivel na face boa de sua alma. A perversidade, meu amigo, é a obduração inteira da alma, é o cynismo sem rehabilitação, é o ir ao fim da vida experimentar paroxismos horriveis, que são talvez as dôres d'um adeus violento aos gôsos sordidos, ás paixões infames.

«Vamos ao conto—proseguiu o poeta—eu sou peccante em divagações moralisadoras, quando creio que m'as acolhem sem fastio. É o rheumatismo das almas velhas este fallar em fórma de maximas. Ora vamos lá, sem interrupções, porque eu tenho de lêr-te uma carta, e é quasi noite.

«Não respondi á carta de Guilherme. Parti immediatamente para a Beira-Alta.

«Recebeu-me nos braços, e chorava como creança. Eu tinha cá dentro este molle coração, que já agora ha de morrer assim, e chorei tambem. Pois se eu via tão desfigurado o meu pobre Guilherme, que havia de eu fazer senão chorar?! Tinha a barba toda, e estava da côr de um morto. A luz dos olhos, que dardejavam lume, apagára-se deixando uma nevoa como a da torcida da alampada que se apagou embaciando os vidros com o fumo. Eu não atinava com o que era bom dizer-se a um homem assim! Guilherme conheceu o meu assombro, e disse-me que eu estava recebendo a impressão que elle recebia defronte d'um espelho.—Julga da alma—continuou elle—pelo que vês no corpo. Foi Deus que te aqui mandou; e olha, meu amigo, a tua vinda não me surprendeu. Ha pouco abri ao

acaso a minha IMITAÇÃO DE CHRISTO, e li estas palavras: *Espera um pouco.* Fechei o livro, para sentir as commoções da incerteza no que devia esperar. Lembraste-me tu. Ha dias que me soam nos ouvidos da alma as tuas palavras proferidas em varias épocas desde 1844. Tens vivido espiritualmente comigo. Não me é difficil crêr hoje em todas as maravilhas do magnetismo. Talvez que a minha dôr possa ir a distancia commover uma alma generosa; e, como eu só posso contar com a tua, só tu podias vir ao meu chamamento.

«Amaral fallou longo tempo, sem deixar-se interromper. Dois mezes de solidão explicavam a torrente impetuosa das palavras, em que, a meu grande pesar, conheci desapêgo, desconnexão, e não sei que destempero de mau agouro.

«Contou-me a sua vida, desde que me deixára. Chegou a casa: abriu portas que não se abriam havia oito annos; entrou nos vastos salões, onde recebeu uma impressão de medo; foi ao quarto de sua mãe, cujo ambiente rescendia ainda o cheiro acre do cadaver d'ella, que d'alli sahira ao mesmo tempo que as janellas se fecharam oito annos ao ar e á luz. Fez-lhe terror tudo isto. Cahiu n'um lethargo de constricção d'alma, e viu-se solitario, sem irmã, sem amigo, sem uma alma que o acompanhasse n'aquelle supplicio.

«Esteve quasi a abandonar a casa, e fugir sem destino. Os caseiros, que habitavam uma casa contigua á d'elle, eram as unicas pessoas que vieram, primeiro, saudar a boa vinda do fidalgo. Viram-no, e tiveram medo d'elle. Cumpriam a tremer as suas ordens, dadas sempre de modo que mal se percebiam. Traziam-lhe o comer ás horas, e

quasi sempre retiravam intacto um quando traziam o outro.

«Sabida a chegada de Amaral, vieram das cercanias alguns parentes visital-o. Amaral negava-se; apenas recebia a convivencia do capellão, que vinha, em dias sanctificados, dizer missa em sua casa. O povo, que se agglomerava na capella, não tirava os olhos d'elle, que estava ajoelhado a um canto do côro. Uns diziam que o fidalgo era um sancto; outros, benzendo-se, diziam que o demonio andava n'elle em guerra com o anjo custodio; outros, finalmente, diziam que o fidalgo era lobishomem, opinião esta que maior voga teve, porque o proprio caseiro a confirmava jurando que, a horas mortas, ouvia grande estrupicio de galope no lagedo da calçada que lhe passava á porta.

«Amaral dava azo ás innocentes conjecturas do caseiro, sahindo a cavallo de noite, e recolhendo-se ao arraiar do sol. Passeava longas horas n'um salão, e algumas vezes corria o teclado dissonante d'um velho cravo em que sua mãe já não tocára nos ultimos annos da sua vida. Algumas notas tristes, no meio d'aquelle sepulchral silencio, o que faziam era exacerbar-lhe a angustia. Ia á livraria. Folheava um romance, depunha-o com impaciente fastio; escrevia algumas linhas n'um album; abria outro livro, e outro, e outro, sem apêgo, até que uma vez abriu a IMITAÇÃO DE CHRISTO, e leu:

«Filho, eu sou o Senhor, sou o conforto no dia da tri-«bulação.

«Vem a mim no afôgo da tua angustia.

«Tarde te chegas a orar, por isso não sentes ainda a «consolação celeste.

*

«Buscas consolações em ti, buscas consolações no «mundo antes de as pedires a mim.»

«E continuou até ao cabo a leitura do tocante capitulo.

«Assim me contou elle, com o livro providencial na mão, a historia da sua nova consciencia, o como lhe nasceu o desejo da morte, o morrer tranquillo que a sua religião lhe promettia; disse tudo que o ascetismo sabe dizer em bem dos infelizes; mas como já te disse, não coordenava as suas ideias, destruia a theoria da immortalidade da alma com outra firmada no aniquilamento absoluto, sujeitando-as ambas ao bem incomparavel da morte.

«Quiz distrahil-o. Pedia-lhe que me acompanhasse a Vizeu, a S. Pedro do Sul, a Lamego, ao rico paiz do Douro. Dava-me esperanças de ir, e nunca fixava o dia. Quando conheci a impertinencia dos meus pedidos, abstive-me de fallar n'isto. Lia-lhe algumas horas de cada dia livros de philosophia do seculo XVIII que elle nunca abrira. Ou me não ouvia, ou rejeitava as ideias. Ouvindo-me lêr um dos capitulos do *Espirito de Helvetius,* arrancou-me o livro das mãos, e queimou-o, dizendo: «Já ouvi lêr este livro á sociedade, desde a mulher de quatorze annos até ao velho corrompido de oitenta. Sei-o de cór; tenho-o reimpresso no coração com letras de fogo.» Continuou assim n'uma apostrophe desordenada. Peguei da *Sagesse de Scharron;* arrebatou-m'o tambem, dizendo: «a verdadeira sabedoria é esta» e fez-me lêr alguns capitulos da IMITAÇÃO. Não queria outro livro. Custou-me muito a vencer-lhe um impeto de queimar uma vez toda a sua bibliotheca. Receei que elle endoidecesse.

«Um terrivel incidente veio aggravar a vacillante ra-

zão do meu amigo. Foi uma carta da baroneza de Amares, entregue por um portador que viera de Lisboa com esse fim. Entregada a carta, o portador voltou pelo mesmo trilho, e não esperou resposta. A luz é escassa—proseguiu o poeta—mas eu quasi que a sei de cór. Agora leio-t'a e ámanhã dar-te-hei uma cópia, porque eu sei que vaes escrever um livro, que ha de ser recebido como coisa de imaginação, e tu se quizeres capacitar incredulos, terás na tua pasta documentos persuasivos. Ora ouve lá:

«Já sinto a morte, Guilherme. A bem-vinda do Se«nhor tomou posse da tua amiga. Começo a ser feliz, «devo dar-te quinhão das minhas alegrias. Alguma vez «o Altissimo devia permittir por sua infinita bondade que «eu podésse dizer ao meu companheiro de desgraça que «sou feliz, que comprehendo a alegria dos justos, que «me sinto convencida de ter pago, soffrendo muito, o «mal que fiz. Isto ha de chegar ao teu bom coração, Gui«lherme. Tu gosas comigo; não podem ser-te indifferen«tes os bens que o céo concedeu á tua pobre Augusta, que «tanto soffreu, que tão opprimida foi, que tanto tem pe«dido ao Senhor a tua felicidade!

«Fui ouvida, meu amigo. Estou tisica; dizem os me«dicos que é estar tisica sentir-se a gente desfallecer, con«sumir como a tenue nuvem que se desfaz sem estrondo; «vêr pouco e pouco debilitar-se a luz da vida, escurecer «o que nos rodeia, alumiar-se o outro mundo da espe«rança... agonisar sem dôr... É isto morrer tisica, «meu amigo? Não, não; parece-me que ha aqui uma «transfiguração de que o corpo se não sente. Emmagre«ço, estou cadaverica, não posso transportar-me sósinha

«do leito para uma cadeira; mas não me doe nada, ainda «vejo as flôres, ainda sinto o perfume d'ellas, toco-as, e «sinto a frescura das folhinhas. A minha alma está cheia «de vida, reconhece tudo, lembra-se de tudo, vê o que «não via, descortina-me o futuro, o infinito, que eu não «sei dizer-te o que é, como o vejo, e onde é que o mundo «tem imagens com que possa comparar-t'o?

«Aqui estou eu agora a escrever-te sentada na minha «cama, gosando a luz azulada que se côa dos transparen- «tes. É uma atmosphera ideal esta! Lembra-me tanto o «meu pequenino quarto do piano no Candal! Se soubes- «ses que prazer, misturado de amargura, eu senti quan- «do encontrei uns transparentes similhantes aos que lá «tinha no meu Candal, no nosso paraizo, d'onde nos ex- «pulsou o anjo de Deus!... de Deus?... não! não di- «gamos de Deus, que é blasphemia... E seria! quem «sabe dizer como se executam os planos da Providencia?!

«Estou a escrever-te, meu irmão, e não sei onde es- «tás. Ter-te-ha o Senhor chamado a si? Estarás tu espe- «rando a tua amiga no logar que a misericordia divina «reserva para os grandes desgraçados? Tu estás vivo, fi- «lho. Se tivesses morrido, o meu coração tinha-m'o dito, «e eu pedia com muito fervor o meu trespasse... Has «de lêr a minha carta, este *adeus até logo,* esta expansão «da alma que vai sahir do mundo abençoando tudo, dô- «res, alegrias, amigos, inimigos, tudo, tudo, porque eu «sou muito feliz, e devo á desventura de oito annos este «paladar que me faz tão doce o que os sempre ditosos «chamam fel da morte.

«E então, meu Guilherme, como tens tu vivido? onde «estás no momento em que recebes esta carta? Tu cho-

«ras? Pede ao Senhor que te deixe sentir um jubilo igual «ao meu. Não chores, porque eu tenho a certeza de que «nos vamos encontrar. Não é da febre esta visão. O meu «pulso bate regular. O coração arfa com o resto de san- «gue que tenho; é porque a morte está n'elle; mas a alma «está tão banhada de luz, tão tranquilla, tão amorosa de «Deus e de ti! Olha, filho, sabes o que eu penso agora? «É que não houve crime no nosso amor; não houve, não; «se fosse crime amar-te tanto, eu não sentia isto que sin- «to por ti, agora que estou tão perto do meu fim, que te- «nho a consciencia tão pura como aos doze annos, quan- «do eu ia vestir de grinaldas de flôres aquella cruz que «está no alto do *Monte dos Judeus*... Lembra-me tudo!... «Uma vez sentei-me, fatigada de brincar, n'uma pedra, «e vinha passando a cavallo uma senhora ingleza muito «doente, e muito triste. Parou ao pé de mim, pediu-me «umas boninas que eu tinha em ramalhete, e eu dei-lh'as «muito contente, e perguntei-lhe se ella estava doenti- «nha. Disse-me que sim, que estava muito doente, que «ia colher flôres no céo que me daria em troca das mi- «nhas flôres. Perguntei-lhe como eram as flôres do céo; «e ella, sorrindo com os seus labios de anjo, disse-me «que eram as orações dos bemaventurados pelas pessoas «que n'esta vida arrastavam sobre espinhos uma vida af- «flicta. E eu não a entendi então; e nem isto me lembrou «senão agora! Será ella que pediu por mim, Guilherme? «Eu vou tambem colher para ti as flôres do céo, porque «não és feliz, pois não, meu amigo?

«Entrou agora aqui meu pobre marido. Disse-me «com muito carinho que não escrevesse tanto, e eu disse- «lhe que me estava despedindo de meu irmão. Elle cho-

«rou, e sahiu. Valha-me Deus! que lagrimas são estas? «porque me choram? A nossa amiga Maria dos Anjos está «sempre a furtar-se aos meus olhos. Parece que antes «querem vêr-me soffrer! Ha pessoas que comprehendem «bem superficialmente a desgraça alheia! Como teem sem- «pre alguma esperança que as prende á terra, custa-lhes «a conceber a felicidade dos que morrem com alegria na «alma!

«Eu ouço uma voz a dizer-me que tu desejas morrer, «Guilherme. Era bom que eu me não enganasse! Então «sim, esta carta enchia o teu coração de luz, rodeava o «teu leito de imagens vestidas da côr do céo, fulgurantes «como a luz das estrellas... O que eu vejo, meu filho! «Não sinto da vida senão o amor que me prende a ti, e a «amizade do meu primo, da minha amiga; mas como é «este sentimento? Parece-me que vos estou amando a to- «dos n'um outro mundo, com o coração na terra, a alma «no céo, e os olhos em Deus, que me deslumbra, que me «arrebata!...

«E adeus, Guilherme! Tenho muitos pensamentos, «mas não sei... não posso escrever-t'os... São talvez a lin- «guagem precursora da outra vida... Agora começam as «lagrimas a cahir-me a fio, e não vejo o que escrevo. «Doem-me todas as fibras do corpo. Que é isto, meu Deus? «Será um castigo? Olha, Guilherme, já sei o que é... Pago «o meu ultimo tributo de amargura, porque estive escre- «vendo ao meu querido irmão que ainda fica algemado ás «amarguras da vida. Soffro por ti, filho, não é por mim. «Augmente-me o Senhor, em teu allivio, os meus soffri- «mentos. E adeus... Espera... esquecia-me dizer-te que

«deixo em poder de Maria dos Anjos um legado para ti...
«É o teu retrato, e um ramo de flôres. Não posso mais.»

«Esta carta—proseguiu o litterato—fez o abalo que tu imaginas no pobre Guilherme. A sua primeira idéia foi partir para Lisboa, e eu não me oppunha á sua vontade impetuosa; até queria seguil-o. De repente, porém, Amaral queixa-se de que lhe cravaram na cabeça um ferro em fogo vivo. Corre desesperado a casa, e eu não sabia o que fazer-lhe, e só a duas legoas de distancia havia um inhabil curandeiro. Depois de algumas horas de frenesi, Amaral fica prostrado e adormece. Quando acordou disse desvarios imperceptiveis, trocava os nomes dos objectos, e fitava em mim olhos de embriagado, spasmodicos e arraiados de betas sanguineas. Realisava-se o terrivel prognostico. Perguntei-lhe se sentia forças para a jornada a Lisboa; não me respondeu. Instei n'este estimulo, unico para avaliar o seu estado, e balbuciou alguns trechos desligados da IMITAÇÃO DE CHRISTO.

«Para abreviarmos, meu amigo, pois que são horas de recolhermos cada um ao coração reconcentrado as dolorosas recordações d'estas biographias, devo dizer-te que deixei ha dois mezes Guilherme do Amaral entregue a uns parentes de Vizeu, que o levaram para sua casa.

—Em que estado?—perguntei eu.

—Demente. E n'um d'estes dias deve aqui estar no Porto de passagem para o hospital dos doidos.

—E a baroneza d'Amares? essa já eu vi nos jornaes...

—Que morreu faz hoje quinze dias. Erguera-se do leito encostada a Maria dos Anjos. Descera ao jardim por conselho dos medicos. Quando atravessava o patim, viu subir a escadaria do lado da rua um criado com as gazetas